

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO
TECNOLÓGICO
COORDENADORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

CLÁUDIO DA COSTA

UMA REPRESENTAÇÃO POLÔNICA PELA MATERIALIDADE

CAXIAS DO SUL,

2018.

CLÁUDIO DA COSTA

UMA REPRESENTAÇÃO POLÔNICA PELA MATERIALIDADE

Texto de Dissertação apresentado ao
Programa de Pós-graduação em História -
Mestrado Profissional da Universidade de
Caxias do Sul como requisito final para
obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Professora Dra Eliana Rela.

CAXIAS DO SUL,

2018.

C837r Costa, Cláudio da

Uma representação polônica pela materialidade / Cláudio da Costa. –
2018.

134 f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa
de Pós-Graduação em História, 2018.

Orientação: Eliana Rela.

1. Acervo. 2. Identidade. 3. Memória. 4. Polonidade. 5. História da
Polônia. I. Rela, Eliana, orient. II. Título.

CLÁUDIO DA COSTA

UMA REPRESENTAÇÃO POLÔNICA PELA MATERIALIDADE

Texto de Dissertação apresentado ao Programa de Pós-graduação em História - Mestrado Profissional da Universidade de Caxias do Sul como requisito final para obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Professora Dra. Eliana Rela.

Aprovado: _____

Banca Examinadora

Professora Doutora Eliana Rela
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Professora Doutora Katani Maria Nascimento Monteiro
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Professor Doutor Rafael José dos Santos
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Professora Doutora Regina Weber
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Dedico este trabalho a todos os que
contribuíram para que este projeto
pudesse ser concluído. Em especial
a Regina, Graciela, Patrícia, Eloi e
Darcy (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e a todos os seres extrafísicos que têm me guiado e protegido. Gostaria de agradecer especialmente a minha família, que tem zelado e acompanhado minha existência com muito carinho, desde os primeiros instantes neste mundo. Obrigado por tudo.

Agradeço a minha mentora, professora Eliana Relá, por sua humanidade e profissionalismo. Às professoras do bloco H, em especial, Eliana Xerri, Katani, Marília e Vânia, e ao professor Rafael, pelos incentivos, convivência e coorientações. Aos colegas e amigos da graduação e da pós-graduação, em especial a turma do cachorro quente.

Agradeço o Museu Municipal de Veranópolis, na pessoa de Maria Salete Martinelli, por sua amizade e incentivo. Igualmente, a equipe do Centro de Documentação da UCS (CEDOC/UCS), na pessoa do professor Anthony.

Agradeço a UFRGS, na pessoa da professora Regina Weber, pelo profissionalismo e incentivo. Igualmente, as professoras de outras instituições.

Agradeço a todos os integrantes da Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa do Brasil (BRASPOL), com os quais tive a oportunidade de conviver, em especial dos núcleos de Veranópolis, Caxias do Sul, Porto Alegre e Nova Prata. Aos amigos pesquisadores da temática polonesa, Adriano, Rhuan e Iraci, pelo coleguismo.

Especial gratidão ao casal André e Vanda Hamerski por terem acreditado na seriedade da pesquisa, abrindo suas coleções documentais ao conhecimento. Obrigado pela solidariedade/acolhimento, assim como pela oportunidade de aprendizado.

Agradeço os Freis Capuchinhos, em especial, o Frei Moacir e Dom Angelo, pela disponibilidade e incentivo. Especiais agradecimentos ao padrinho Frei Celso, diretor do Museu dos Capuchinhos (MUSCAP), que mais do que ter me oportunizado aprender um pouco sobre artes, história e acervos, contribuiu indescritivelmente para que este estudo pudesse ser concluído.

Agradecimento colegas e ex-colegas do museu, pela convivência e solidariedade. Em especial a amiga Floreci, pelo apoio prestado; aos amigos Lucas e Fernando, pela hombridade e a amiga Susiele, pela parceria.

Agradeço aos colegas do Ateliê São Lucas, nas pessoas dos professores Cassiano e Juliane, pela amizade, ensinamentos e paciência. A todos os que compartilharam comigo momentos de reflexão/aprendizado durante o desenvolvimento desta pesquisa, em especial os amigos Igor, Anelise, Cristine, Rafael e Fernando. Meu muito obrigado!

“...Quem são eles? Quem eles
pensam que são?...”

Engenheiros do Hawaii

RESUMO

UMA REPRESENTAÇÃO POLÔNICA PELA MATERIALIDADE

Este texto expõe os resultados do trabalho de pesquisa realizado no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul (UCS), Mestrado Profissional. O trabalho teve por objetivo a organização de parte das coleções documentais, compêndios de publicações como livros, periódicos, impressos e documentos manuscritos, fotos, audiovisuais, mobiliário, entre outros, referentes à imigração polonesa, cultura polônica e polonesa, que até o momento integram o acervo pessoal do casal Vanda Stolarski Hamerski e André Hamerski. Esta pesquisa buscou registrar algumas das memórias que contribuíram na formação identitária do casal, lembranças de seus antepassados e outros tantos polônicos. Igualmente busca compreender como eles preservaram e (re)significaram tais representações de identidade. A metodologia de trabalho fundamentou-se nos preceitos da história oral e na análise dialética da documentação e historiografia. A metodologia do trabalho de campo (a organização dos acervos) baseou-se nas reflexões arquivísticas desenvolvidas pela arquivologia, com um olhar diferenciado devido à empiria da acumulação. O produto final consiste na problematização das coleções de documentos textuais/iconográficos e uma proposta de salvaguarda por meio de um arranjo documental. Os anexos elucidam uma amostra dos acervos colecionados. Por meio da construção narrativa, este estudo preocupou-se em propor a salvaguarda do patrimônio material e imaterial do casal, a fim de compreender as relações estabelecidas de uma vida entre culturas. Frente à impossibilidade de uma análise de todas as representações materiais, acervos coletados pelo casal, o trabalho deteve-se em contextualizar historicamente recortes espaço/temporais, fragmentos das vivências da juventude, formação acadêmica, atividade profissional, atuação política e cultural ligadas a essa identidade brasileiro-polonesa.

Palavras-chave: acervo, identidade, memória, polonidade.

ABSTRACT

A POLONII REPRESENTATION BY THE MATERIALITY

This text expose the results of research work in Program of Pós-Graduation in History of the Universidade de Caxias do Sul (UCS), Professional Master. The objective of this work is the organization of part of the documentary collections, compendium of publications such as books, periodicals, printed and handwritten documents, photos, audiovisuals, furniture, among others, relationeted to the Polish immigration, Polonii and Polish culture, which until now are part of the personal collection of the couple Vanda Stolarski Hamerski e André Hamerski. This research sought to record some of the memories that contributed to the identity formation of the couple, memories of their ancestors and other polonicos so many. Equally search understand how they preserved and (re)meant such representations of identity. The methodology of work was based on the precepts of oral history and in the dialectical analysis of documentation and historiography. The methodology of the workfield (the organization of the collections) based itself on the archival reflections developed by the archivology, with a different look due to the empiricism of the accumulation. The final product consists in the problematization of the collections of textual / iconographic documents and proposed the safeguarding by a documentary arrangement. The annexes elucidate a sample of the collections. Through the narrative construction, this study concerned to safeguarding the heritage material and imaterial of the couple in order to understand the established relationships of a life between cultures. In front of the impossibility of analysis of all material representations, collections collected by the couple, the objective of this work fixed in contextualize historically space/time cuts, fragments of youth experiences, academic formation, professional activity, political and cultural performance linked to this Brazilian-polish identity.

Key-words: collection, identity, memory, polonity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01 - Mapa do BRASIL - RS - Nova Prata.....	15
FIGURA 02 - Mapa da POLÔNIA - Łąq.....	56
FIGURA 03 - Mapa do BRASIL - RS - Guarani das Missões.....	60
FIGURA 04 - Foto da reconstrução da capela na Linha Bom Jardim.....	61
FIGURA 05 - Inauguração oficial da capela na Linha Bom Jardim, após reconstrução.....	62
FIGURA 06 - Mapa da POLÔNIA - Zakopane.....	65
FIGURA 07 - Koliba (1896) - projeto de S. Witkiewicz.....	69
FIGURA 08 - Os Montes Tatras (1876 - 1878).....	70
FIGURA 09 - Provavelmente o primeiro esboço de S. Witkiewicz para a casa de Zygmunt Gnatowski.....	71
FIGURA 10 - Karminówka (1900) - projeto de S. Witkiewicz.....	72
FIGURAS 11 e 12 - Casas na região de Zakopane (2011).....	73

LISTA DE LEGENDAS

BRASPOL – Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa do Brasil

CEDOC/UCS – Centro de Documentação da UCS

CELEM – Centro de Línguas Estrangeiras Modernas

CESLA – Centro de Estudios Latinoamericanos

CRQ – Conselho Regional de Química

DPMAF – Divisão de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

JOPOL – Jovem-Polônia

MUSCAP – Museu dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul

NB – Núcleo da Braspol

NPH – Núcleo de Pesquisa em História

OFM-CAP – Ordem dos Frades Menores Capuchinhos

ONG – Organização não governamental

PKF – Polska Kronika Filmowa (Polônia Crônica Filmes)

PR – Paraná

PT – Partido dos Trabalhadores

RS – Rio Grande do Sul

SP – São Paulo

UCS – Universidade de Caxias do Sul

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFPR – Universidade Federal do Paraná

USOPAL – Unia Stowarzyszeń i Organizacji Polskich w Ameryce Łacińskiej (União das Sociedades e Organizações Polônicas na América Latina)

VIPAL – Borrachas VIPAL (Vicente Paludo)

ŚFPZF – Światowy Festival Polonijnych Zespołów Folklorystycznych (Festival Mundial de Grupos Folclóricos Polônicos)

SUMÁRIO

Capítulo I – Introdução

1.1 - Introdução.....	12
1.2 - O grupo folclórico Kalina e as trajetórias do casal.....	18
1.3 - Revisão bibliográfica.....	26

Capítulo II – Fundamentação teórica e metodológica

Fundamentação teórica e metodológica.....	32
---	----

Capítulo III – Representações de outrora

3.1 - Por uma terra onde Deus entenda polonês.....	55
3.2 - Entre paus e pedras: a releitura da obra de Witkiewicz.....	64

Capítulo IV – Produto social

4.1 - Da acumulação às coleções.....	80
4.2 - Arranjo documental - documentos textuais/iconográficos.....	86

Considerações finais	92
-----------------------------------	----

Referências	94
--------------------------	----

Apêndices	102
------------------------	-----

Anexos	110
---------------------	-----

Capítulo I - Introdução

1.1 – Introdução

Todo e qualquer tipo de pesquisa, principalmente a pesquisa histórica, parte de um problema inicial, que vai gerando outros subsequentes. De acordo com o teor das indagações, surge a aproximação do pesquisador com o objeto de estudo. Com vistas à escolha por determinada temática, será contextualizada como ocorreu a aproximação com o tema do trabalho, assim como esclarecer o enfoque proposto.

As memórias mais antigas que recorro sobre minha ancestralidade polonesa são de minha avó materna. Lembro-me de tê-la visitado quando criança em sua casa, situada no interior do município de Nova Prata - RS, uma choupana muito modesta, onde se destacavam as cores das paredes em tons de azul celeste, mas, principalmente, das flores que adornavam o entorno. Tenho lembrança da sua religiosidade espalhada pelos cômodos da casa, assim como a disposição dos poucos móveis, rústicos, quase todos de madeira, e seu modo de falar, inconfundível, com traços de uma mistura de línguas. Lembro-me de vê-la fazer as orações em polonês com outras vizinhas. Coisa que me abismava: como se entendiam? Na época, mais parecia um código para esconder dos outros o que estava sendo dito.

De onde vieram meus antepassados? Como vieram? Que lugar era essa tal de Polônia? Comecei a buscar respostas na família. As que lembro ter ouvido, quase que em uníssono, remetiam às dificuldades que passavam os antepassados na Polônia, um lugar de muita guerra e fome. Sobre a vinda: que eles chegaram de navio, e a viagem não foi fácil, assim como os primeiros tempos no Brasil; que tiveram de lutar contra a fauna, gatos-do-mato, entre outros animais nativos e flora de árvores gigantescas, pinheiros e muito mato. Porém, as lembranças sempre paravam por aí, poucos vestígios materiais haviam sido guardados, sob o pretexto de serem “papéis velhos”, algo a ser esquecido. Por minha insistência consegui outras respostas. Familiares me informaram que na cidade de Nova Prata havia um senhor que tinha conhecimento sobre o tema: André Hamerski foi apontado como referência. Com o passar do tempo, esqueci o anseio de saber mais de meus antepassados. Mas ingressei no curso de História, e, tempo depois, comecei a trabalhar como estagiário no Museu Municipal de Veranópolis, museu histórico que conta a história do município e da região. Certo dia minha supervisora questionou-me quanto à origem de minha família, tendo ela se surpreendido pela inexistência de uma ascendência italiana. Em seguida, comentou que o museu já havia

realizado uma exposição sobre imigração polonesa, em memória das contribuições do imigrante polonês na região. Contou que, infelizmente, o museu não dispunha de muitos acervos sobre os poloneses e que graças aos objetos emprestados pelo casal Hamerski foi possível realizar a exposição. A atitude de contemplar todas as etnias que compuseram a fundação do município não se limitou a exposição, a certo tempo havia se instituído o núcleo da BRASPOL¹ de Veranópolis - RS. Depois de um longo período, novamente surge o nome de sr. André.

Outro passo importante dessa aproximação com o tema de pesquisa, foi frequentar as aulas de língua e cultura polonesa da dita entidade, quando tive a oportunidade de conhecer o alfabeto polonês por meio da leitura e escrita, assim como as primeiras traduções, todas a nível elementar. Por fim, conheci o casal e dali em diante seguimos trocando algumas ideias.

Após a conclusão da graduação em História, tive a oportunidade de ingressar no Programa de Pós-Graduação da Universidade de Caxias do Sul (UCS), Mestrado em História. Na eleição do tema de pesquisa, mais do que entender acerca da imigração polonesa e seus desdobramentos no RS, propus-me à organização do “acervo pessoal” de André Hamerski e sua esposa, Vanda Stolarski Hamerski, a fim de preservar o patrimônio material e imaterial produzido ao longo de suas trajetórias de vida.

Aqui objetiva-se registrar algumas das memórias que contribuíram na formação das identidades do casal, em especial lembranças de suas ancestralidades e vivências. Igualmente, objetiva-se compreender como eles preservaram e resignificaram tais representações de identidade². Estabelecer-se-á uma lógica organizacional para os acervos textuais/iconográficos e a confecção de um inventário, na forma de arranjo documental, proposta de salvaguarda, que consistirá em produto final de dissertação. Os anexos auxiliam a elucidar um panorama dos documentos existentes nas coleções trabalhadas.

O presente trabalho busca contextualizar, historicamente, pequenos recortes espaço/temporais, que identificam algumas das relações estabelecidas pelo casal com a

¹ BRASPOL – Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa do Brasil. Organização não governamental (ONG), que teve em sua fundação em 1990, e apoio da Sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados, constituindo-se, ao menos de início, uma entidade de caráter laico-religiosa. (WEBER, R. 2015). Atualmente, fomenta atividades que visam à integração cultural e solidariedade entre a Polônia e o Brasil. É formada, majoritariamente, por brasileiros de ascendência polonesa, poloneses e simpatizantes da cultura polonesa. A organização se dá na forma de núcleos locais, nos municípios com histórico de imigração polonesa, sob orientação da sede nacional da organização, localizada em Curitiba – PR. As ações desenvolvidas nos núcleos consistem em aulas de língua e cultura polonesa, oficinas, confraternizações, encontros, debates, etc. Estas ocorrem de forma aberta à sociedade civil, normalmente em espaços cedidos pelas prefeituras para fins de cultura. São raros os núcleos que possuem sede própria. Estima-se que a entidade esteja presente em cerca de 16 estados do Brasil, tendo representantes em, aproximadamente, 300 municípios, porém a vivacidade de atividades em cada núcleo é, em si, particular. (TRINDADE, 2013).

² Cf. CHARTIER (2011).

identidade polonesa, na juventude, na formação acadêmica, na atividade profissional, na atuação política e cultural. Por necessidade de um ponto de partida para a investigação, elegeu-se o sr. André como personagem principal, já que suas ações refletem uma maior visibilidade pública que as de sua esposa, dona Vanda, tendo gerado mais documentos. Ele possui atribuições como correspondente de organizações internacionais, como a *Wspólnota Polska*³, além de integrar o corpo diretor da BRASPOL, como vice-presidente nacional. Ela desenvolve ações de ensino de língua e cultura polonesa, além de outras tarefas de organização e suporte às diversas atividades desenvolvidas pelos núcleos da BRASPOL, a exemplo do grupo folclórico de danças polonesas – Kalina, na cidade de Nova Prata - RS. Uma apresentação pormenorizada do grupo folclórico, assim como das trajetórias culturais do casal, serão apresentadas a seguir. Outras informações podem ser conferidas nos relatos, ao longo do trabalho.

Refletindo sobre as possibilidades metodológicas, a chance de se trabalhar com os testemunhos de história oral abre o leque do pesquisador, pois consegue proporcionar a peculiaridade de preservar uma relação mais humanizada com o passado (MEIHY, 1998).

[...] testemunho é todo o discurso que se enuncia como tal e se submete ao julgamento da história. É portanto o contrato firmado entre o historiador e a testemunha que dá ao discurso desta última o status de testemunho, o que implica igualmente a sua consciência de ter que depor e, para o primeiro, de ter que consignar e conservar tanto quanto utilizar (VOLDMAN, 2005, p. 256).

De acordo com o enfoque do programa de Pós-Graduação em Ensino de História, buscou-se historiar, mesmo brevemente, sobre o grupo folclórico Kalina, pois esse surgiu de uma atividade pedagógica que visou proporcionar aos jovens uma aproximação com a ‘história vivida’⁴ ou, melhor dizendo, até aquele momento então silenciada. O produto final desta pesquisa acompanha a concepção de Stephanou (1998), sobre a necessidade do ensino de história romper com o paradigma da inocência de que o currículo engessado e os conteúdos estudados são convenções técnicas e que a forma de ensinar e aprender história possa ser feita por meio de fórmulas prontas, ou mesmo métodos simplificados.

Em busca de estabelecer uma relação diferente com o ensino de história, frente às comuns acepções de uma história ‘pronta e acabada’, e quanto melhor ‘mais afastada’ temporalmente, posta-se à aproximação do leitor com algumas das experiências vivenciadas

³ *Stowarzyszenie Wspólnota Polska* – Organização da Comunidade Polonesa. Órgão que fomenta ações de integração entre os poloneses espalhados pelo mundo e a Polônia. A organização promove atividades de ensino, dentre elas: cursos de língua, danças, história e capacitação de profissionais para lecionarem em língua polonesa, entre outros. Mais informações em: <http://wspolnotapolska.org.pl/> - acessado em 10/07/2017.

⁴ Cf. STEPHANOU (1998).

pelo casal, buscando contribuir para a reflexão de que a história também é uma leitura de mundo, significada (ou não), mas ‘vívda’ pelas pessoas. Levando em consideração essa ‘vivência’ histórica, há de se ressaltar que as impressões pessoais sempre podem ser enquadradas em discussões mais amplas (STEPHANOU, 1998). Como por exemplo: a relação entre o ressurgimento do movimento polonês no Brasil, após década de 1970, com as lutas de classe pela soberania na Polônia, como o movimento “*Solidarnósc*”. Como André e Vanda vivenciaram esse processo, que recordações lhe evocam?

Acredita-se que a metodologia escolhida (história oral), aliada ao inventariamento dos acervos, permita compreender algumas das relações estabelecidas entre as culturas polonesa e brasileira, proporcionando assim outras leituras do mundo, contribuindo a um estudo diversificado da história. Acredita-se, igualmente, que a investigação do ato de “lembrar e representar”⁵, possibilite estabelecer uma rede de relações entre identidade e memória, servindo de ponte para o ensino de história, geografia, artes e outros tantos domínios do saber.



FIGURA 01 - Mapa do BRASIL - RS - Nova Prata. Fonte: Domínio Público. Editado pelo pesquisador.

O casal Hamerski reside na cidade de Nova Prata - RS, em uma casa que é uma réplica de uma edificação da Polônia, construída no estilo arquitetônico da região dos Alpes

⁵ Cf. HALBWACHS (1990).

Poloneses - *Zakopiański*⁶. É a réplica mais fidedigna esteticamente de que se tem conhecimento, na região da Serra Gaúcha. Vista do lado de fora - um cartão postal⁷ da cidade de Nova Prata. Por dentro - a casa abriga a “Polônia” do casal. André e Vanda, estando ambos com mais de 70 anos de idade, relatam que há cerca de 50 anos vêm coletando e gerando documentos que se referem aos desdobramentos da imigração polonesa no Brasil e da relação entre o Brasil e a Polônia, principalmente em questões de cunho cultural. Foram guardados documentos que atestam a vitalidade da comunidade polônica⁸ brasileira, em especial dos últimos 30 anos (1987 – 2017), além de objetos/lembranças das inúmeras viagens do casal ao país dos antepassados, os quais decoram e abarrotam os armários da residência.

O acervo da ‘Casa Polonesa’ é composto por um compêndio de publicações, como livros, periódicos, documentos - impressos e manuscritos, fotos, audiovisuais, mobiliário, entre outros, que até o presente momento integram as “coleções pessoais”. Estes acervos carecem de processamento técnico⁹, cabe fazer essa ressalva, pois é desejo do casal que tais documentos sejam reconhecidos, acessados e conservados de alguma forma no futuro, e sirvam de suporte para pesquisa e ensino. Mais do que colecionadores, André e Vanda são defensores do patrimônio¹⁰, creditando ao mosaico cultural brasileiro a contribuição da cultura de origem polonesa.

No Rio Grande do Sul, dois exemplos de preservação e acesso de coleções documentais espelharam o presente trabalho. Por primeiro, as contribuições do engenheiro-memorialista Edmundo Gardoliński¹¹, documentos coletados e gerados em vida, de caráter público e privado, além de uma grande coleção de fotografias. As coleções de Gardoliński foram postumamente doadas pela família à UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do

⁶ Sem tradução literal para o português, a tradução aproximada seria: zakopanês, adjetivo referente ao tipo/local. Tradução livre do pesquisador.

⁷ Cf. (ANEXO A).

⁸ Em busca de uma distinção entre poloneses - imigrantes ou cidadãos da Polônia (polacos) – de brasileiros de origem polonesa, propõe-se por esse último grupo chamá-los de polônicos, terminologia difundida entre os participantes do movimento étnico polonês. Segundo Siuda-Ambroziak (2011), cabe esclarecer que cultura polonesa é aquela vivida e produzida na Polônia, sendo que a cultura presente nas comunidades polonesas espalhadas pelo mundo, como é o caso do Brasil, condizem a uma cultura polônica, ou seja, uma cultura de raiz polonesa. Porém, que por vezes já sofreu influências de outras vertentes culturais, diga-se de passagem, um processo natural pós Segunda Guerra Mundial. No caso específico do Brasil, este estudo propõe por polônico, compreender os militantes da causa polônica, os brasileiros que ressignificam as práticas culturais legadas como memória coletiva das comunidades polonesas de que são egressos, indiferentemente de ligação sanguínea direta, atual ou passada, com a Polônia, mas valorosos nas manifestações de identidade do povo polonês como a cultura, a política, a história etc.

⁹ Cf. BELLOTTO (2006).

¹⁰ Cf. CANCLINI (1994).

¹¹ Cf. WENCZENOVICZ (2011).

Sul -, estando sob custódia do Núcleo de Pesquisa em História (NPH)¹². Em segundo, os acervos de Frei Alberto Stawinski, coleções de documentos gerados por suas atribuições na Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (OFM-CAP). Vasto número de correspondências com amigos no exterior, religiosos e leigos, principalmente dos Estados Unidos e Polônia, além do material fruto de suas pesquisas sobre imigração polonesa, documentos que comprovam as atividades de historiador, linguista e memorialista. Os acervos encontram-se preservados e disponíveis para pesquisa pelo MUSCAP¹³ - Museu dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul. Cada um dos exemplos contribui a seu modo para o leque de fontes sobre o tema.

Finalizando as explicações iniciais, cabe apresentar ao leitor como prosseguirá o presente trabalho. Ainda neste capítulo (I) encontrará um histórico do grupo Kalina, em seguida um histórico das trajetórias do casal Vanda e André Hamerski e, por fim, a revisão bibliográfica. No capítulo II, será apresentada a fundamentação teórica e metodológica, assim como algumas memórias do casal. O capítulo III, consiste na exposição de algumas memórias do casal, partindo da memória dos antepassados de sr. André à construção da ‘Casa Polonesa’ em Nova Prata, refletindo questões de identidade, memória e patrimônio cultural, que se enlaçam a fragmentos da história da arte polonesa e do movimento polônico no Brasil. No capítulo IV, são esboçados os resultados da experimentação de organização de acervos, e o inventário, construído na forma de uma proposta de arranjo documental.

¹² Maiores detalhes em: <http://www.ufrgs.br/nph/acervo/fundo-arquivo-edmundo-gardolinski/> - acessado em 10/07/2017.

¹³ Maiores detalhes em: <http://capuchinhos.org.br/muscap> - acessado em 12/07/2017.

1.2 – O grupo folclórico Kalina e as trajetórias do casal

O grupo folclórico Kalina surgiu em 1989, de uma atividade pedagógica desenvolvida na Escola Municipal Melida Lange Fidler¹⁴, situada na Linha General Osório, Comunidade de Santo Isidoro do município de Nova Prata - RS. Dona Vanda lembra que, a pedido da Secretaria de Educação do município, foram montadas algumas oficinas voltadas aos jovens de origem polonesa na referida comunidade, onde “ensinamos um canto, uma dança e uma receita polonesa. E, imagina, a gurizada adorou. Os pais gostaram tanto que pediram para que o trabalho continuasse. Isso tudo antes da Braspol. Uma das primeiras apresentações do Grupo Folclórico da Comunidade Santo Isidoro, como se chamava ainda, foi na cidade de Casca - RS”.

Com o surgimento da BRASPOL, a nível nacional em 1990, logo fundou-se em Nova Prata um núcleo da entidade, que por sua vez assumiu a responsabilidade e ampliou o trabalho cultural já desenvolvido. O Grupo Folclórico da BRASPOL de Nova Prata, como passou a ser chamado, buscou oportunizar que os jovens de outras localidades do município pudessem participar das atividades.

O grupo formado por crianças e adolescentes recebeu, em 1992, as primeiras orientações de um coreógrafo renomado na Polônia, professor Anatol Koczyłowski. Foram passadas coreografias de cinco ritmos nacionais: *krakowiak*, *kujawiak*, *oberek*, *polonez* e *mazur*¹⁵.

Com os ânimos inflados por uma série de apresentações, lideranças entre os dançarinos propuseram um nome mais criativo e, a partir de 05 de agosto de 1994, o Grupo Folclórico passou a denominar-se *Kalina*¹⁶.

Uma das notáveis participações do grupo em eventos foi no dia 21 de fevereiro de 1995. No dia anterior, partiram em excursão pais e membros da comunidade local, em ônibus da prefeitura, assim como boa parte dos dançarinos do grupo Kalina, para recepcionar no parque João Paulo II, em Curitiba - PR, juntamente com outros grupos de polônicos, o presidente da Polônia, na época, Lech Wałęsa¹⁷.

¹⁴ Nome em homenagem a primeira professora da escola (XERRI, 2004, p. 144-145).

¹⁵ Para maiores informações sobre algumas das danças folclóricas polonesas, cf. (ANEXO H).

¹⁶ (BRASPOL - NOVA PRATA-RS. *Histórico do grupo folclórico KALINA*. Abril/1996. 1 Pg). Sabe-se que o nome Kalina provém de uma antiga cultura oral eslava, sendo o termo utilizado por diversas culturas. Na Polônia, particularmente, é atribuída às grandes inspirações, também conhecida como “árvore dos sonhos”. Associada ainda a certos tipos de viburno – planta de tem por característica a versatilidade, como o vime e a roseira.

¹⁷ BRASPOL – NOVA PRATA-RS. *Relatório de atividades de 1995*. P. 01.

O grupo atualmente segue com os ensaios no porão da Casa da Cultura de Nova Prata, com uma nova geração de bailarinos. O grupo comemora mais de 28 anos de estrada, com uma incipiente bagagem de apresentações, por mais de uma vez tendo levado o nome da cidade para os palcos do mundo.

Neste trabalho, buscou-se historiar somente os primeiros passos do grupo Kalina, pois mapear toda sua trajetória demandaria uma dedicação exclusiva. Outros fragmentos da trajetória do grupo folclórico aparecem diluídos entre outras atuações culturais do casal, a qual em seguida poderá se perceber.

1.2.1 – Breve histórico do sr. André Hamerski

André Hamerski nasceu em Guarani das Missões - RS, no dia 30 de novembro de 1943. Filho de Paulino Hamerski, agricultor/marceneiro, e Helena Wastowski Hamerski, agricultora/do lar¹⁸. Quando jovem, auxiliava os pais nas tarefas de casa e do campo, já que a família residia na área rural. Frequentou o ensino básico, seguido do ginásio e científico. Aos 17-18 anos de idade, concomitantemente à conclusão dos estudos, teve seu primeiro emprego formal como cobrador de ônibus na linha Cerro Largo – Guarani da Missões – Santo Ângelo. Lembra com carinho da ocupação de cobrador, relatando que na época ter aprendido o polonês em casa o fazia ser querido, principalmente pelas passageiras de mais idade.

Pouco tempo depois foi convocado a prestar serviço militar no quartel de Santo Ângelo. Após dois anos de serviço militar, aos 21 anos, decidiu mudar-se para a capital, Porto Alegre, para estudar. Esclarece que, em um primeiro momento, seus planos eram os de formar-se em Medicina. Porém, por problemas de saúde de seu pai teve de desistir da ideia, indo para a área a fim que mais lhe atraía, a Química. Entre o adoecimento do pai e o início dos estudos, conseguiu um emprego de bancário e alguns meses depois trabalhou como funcionário público do Estado, função que exerceu ao mesmo tempo que cursava Licenciatura Plena em Química, pela UFRGS. André lembra que uma conhecida do seu tempo de bancário foi quem o fez se apaixonar pela docência. Conta que a tal senhora era diretora de escola e que conseguiu uma vaga como professor de ciências para ele. As primeiras aulas foram suficientes para fazê-lo trocar o funcionalismo público pela sala de aula. Já o lazer na capital era preenchido pela participação nos círculos polônicos (Sociedade

¹⁸ Para genograma simplificado cf. (APÊNDICE A).

Polônia¹⁹, Igreja Polonesa²⁰...). Isso fazia com que não se sentisse totalmente desconfortável, pois a cultura em que crescera de certa forma podia ser percebida nos grupos que frequentava.

Ser um dos poucos alunos da UFRGS a saber falar o polonês, em meados da década de 1970, se apresentou como um diferencial. Por coincidência, apareceu nessa mesma época o professor polonês Stanisław Marek Dubiel, proveniente da Academia Mineiro-Siderúrgica de Cracóvia. O professor em questão encontrava-se na capital gaúcha por motivos acadêmicos. Ele coordenava orientandos de pós-graduação e doutorandos em Física. A aproximação entre os dois, André e Stanisław, foi possível graças ao idioma polonês. Os horizontes se abriram, a Polônia estava cada vez mais próxima (PUTKIEWICZ, 2005).

Pouco tempo havia se passado da formatura quando recebeu uma proposta de trabalho na empresa Borrachas VIPAL Ltda, localizada na cidade de Nova Prata - RS. Em 1977, mudou-se da capital para o interior, trocando a docência pela pesquisa industrial de elastômeros²¹. Como pesquisador, ajudou a pequena empresa a organizar-se tecnicamente. Logo percebeu, juntamente com o proprietário, que a tecnologia era insuficiente, fazendo-se necessário um melhor conhecimento a respeito. André, com o apoio da empresa, tratou de voltar aos estudos, alternando o trabalho na indústria no interior, com os estudos na capital. Kursou pós-graduação, a nível de especialização, em Ciência e Tecnologia de Polímeros – UFRGS, tendo concluído em 1980, com estágio de três meses no Instituto de Ciência e Tecnologia da Indústria da Borracha na Polônia (*Stomil*), na cidade de Piastów (PUTKIEWICZ, 2005).

Atualmente, mesmo aposentado, continua no Grupo Vipal exercendo a função de consultor técnico, prestando acessoria acerca do transporte de produtos perigosos, não somente ao grupo citado, bem como a outras empresas que trabalham com produtos químicos. No Grupo Vipal, ainda, atua como ouvinte cativo em conferências sobre ciência e tecnologia da borracha.

¹⁹ Sociedade Polônia de Porto Alegre – RS, localizada na Avenida São Pedro nº 778. Nasceu da fusão de diversas associações dos imigrantes poloneses (Zgoda/Águia Branca/Tadeusz Kosciuszko), assumindo o nome de Sociedade Polônia a partir de 1930, mas com registro de atividades desde 1898, sendo considerado o ano de fundação. Ao longo dos anos, desenvolveu importante papel, principalmente, nas áreas social e educacional, sendo inclusive responsável pela organização de escolas, centro desportivos e cooperativas (STAWINSKI, 1976, p. 225-228). Atualmente, promove encontros e serve de local para festas e eventos.

²⁰ Igreja Nossa Senhora de Monte Claro de Porto Alegre – RS, localizada na Avenida Presidente Franklin Roosevelt nº 920, nas proximidades da Sociedade Polônia. Abriga a Capelania Polonesa da Ordem Vicentina, por isso é também conhecida como Igreja Polonesa. Entre as muitas ações que desenvolveu ao longo dos anos, destaca-se como formadora do grupo JOPOL (Jovem-Polônia), grupo de jovens que teve por objetivo manter viva nas novas gerações a língua e cultura polonesa.

²¹ Popularmente conhecido como borracha.

Em Nova Prata - RS, foi presidente da Associação de Professores Pratenses e do jornal Folha da Serra, além de lecionar como professor durante muitos anos nas redes de ensino. No referido município foi um dos responsáveis pela instituição de um diretório local do Partido dos Trabalhadores (PT). No âmbito da política atuou como conselheiro estadual do Orçamento Participativo na gestão do governador Olívio Dutra (1999-2003). Por seis vezes, colocou-se à disposição do povo pratense como candidato ao poder executivo, como prefeito, vice-prefeito e vereador.

Na qualidade de vice-presidente da BRASPOL, cargo que exerce desde 1990, representa os polônios do RS em reuniões, seminários e congressos, a nível nacional, destacando-se cidades como Curitiba - PR e a capital nacional, Brasília, dentre outras; a nível internacional, destaca-se a participação em eventos nas cidades de Buenos Aires – Argentina; Montevideu – Uruguai; Roma – Itália e evidentemente na Polônia, principalmente nas cidades de Rzeszów, Varsóvia e Cracóvia.

De seu currículo, evidenciam-se:

- No mês de agosto de 1992 participou do encontro do *Rada Polonii Swiata* (Conselho Mundial Polonês), em Cracóvia, Polônia;
- De 1997 a 2012, redator do KURIEREK, boletim mensal da BRASPOL - RS;
- Por duas vezes palestrou no Centro de Estudos Latino-americanos da Universidade de Varsóvia (CESLA), Polônia: em 1998, falando sobre a vitalidade polônica no Rio Grande do Sul; e em 1999, tratando sobre a identidade polonesa no mesmo Estado;
- Em setembro de 2007, palestrou no 3º Congresso de Polônios e Poloneses do Exterior em Varsóvia, Polônia;
- Em 2007, também participou de reuniões de trabalho, juntamente com senadores, deputados e expertos da cultura polonesa em Varsóvia, evento organizado pela *Stowarzyszenie Wspólnota Polska*;
- De 2008 a 2011, integrou o Conselho Consultivo Polônico, atuando junto ao presidente do Senado da República da Polônia;
- Em setembro de 2011, participou como convidado nos rituais de premiação do ex-presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva, agraciado pelo Instituto “Lech Wałęsa”, em Gdansk, Polônia.

Distinções polonesas recebidas:

- No ano de 1988, foi agraciado com o “Ouro da Honra” pela sociedade de Ligação com Polônios no Mundo, de Varsóvia;

- Em 1995, foi agraciado com a “Cruz de Cavaleiro” e em 2008, com a “Cruz de Oficial”, na Ordem do Mérito pela República da Polônia, outorgada pelo presidente Lech Wałęsa. Ambas as condecorações são concedidas aos que demonstram heroísmo pessoal e/ou empenho de liderança na causa polônica.

1.2.2 – Breve histórico da sra. Vanda Stolarski Hamerski

Vanda Stolarski Hamerski, filha de José Stolarski, mecânico/marceneiro – natural de Guarani das Missões - RS, e Zofia Charężinska Stolarski²², operária/do lar²³. Nasceu no dia 28 de agosto de 1945, na cidade de Porto Alegre - RS, onde residiu com a família até aos 21 anos. De 1959 a 1962, cursou aulas de acordeão no Instituto Musical Verdi, de Porto Alegre. De 1963 a 1969, dançou no conjunto folclórico “Jovem-Polônia”, grupo da Igreja Polonesa de Porto Alegre - RS, vinculado à Capelania Polonesa. De 1969 a 1985, participou como cantora e dançarina no Conjunto Folclórico da Sociedade Polônia de Porto Alegre - RS. De 1985 a 1992, lecionou língua polonesa na referida sociedade.

Desde 1990, vem acompanhando o grupo Kalina nas diversas tournées artísticas que este já realizou. Dona Vanda demonstra o zelo pela originalidade das apresentações, assim como a dedicação à atualização do repertório. Foi fundadora do núcleo da BRASPOL em Nova Prata - RS, onde exerce a função de Secretária de Cultura. Em 1991, participou de curso de Etnografia, em Elbląg - Polônia. Em 1993, participou de curso de aprofundamento linguístico-metodológico em língua polonesa, pelo Centro de Línguas Estrangeiras Modernas (CELEM - PR). Hoje, concomitantemente a outros trabalhos, desenvolve atividades como professora de língua polonesa nos núcleos da BRASPOL de Nova Prata - RS, Cotiporã - RS e Veranópolis - RS.

²² A família materna provém de Lubartów, voivodia (micro-região) de Lublin, Polônia. Imigraram para o Brasil em 1936, devido a rumores internos, das forças armadas, sobre a inevitabilidade de uma nova guerra. No mesmo ano foi anunciada a formação do eixo Roma-Berlin, aliança entre fascistas e nazistas. Três anos mais tarde, em 1º de setembro de 1939, a Alemanha invade a Polônia, é iniciada a Segunda Guerra Mundial.

²³ Para genograma simplificado cf. (APÊNDICE A).

1.2.3 – Currículo em comum:

- De 1963 a 1969, dançaram no conjunto folclórico “Jovem-Polônia”, em Porto Alegre - RS, grupo vinculado à Igreja Polonesa;

- De 1970 a 1977, dançaram no conjunto folclórico da Sociedade Polônia, em Porto Alegre - RS;

- De 1985 a 1993, coordenaram o grupo folclórico da Sociedade Polônia, até 1992;

Durante tal gestão, em 1989, organizaram e acompanharam o grupo folclórico da Sociedade Polônia em sua primeira tournée artística na Polônia. O evento culminou na participação do grupo no *VIII Światowy Festival Polonijnych Zespołów Folklorystycznych (ŚFPZF)*²⁴, na cidade de Rzeszów. Destaca-se a participação no evento, pois o festival é considerado um dos marcos da abertura da Polônia para o mundo, onde estiveram presentes equipes de polônicos do mundo todo, mostrando ao povo polonês que estes não estavam sozinhos. A VIII edição do evento ocorreu de 11 a 24 de junho de 1989, proporcionando a dois grupos folclóricos do Brasil a participação: “Polônia” da Sociedade Polônia de Porto Alegre – RS, e “União Juventus”, de Curitiba - PR. (MINISTERSTWA KULTURY I SZTUKI. *VIII ŚFPZF* - INFORMATIVO, 1989).

Em 1990, participaram no ato de fundação da BRASPOL na Universidade Federal do Paraná (UFPR) em Curitiba - PR. Fundaram, neste mesmo ano, o núcleo da BRASPOL em Nova Prata – RS.

O sucesso da participação no *VIII ŚFPZF* animou os apoiadores da Sociedade Polônia, e em 1993 o casal, apesar de já terem entregue a gestão de setores da dita sociedade, seguiu auxiliando nos trabalhos de coordenação do grupo folclórico, proporcionando, assim, a segunda tournée artística na Polônia, culminando também na apresentação no *IX ŚFPZF*, realizado durante o mês de julho de 1993, na cidade de Rzeszów.

- De 1992 a 1996, após a experiência na Sociedade Polônia, coordenaram o grupo de danças da BRASPOL de Porto Alegre - RS;

Este era formado por integrantes dos grupos Kalina (BRASPOL – Nova Prata - RS) e Polônia (Sociedade Polônia – Porto Alegre - RS), os ensaios eram nos finais de semana, na Casa de Cultura – Mário Quintana, de Porto Alegre. O evento proporcionou a participação no *X ŚFPZF*, realizado de 21 a 28 de junho de 1996, na cidade de Rzeszów – Polônia. Nesta ocasião, se apresentaram três grupos folclóricos do Brasil: JUPEM – Erechim - RS; Wisła –

²⁴ Festival Mundial de Grupos Folclóricos Polônicos. Cf. (ANEXO H).

Curitiba – PR; e o grupo misto formado pelo “Kalina/Polônia”. (WSPÓLNOTA POLSKA. X ŚFPZF – INFORMATIVO, 1996).

A seguir transcreve-se o texto de apresentação do grupo misto, no evento:

Equipe de Cantos e Danças “BRASPOL – POLÔNIA”

Porto Alegre

Ano de fundação – 1985

Andre Hamerski – presidente

Aleksandro Stolarski, Andrzej Zembruski – coreografia

Wanda Stolarska-Hamerski – música e vocal

A equipe "Polônia" vem participar pela terceira vez do festival em Rzeszów, desta vez trouxeram também dançarinos do "Kalina" - Nova Prata.

Ambas equipes estão vinculadas à organização da BRASPOL no Rio Grande do Sul. O mentor de todo projeto, de expedição da América do Sul para a Polônia, é do sr. André Hamerski. Estamos cientes que toda orientação é pouca para a distância colossal entre Porto Alegre e a cidade de Rzeszów, que a organização dessa expedição requeriu não só um bom dinheiro, mas antes de tudo um grande esforço organizacional.

Acontece, porém, que o amor ao folclore, a belíssima tradição polonesa, é capaz de superar todas as dificuldades. Simpatizantes do festival de Rzeszów, cabe recordar as equipes de polônicos do Brasil, a equipe “União Juventus” de Curitiba no VII ŚFPZF e “Polonia” de Porto Alegre no IX festival, igualmente recordar a apresentação de encher os olhos de ambas às equipes.



A equipe “Polônia” é composta por mais de 70 pessoas divididos em 2 grupos de dançarinos, jovem e adulto. A vinda dos dançarinos à Rzeszów, mostra seu amadurecimento e promete um grande espetáculo, há de se acrescentar que na comemoração do X ŚFPZF irão se apresentar 3 equipes do Brasil

Que a rivalidade os faça fazer bonito. Que vença o melhor!²⁵.

²⁵ WSPÓLNOTA POLSKA. X ŚFPZF – INFORMATIVO, 1996. P. 17-18. Tradução e adaptação livre do pesquisador, texto original: Zespół Pieśni i Tańca “BRASPOL – POLONIA”/Porto Alegre/Rok założenia – 1985/Andre Hamerski – Prezes/Aleksandro Stolarski, Andrzej Zembruski – choreografia/Wanda Stolarska-Hamerski – muzyka i wokalistyka. Zespół “Polonia” uczestniczy w rzeszowskim festiwalu po raz trzeci, ale tym

- Em 2005, o casal coordenou e acompanhou o grupo “Kalina”, da BRASPOL de Nova Prata - RS, em tournée artística pela Polônia.

As apresentações iniciaram com a participação do grupo no *XIII ŚFPZF*²⁶, realizado em julho, na cidade de Rzeszów, e posteriormente apresentaram-se em diversas outras cidades. A viagem com o grupo foi possibilitada graças ao incentivo da sociedade local, aliada à esfera do Poder Federal, que permitiu a captação de recursos e a reversão destes para custear as despesas de viagem, tais como: transporte, hospedagem, alimentação, passeios etc. (BRASIL. Diário Oficial da União, 2005).

razem uzupełniony tancerzami “Kaliny” – Nova Prata. Oba zespoły znajdują się w jednej organizacji BRASPOL w Rio Grande do Sul. Opiekunem e duszą całego przedsięwzięcia, tej wielkiej wyprawy z Południowej Ameryki do Polski jest pan Andre Hamerski. Każdy orientujący się cokolwiek w kolosalnej odległości Porto Alegre od Rzeszowa zdaje sobie sprawę, że zorganizowanie takiej wyprawy wymaga nie tylko sporych zasobów pieniężnych, ale przede wszystkim wielkiego wysiłku organizacyjnego. Okazuje się jednak, że umiłowanie folkloru, pięknych polskich tradycji jest w stanie pokonać wszelkie trudności. Sympatycy rzeszowskich festiwali pamiętają występy polonii brazylijskiej z zespołu “União Juventus” z Kurytyby na VII ŚFPZF i “Poloni” z Porto Alegre na IX festiwalu, i do dziś wspominają wspaniałe barwne widowisko w realizacji tych zespołów. [FOTO]. Zespół “Polonia” liczący ponad 70 osób posiada 2 grupy dorosłych tancerzy i dzieci. Do Rzeszowa przyjeżdżają tancerze dojrzały więc zapowiada się doskonale widowisko, tym bardziej, że w jubileuszowym X ŚFPZF uczestniczyć będzie aż 3 zespoły z Brazylii. Zapowiada się piękna, barwna rywakuzacja. A mam w to graj!.

²⁶ A estréia solo, do grupo “Kalina” no *XIII ŚFPZF*, pode ser conferida em: <https://www.youtube.com/watch?v=IYA6JE80zx8> - acessado em 14/08/2017.

1.3 - Revisão bibliográfica

Iniciamos a revisão bibliográfica com breves pontuações para familiarizar o leitor com a importância da pesquisa. Em seguida, buscar-se-á apresentar alguns dos referenciais teóricos e metodológicos que guiaram o presente trabalho. Por se tratar de uma proposta organizacional, de acervos até então “pessoais”, deve-se ter um olhar diferenciado do tratamento arquivístico comumente utilizado para os arquivos públicos. (BELLOTTO, 2006). Neste trabalho será enfocada a organização de apenas uma parte das coleções, a coleção de documentos textuais/ iconográficos, acumulados pelo casal.

Segundo a conceituação clássica e genérica, documento é qualquer elemento gráfico, iconográfico, plástico ou fônico pelo qual o homem se expressa. É o livro, o artigo de revista ou jornal, o relatório, o processo, o dossiê, a carta, a legislação, a estampa, a tela, a escultura, a fotografia, o filme, o disco, a fita magnética, o objeto utilitário etc., enfim, tudo o que seja produzido, por motivos funcionais, jurídicos, científicos, técnicos, culturais ou artísticos, pela atividade humana. Torna-se evidente, assim, a enorme abrangência do que seja um documento (BELLOTTO, 2006, p. 35).

Tendo isto em mente, fez-se pertinente a análise do trabalho de conclusão de curso em arquivologia de Vivian Eiko Nunes Fujisawa, sob o título *Arquivos Pessoais: proposta de organização do acervo do cartunista Santiago*, pela UFRGS, no ano de 2009. A autora inicia atestando a falta de publicações sobre a organização de arquivos pessoais, alegando ser uma área ainda pouco explorada dentro da arquivologia, sendo raríssimas as produções nacionais que abordam diretamente o tema, porém aponta o crescimento desse segmento na contemporaneidade.

Fujisawa (2009) chama atenção para o cuidado quanto às medidas adotadas para a organização de um arquivo, lembrando as disposições de Bellotto (2006) quanto ao “respeito à procedência”, ou seja, a organização deve permitir que os documentos mantenham sua lógica de geração/acumulação, o arranjo deve preservar essas relações:

O conteúdo das peças individuais, produto de determinada atividade, apenas será plenamente inteligível quando no contexto dos demais documentos que se referem a ela. Se os papéis atinentes à atividade forem arbitrariamente extraídos de seu encadeamento no conjunto, e reordenados segundo um sistema de arranjo artificial, eles se obscurecerão e perderão todo o sentido e aceção reais (BELLOTTO, 2006, p. 138).

Por fim, Fujisawa (2009) destaca que um dos aspectos de suma importância, antes de se proceder a qualquer medida prática, consiste em coletar um histórico das atividades e traçar

uma “biografia” do detentor dos documentos, a fim de contribuir no entendimento de sua lógica de acumulação:

A aparente falta de classificação nem sempre é sinônimo de desorganização e um estudo atento pode, muitas vezes, detectar alguma lógica na forma como se apresenta a informação. O facto [sic] de existirem vários maços poderia significar que a sua formação não era de todo aleatória. É evidente que só uma análise em concreto levará a um conhecimento adequado do arquivo (RIBEIRO, 1998, p. 460 *apud* FUJISAWA, 2009, p.18).

No trabalho de organização dos acervos do *cartunista Santiago*, é identificada uma acumulação e organização empírica do material dos acervos, igual à organização, que num primeiro olhar foi possível atestar nos acervos do casal. Cabe esclarecer que as ações registradas (documentos) não serão encaradas somente como representações fragmentadas de um passado, mas sim como o conjunto dessas fontes se convertem em história. A organização e divulgação das coleções são os primeiros meios da construção dessa ponte.

Pesquisando sobre o tema, de produções acerca da imigração polonesa e/ou descendentes de poloneses, foram encontradas as contribuições da historiadora Thaís Janaina Wenczenovicz, *Luto e silêncio: doença e morte nas áreas de colonização polonesa no Rio Grande do Sul (1910 - 1945)*, tese de doutoramento defendida pela UFRGS em 2007. O trabalho de Wenczenovicz, tem como objetivo geral mapear o cotidiano sob o olhar das moléstias que atingiam o corpo dos descendentes e imigrantes poloneses. A autora dedica um grande fôlego em contextualizar a imigração polonesa, respondendo questões como: porque saíram do país de origem, qual o perfil do imigrante, quais as dificuldades da viagem, etc. Esboça como se dava a vida nas colônias polonesas, aborda desde os produtos que cultivavam até como se estruturavam as casas e lotes. Wenczenovicz, auxiliada pela história oral, mapeia os hábitos e a rotina dos colonos. Nesse olhar voltado para o cotidiano enfoca aspectos como a higiene e as doenças, essa última, das mais diversas sortes, desde emocionais e mentais até as comumente físicas. Ela ainda traça um perfil geral das condições de saúde oferecidas no Estado, e então oferecidas nas colônias de imigração polonesa. A análise dessa obra contribuiu para um entendimento de como a história oral permite compreender e traçar um perfil do cotidiano, no âmbito de práticas e espaços dos imigrantes e descendentes, e igualmente possibilitou a familiarização com a forma da escrita da autora, pois em seguida será analisada outra de suas obras.

Prosseguindo a revisão bibliográfica, com um pé na História e o outro Tateando o terreno próximo, deparou-se com o interessante estudo de Aline Carlise Slodkowski: *Memórias vivas e a Polonidade no município de Guarani das Missões/RS*, dissertação de

mestrado na UFRGS em 2013. A autora destaca um ponto importante, a qual vem ao encontro da presente pesquisa, apresentando as “memórias vivas”, que consiste em mapear, por meio da história oral, como as pessoas se relacionam com os espaços da referida cidade, como praças, escolas e ruas. Slodkowski realizou entrevistas com diferentes gerações (jovens e pessoas com mais idade), residentes na área urbana e rural do município. Por meio do cruzamento de memórias e identidades, a geógrafa buscou perceber mudanças e permanências nas relações entre as diversas gerações com as territorialidades, estabelecidas pelo discurso de polonidade. Essa forma de relação com a pátria dos antepassados, a manutenção de uma identidade “estrangeira” em solo brasileiro já foi destacada por Seyferth (1993), quando postula que a ligação entre descendentes e o país de origem dos antepassados se dá, principalmente, pela preservação de um modo de vida “estrangeiro” nas colônias, por meio das associações (culturais e desporto), da língua e, frequentemente, pela endogamia.

Slodkowski (2013) contribuiu nessa leitura atestando a importância da organização dos lugares para a manutenção dessa polonidade. Para entender como esse território é construído, em Guarani das Missões, a autora nos dá alguns exemplos de “marcas de territorialidade”. Uma dessas marcas é a escultura do Papa João Paulo II em uma das principais praças. Outro exemplo é o santuário de Nossa Senhora de Czestochowa²⁷.

Fazendo uma leitura paralela ao texto da autora, com um olhar mais historiográfico, pode-se sugerir que certas territorialidades, de que ela fala, são a aura de espaços de memória construídos. O monumento ou o santuário agem como marco zero dessa territorialidade, funcionando como chamariz de uma representação de identidade: “Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança...” que, objetiva ou subjetivamente, despertam o sentimento de pertencimento (POLLAK, 1992, p. 202; HALBWACHS, 1990).

Voltando ao texto de Slodkowski (2013), cabe ainda salientar que a leitura proporcionou compreender alguns conceitos utilizados em seu trabalho, como hibridismo cultural, para entender como é negociada essa identidade polono/brasileira, e as noções de territorialidade, além de permitir formar uma ideia geral da estruturação geofísica e geohistórica do município em questão. Como essa polonidade encontra espaços no cotidiano para sua manutenção. Segundo a autora, um desses momentos seria o das festas.

Em busca de referenciais de uma escrita biográfica sobre imigrantes poloneses/descendentes, esbarramos nos escritos do Frei Alberto Stawinski, em conjunto com

²⁷ Situado na Linha Bom Jardim, interior do município de Guarani das Missões – RS, que é a terra natal de sr. André Hamerski.

Pe. Félix Busatta, o livro intitulado *Josué Bardin: História e religião das colônias polonesas*, de 1981. Na presente literatura, os autores ensaiam uma mescla de biografia acerca do padre Josué Bardin e da religiosidade dos imigrantes poloneses e descendentes. Sobre a biografia de tal personagem cabem algumas ressalvas e surpresas: o mesmo era de origem italiana, veio da Itália para Caxias do Sul no ano de 1878 para tentar a vida como imigrante. Veio concluir os estudos clericais em Porto Alegre, os quais ele já havia iniciado, porém não concluído em sua terra de origem. Posteriormente, aprendeu o idioma polonês e dedicou-se a atender as comunidades polonesas, tendo sido o primeiro padre a pregar em língua polonesa no Rio Grande do Sul. A forma como é escrita a biografia remete às exposições de Schmidt (2011, p. 188), quando este traça um perfil histórico da escrita biográfica. Com mente nos referenciais de Schmidt (ibid.), é possível identificar, na obra em questão, uma escrita que tende ao estilo hagiográfico, de cunho memorialista. Apesar dessa forma de construção, a obra destaca as relações do biografado com as comunidades polonesas, enfocando, é claro, seu caráter pastoral.

A fim de fazer uma pausa no levantamento sobre biografias de poloneses/polônicos, há de se citar duas publicações anteriores sobre a imigração polonesa no RS, que até hoje são elementares para qualquer pesquisa sobre o tema. Antes destas sabe-se da existência de obras em língua polonesa sobre o tema da imigração no Brasil, as quais são de maiores impedimentos para serem inclusas nesta revisão. A primeira delas, dos anos 1950, a obra *Escolas da Colonização Polonesa no Rio Grande do Sul*, de autoria de Edmundo Gardoliński, reeditado em 1976, trata sobre a organização dos núcleos de poloneses do Estado, concedendo um panorama geral das atividades culturais desenvolvidas pelos descendentes/imigrantes, assim como do funcionamento das escolas étnicas polonesas²⁸. A outra obra que não pode deixar de ser lembrada é o livro publicado em 1976, *Primórdios da imigração polonesa no Rio Grande do Sul (1875 - 1975)*, do autor acima citado, Frei Alberto Stawinski. A obra traz um apanhado histórico da situação em que se encontravam os poloneses na Polônia, ressalta os principais motivos da imigração, além de outros aspectos, como: a vinda para o Brasil, a instalação e formação das colônias polonesas, atuação do clero, etc. Graças ao amplo recorte temporal, cem anos, o autor aborda o desenvolvimento dos núcleos de descendentes, demonstrando a vitalidade cultural polonesa espalhada em diversos redutos do Estado. A título de indicação de fonte de pesquisa, parte dos referenciais documentais utilizados por Stawinski (1976) na construção da obra em análise, encontra-se conservado e disponível para

²⁸ Cf. GARDOLIŃSKI (1976). Para aprofundamento sobre as questões do ensino étnico polonês e suas escolas, cf. MALIKOSKI (2014).

consulta no MUSCAP. Igualmente a título de registro, há de pontuar que alguns dos referenciais bibliográficos (suma, em língua polonesa) pertencentes em vida a Frei Alberto Stawinski, por questão de afinidade e certo acaso, vieram a ser incorporados às coleções do casal Hamerski, nos últimos momentos antes do fechamento da redação do presente trabalho.

Prosseguindo com o levantamento acerca de biografias de imigrantes e descendentes de origem polonesa, surge outra produção de Thaís Janaina Wenczenovicz. Na biografia *Edmundo Gardolinski: um engenheiro memorialista (2011)*, a autora inicia apresentando um apanhado geral do contexto imigratório polonês, estabelecendo as relações deste com o biografado; segue fornecendo informações básicas, como filiação, origem e formação acadêmica de Edmundo. Wenczenovicz (2011) traça um breve histórico da infância e juventude do biografado, mas é para a vida adulta que ela guarda seu maior fôlego, enfocando a vida pública do personagem, explanando as contribuições deste enquanto profissional e amante da cultura polonesa. A forma de escrita chama a atenção, pois é por meio da seleção e exposição de documentos que a autora vai construindo a narrativa, são apresentados em sequência cronológica documentos como: carteira de habilitação, certidões e inúmeras fotografias. Assim como a pluralidade de documentos, a historiadora retrata algumas das diversas facetas de Edmundo, marido, pai, engenheiro, memorialista, militante da polonidade²⁹ e apaixonado pela flora, em especial as orquídeas.

Uma última observação sobre o trabalho de Wenczenovicz (2011) diz respeito à utilização da história oral. Por meio de entrevistas com os filhos do biografado busca compreender e preencher lacunas documentais da trajetória de Gardolinski. Igualmente, é interessante o duplo sentido da obra: o acervo era de particulares e passou a ser público, dado ao conhecimento dos pesquisadores, haja visto que está sob custódia do Núcleo de Pesquisa em História da UFRGS, como anteriormente dito, sob o nome: Acervo de Edmundo Gardolinski; e aproxima o leitor do coletor/produtor por meio de sua biografia.

Para finalizar essa breve revisão bibliográfica, foi selecionada a obra: *Entre o vinho e a Política: Uma biografia de Celeste Gobatto (1890 - 1958)* da autora Katani Maria Nascimento Monteiro. Nesta sua tese de Doutorado, defendida em 2011 pela UFRGS, a autora apresenta Celeste Gobatto, um imigrante italiano que, graças a sua profissão (enólogo-viticultor) mais do que cultivar uvas e aperfeiçoar vinhos, fez da simpatia dos colonos trampolim para uma carreira política, primeiramente como intendente na cidade de Caxias do Sul e, posteriormente, assumindo posições mais elevadas. Monteiro (2011) busca

²⁹ A autora apresenta polonidade ligada à memória, como o “... espírito de registrar atividades sócio-culturais e religiosas da etnia” (WENCZENOVICZ, 2011, p. 38).

embasamento nas disposições de Bourdieu³⁰, atribuindo a ascensão social do personagem a esse jogo de “investimento, acumulação e recondução” dos diferentes capitais. Também é notável a aproximação da autora com os preceitos da *micro-história*. A micro-história pode ser caracterizada como um movimento historiográfico que surge da crescente preocupação com uma história social e aproximação entre a história e a antropologia, principalmente na Itália, após a década de 1970. Entendida como o compêndio de estudos com enfoque em análises microscópicas, como referenciais de estruturação desse “olhar”. Despontam as produções de Carlo Ginzburg, Giovanni Levi, Edoardo Grendi, entre outros, que compartilham dessa construção em rede, que parte do particular para o geral, do único para o múltiplo. Em suma, tem por pressupostos esse crédito em acreditar que a partir de um fragmento pode-se construir toda uma rede de significações de um contexto específico. (LIMA, 2012).

Esclarecida essa aproximação teórica da autora, pode-se compreender melhor seu filtro de análise, sendo o personagem biografado, Gobatto, tomado como um prisma que reflete, não somente situações fragmentadas, mas algo maior: os espaços os quais esse personagem passou e as ações que desenvolveu não dizem somente respeito a ele, mas permitem mapear todo o contexto histórico em que ocorreram. Nas palavras de Ginzburg (1989):

as linhas que convergem para o ‘nome’ e que dele partem, compondo uma espécie de teia de malha fina, dão ao observador a imagem gráfica do tecido social em que o indivíduo está inserido (p. 175-176. Grifos do original).

Por meio da revisão bibliográfica, pode-se estabelecer um panorama geral acerca de algumas produções dos grandes temas do trabalho: poloneses/polônios e acervos. O objetivo não foi realizar uma revisão exaustiva, que buscasse mapear todos os trabalhos acerca do assunto, mas sim identificar o que este estudo apresentará de inédito e de que forma irá contribuir para a historiografia; melhores impressões se delegará ao leitor.

³⁰ Cf. BOURDIEU, Pierre. *O poder Simbólico* (1998); *Razões Práticas: sobre a teoria da ação* (2005).

Capítulo II – Fundamentação teórica e metodológica

A fim de iniciar o diálogo teórico acerca dos principais conceitos que nortearam o presente trabalho, primeiro há de se estabelecer o entendimento das noções de representação, identidade e memória, para em seguida se discutir a noção de *polonidade*. Não foi encontrada consonância na definição do termo polonidade, porém foi atestada sua forte ligação com *identidade e memória*.

Por *representação* entendem-se “as diversas relações que os indivíduos ou os grupos mantêm com o mundo social... as práticas e os signos que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exhibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um *status*... um poder” (CHARTIER, 2011, p. 17-19. Grifos do original). Compactuamos com as disposições de Chartier (id.), quando define: “representação: imagem que remete à ideia e à memória dos objetos ausentes...”, salientando que a representação *não é a realidade*, ou seja, é uma efígie, um vulto do que é ou era a “coisa”.

Compreende-se a *identidade* como um processo pessoal e coletivo, influenciado pelas possibilidades sociais da cultura³¹ na qual o indivíduo está inserido. Não foge, portanto, de traços mais amplos, como a história e a memória. Acredita-se que a identidade não se apresenta de forma una, e sim é o que liga as várias faces de um indivíduo, como por exemplo: O André - amigo, profissional, esposo, político...

imagem de si, para si e para os outros, é a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992, p. 204).

Na base de construção das identidades está o sentimento de pertença ao conjunto de elementos culturais, como lugares, grupos, eventos, etc. Intimamente relacionada à distinção: dizer quem somos *nós* e quem são os *outros*. Atesta-se a dificuldade de poder entender a identidade como algo estático. Deve ser vista como uma representação que pode ser constantemente negociada: “A identidade é, na verdade, relacional, essa diferença é estabelecida por uma *marcação simbólica* relativamente a outras identidades”, ou seja,

³¹ Por cultura entende-se “o conjunto de realizações humanas, materiais ou imateriais” (SILVA, 2014, p. 87). Deve-se pontuar ainda, que: “Assim como a língua, a cultura oferece ao indivíduo um horizonte de possibilidades latentes - uma jaula flexível e invisível - dentro da qual se exercita a liberdade condicionada de cada um” (GINZBURG, 2006, p. 20).

sabemos quem somos a partir do momento que reconhecemos o outro como diferente (WOODWARD, 2012, p. 14. Grifos do original).

Tendo em vista tais disposições, onde essa construção de uma identidade, dessa marcação simbólica, vai buscar fundamentação? Cabe salientar o papel que a memória desempenha nesse processo, pois é nela, em muitos casos, que irá se buscar essa diferenciação. Burke (1995, p. 93) destaca a necessidade de entender esse “jogo” entre memória e identidade, pois “a imagem do passado de um grupo é compartilhada pelos membros desse grupo. Quem somos depende de quem fomos. No entanto, há uma circularidade importante envolvida aqui: quem pensamos que fomos depende de quem pensamos ser”.

Neste estudo, a *memória* é entendida como uma percepção da realidade passada, imaginada ou não, que sempre deve ser encarada como um fenômeno coletivo e social (HALBWACHS, 1990); ou como Pollak (1989, 1992) coloca: é uma representação dos “acontecimentos vividos pessoalmente” e/ou que o indivíduo assimilou do coletivo, “vividos por tabela”. Os teóricos destacam que a memória também é constituída de personagens, lugares e eventos, não vinculados necessariamente ao espaço/tempo do indivíduo. A memória é elaborada e reelaborada constantemente, de caráter seletivo, pois não é possível lembrar-se de tudo. Flutuante e mutável é expressa conforme o contexto em que é evocada, ou seja, lembrar de um fato passado traumatizante enquanto as coisas ainda estão se desenrolando pode ser inviável, porém, depois de um afastamento temporal que confere segurança à fala e ao lembrar, pode ser que atenua o recordar de tais memórias. Os imigrantes poloneses legaram ao Brasil não somente sua cultura, mas também uma mácula de amor a uma terra distante, memórias sedimentadas de heroísmo e devassidão, transmitidas de geração a geração. Motivo pelo qual brasileiros, às vezes da 4ª geração, buscam conhecer pessoalmente a terra natal dos antepassados:

como fonte do “sentimento de apego à terra natal”, mesmo quando estes se adaptaram tão completamente ao novo ambiente [...] a relação... para com o país de origem sobrevive até a fortes misturas com os habitantes locais e a consideráveis modificações tanto do patrimônio tradicional quanto do tipo hereditário (WEBER, M., 2009, p. 270. Grifos do original).

Em busca de compreender como acontecem as transmissões da memória, das significações do passado, de geração a geração, Burke (2000), esclarece os principais mecanismos de transmissão da memória social. Segundo o autor, por meio da oralidade, dos documentos escritos, das imagens, das ações e dos espaços, é que as representações do

passado se perpetuam. Logo, essa pesquisa, antes de objetivar uma análise de discurso densa, que por vezes pouco contribui ao conhecimento histórico, objetiva dar o primeiro passo para a preservação da memória contida nos acervos colecionados pelo casal Hamerski e nas suas trajetórias de militância cultural.

Esclarecidas as acepções dos principais conceitos que guiaram o presente trabalho, pode-se estabelecer um diálogo a fim de entender melhor a noção de *polonidade*.

Trindade (2015, p. 04) analisa historicamente o que é a polonidade:

A identidade polonesa, ou a categoria polonidade (*polkość*), surge no contexto da emergência dos nacionalismos europeus do século XIX, o que Hobsbawm (2009, p. 206) denomina nacionalismo político, baseados na língua, na etnia e na autonomia estatal, vinculados à direita política, porém com a especificidade do caso polonês, posto que a Polônia, propriamente dita, não existia.

Devido à falta de um Estado propriamente dito, o nacionalismo polonês voltou-se à “recuperação do Estado” por meio de uma comunidade “mais religiosa que linguística”, sendo o “catolicismo popular polonês” o responsável pela existência de uma consciência nacional polonesa, caracterizando-se como um *protonacionalismo*, ideais comuns de luta contra os invasores e conquista da independência (Id.). É notável que tal concepção da polonidade refere-se à (re)construção da identidade nacional polonesa no século XIX. Interessante compreender tais disposições, pois na época em que estes ideais estavam sendo disseminados na Polônia é justamente o período em que o bisavô de sr. André e outros tantos poloneses estavam emigrando em busca de uma vida melhor no Brasil.

Enfim, é nesse contexto que os imigrantes poloneses começam a vir para o Brasil (entre 1869 – 1930). Claro que é difícil saber como estes imigrantes, a “grande massa”, compartilhava o nacionalismo... Mas a partir da atuação do clero, de intelectuais e, posteriormente, de diplomatas, podemos imaginar que o grupo imigrante acompanhado de uma pequena faixa de indivíduos intelectualizados, tinha algum sentimento ao auto-identificar-se como polonês, apesar da contrariedade do que aparecia no seu passaporte (alemão, russo ou austro-húngaro) (TRINDADE, 2013, p. 03. Grifos do original).

Portanto, a polonidade surge como construção de intelectuais poloneses durante o séc. XIX. Os imigrantes poloneses que vieram ao Brasil continuaram a reconstrução de tal sentimento, “a luz da nova interação social da sociedade acolhedora” (Id.). O uso da terminologia, polonidade, pelas organizações polônicas brasileiras, como a BRASPOL e pelos polônicos, pode, até certo ponto, ser entendida como reflexo de um *protonacionalismo* do séc. XIX, ou mesmo um nacionalismo atual, já que diversos polônicos lembram no dia 03 de maio as memórias da Constituição Polonesa de 1791, emblema da independência polonesa.

Afinal, os historiadores estão de acordo ao afirmar que a maior parte da população de origem polonesa veio ao Brasil ainda das áreas ocupadas, durante a famigerada “febre brasileira”. Levando isso em consideração, em princípio a questão do sentimento do polonismo, da cultura e da identidade polonesa deveria ser, passados mais de cem anos, um assunto encerrado ou – antes – inexistente. Da mesma forma que o interesse pela Polônia e pelos poloneses, no seio da colônia polonesa brasileira, deveria ser inteiramente marginal. Mas isso muitas vezes não acontece. Por quê? (SIUDA-AMBROZIAK, 2011, p. 93. Grifos do original).

Acredita-se que no Brasil o sentimento de polonismo teve sua manutenção por uma gama de fatores. De acordo com Trindade (2013) e Araujo Filho (2003), assim como na leitura do presente trabalho, são considerados dois fatores como os mais significantes. O primeiro deles é o da produção de periódicos, acervos, a partir do investimento e acesso de uma parcela dos imigrantes à imprensa e editoração.

Antes mesmo da recuperação da independência polonesa, como mostra Wachowicz, havia estratégias de intelectuais poloneses de construir a “Nova Polônia” no Brasil. Segundo o historiador paranaense (2001:52-53), o *Grupo de Lwów*, a Sociedade Comercial e Geográfica ocupada da emigração, utilizou como propaganda a ideia de “nova Polônia” para divulgar os interesses de contruir um território polonês na região do Contestado...

Dmowski, líder do partido direitista *Narodowa Demokracja* (Democracia Nacional), esteve em 1900 em Curitiba e concluiu que não poderiam perder os milhares de imigrantes radicados no país. Para manter a polonidade mandou Leão Bielecki, jornalista que adquiriu o jornal *Gazeta Polska* e que lutou para adquirir padres poloneses para os imigrantes a fim de impedir o “abrasileiramento” (TRINDADE, 2013, p. 06-07. Grifos do original).

A ideia da *Nowa Polska* é coerente de acordo com o pensamento colonial da época. Cabe lembrar, de passagem, as motivações da Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918), assim como a participação de contingentes coloniais africanos nos frentes de batalha da metrópole, e europeus, a exemplo do exército francês durante a guerra. (DOWBOR, 1985).

O estudo das publicações permitiu observar que o grupo imigrante até meados de 1918, tinha orientações políticas diversas, além das diferenças culturais regionais que trouxeram. A fim de encerrar as divergências culturais existentes entre os grupos de poloneses imigrantes, os periódicos preocuparam-se em unificar o grupo por meio da propaganda de ideais tidos como “poloneses”, numa promoção interna e externa do grupo. Apagaram a heterogeneidade dos imigrantes e seus locais de origem, colocando-os todos debaixo de um guarda-chuva, uma nova identidade, polono-brasileira. (ARAUJO FILHO, 2003).

Os periódicos eram a expressão mais viva da existência de uma camada intelectualizada e nacionalista em Curitiba [...] Os informativos possuíam enfoques políticos e religiosos diferenciados [...] Esses jornais e folhetins representavam pontes entre todos os grupos poloneses circulando na cidade e nas colônias reproduzindo em língua pátria notas de civilidade e de nacionalismo, bem como as

mentalidades religiosas católicas presentes em todas as comunidades polacas (ARAUJO FILHO, 2003, p. 42).

Atribui-se à aceitação dessas produções o terem sido facilitadas devido ao caráter pedagógico das edições. Buscavam a distinção do grupo, ao mesmo tempo em que integravam o imigrante/descendente à sociedade acolhedora. Os textos bilíngues são um exemplo dessa fusão de culturas. (MOLAR; LAMB, 2011). Tais signos difundidos por meio dos periódicos tiveram força até meados de 1940, quando, graças à repressão do Estado Novo, foram encerradas as atividades de alguns periódicos, momentaneamente, como o caso do *Lud*³² (O Povo), em 1940, e extinguindo, definitivamente, as atividades de outros - em 1941, o *Polska Prowda w Brazylji* (A verdade Polonesa no Brasil) e o *Gazeta Polska w Brazylji*³³ (Gazeta Polonesa no Brasil). Produções originárias de Curitiba - PR, igualmente difundidas entre as colônias, inclusive no Rio Grande do Sul. (PITON, 1971).

Assim, o grupo polonês através das páginas da Gazeta Polaca [sic] expressou imagens identitárias particularizadas sobre seus hábitos e tradições sócio-culturais, sendo, pois, as imagens lidas enquanto indícios interpretativos do real, isto é, são reflexos da forma com que o grupo deseja se mostrar à sociedade e ao contexto em que estavam inseridos (MOLAR; LAMB, 2011, p. 02).

Com o encerramento de muitos periódicos, inicia-se um período de recolhimento dos discursos de polonidade no Brasil. Segundo a historiografia, sabe-se que devido a fatores nacionais, como, por exemplo, as políticas de nacionalização durante o Estado Novo e o silêncio durante a ditadura militar (1964 - 1985), principalmente nos primeiros anos, assim como devido a fatores internacionais, como o isolamento do regime socialista na Polônia (1944 - 1989), contribuíram para o afastamento entre as duas culturas. Segundo Grzeszczuk (2012, p.12), a partir de 1938, durante o governo de Getúlio Vargas, foi iniciado um processo de nacionalização, o qual, por sua vez, encerrou as atividades de todas as escolas que instruíam em outra língua que não fosse o português. Logo, o idioma dos grupos de imigrantes tinha de ser esquecido na esfera pública. Como resultado foram encerradas as atividades de aproximadamente 335 associações polonesas, incluindo jornais e associações recreativas, além de cerca de 200 escolas:

Depois da segunda guerra, o Brasil acomodou emigrantes das forças polonesas desmobilizadas no Oeste e ex-prisioneiros de campos de concentração. No total, após a Segunda Guerra Mundial, vieram para o Brasil de 10 000 até 20 000 poloneses que muitas vezes eram a força motriz para as instituições polonesas

³² Importante jornal da comunidade polonesa no Brasil. Iniciou as atividades em 1920, foi suprimido de 1940 a 1946, durante o Estado Novo, retomou as atividades em 1947, sendo extinto em 1999. (WEBER, R., 2015).

³³ Tem as primeiras edições datadas de 1892.

decadentes. Prevaleram entre eles intelectuais e trabalhadores qualificados. No entanto, apesar dessa última injeção de “sangue polonês” no período de pós-guerra os poloneses brasileiros começaram a perder progressivamente o contato com sua terra natal, desapareceu o hábito de ler em polonês, não havia o interesse para eventos na Polônia. Os descendentes dos imigrantes poloneses tornaram-se lentamente brasileiros. O renascimento da consciência nacional ocorreu depois da eleição de Karol Wojtyła como Papa e da criação da “Solidariedade” – esses eventos eram altos na mídia e ajudaram a popularizar a Polônia no Brasil. A eleição do cardeal polonês como a cabeça da Igreja Católica serviu como um impulso que restaurou muitas memórias sobre a identidade polonesa, a origem polaca tornou-se um objecto [sic] de orgulho (GRZESZCZUK, 2012, p. 12. Grifos do original).

Graças à investigação das memórias de sr. André, como o leitor poderá perceber de forma mais clara a partir do capítulo II, é expressivo que o imigrante trouxe com ele não só ideais políticos, mas toda uma bagagem cultural. O presente trabalho preocupou-se em captar a expressão mais pessoal da polonidade do casal, ou seja, a sua manifestação e interpretação pessoais. A permanência desses ideais identitários poloneses apresenta-se como algo a ser negociado pelos egressos da Polônia e seus descendentes, agora indivíduos da sociedade brasileira. (BUDAKOWSKA, 2014).

Mesmo com o recolhimento da polonidade, enquanto discurso, no período de 1940 - 1970, a influência cultural polonesa continuou viva, podendo ser percebida, inclusive, na música popular brasileira desse período. Um exemplo claro é a inspiração nos ritmos musicais eslavos, com destaque para o polonês da *mazurka*³⁴. Essa forma de polonidade integra-se na construção da brasilidade podendo ser percebida na obra do pernambucano Luiz Gonzaga³⁵.

Por meio da análise da documentação gerada por Frei Alberto Stawinski (1909 - 1991)³⁶, pode-se perceber que uma pequena parcela de polônicos conseguiu manter contatos com a Polônia durante o período de isolamento (1944 - 1989). Cartas do religioso capuchinho

³⁴Em 1945, o lançamento da primeira canção do artista, a mazurca – “Dança Mariquinha” (Luiz Gonzaga e Miguel Lima) (PARENTE, 2016, p. 48). Em 1968, “Mazurca” (Luiz Gonzaga e Raimundo Grangeiro) disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VtD6VdSKpvs> - acessado em 27/09/2017.

³⁵O artista teria aprendido diversos ritmos europeus que faziam sucesso no sul do Brasil (MORAES, 2014, p. 55), com o sanfoneiro Domingos Ambrósio. A troca de experiências entre os músicos teria acontecido durante uma das inúmeras viagens de Gonzaga pelos diversos estados do país. A simpatia com as “manifestações rítmicas” polonesas, como a mazurca, aliada à devoção católica, contribuíram para que em 09 de julho de 1980, após apresentar-se no estádio Plácido Castelo em Fortaleza - CE, Gonzaga pedisse a bênção ao Papa João Paulo II (Ibid.; p. 121). O encontro com a Vossa Santidade foi assim descrito pelo músico: “Entre com aquela dificuldade toda. O povo invadiu quando eu ia entrar. O povo me derrubou e passou por cima de mim. Eu saí do outro lado, sem sapato, sem sanfona. Cheguei perto do Papa, cantei para ele, cansado, ruim como o diabo. Mas quando ele pegou minha mão e disse ‘obrigado, cantador’, foi o grande momento da minha vida” (ECHEVERRIA, 2012, p. 251). No mesmo ano, o sanfoneiro compôs, como homenagem, a canção – “Obrigado João Paulo” (Luiz Gonzaga e padre Gotardo Lemos) (PARENTE, 2016, p. 120-121). Cf. Foto do encontro: <http://juarezribeiroa.blogspot.com.br/2017/08/luiz-gonzaga-o-rei-do-baiao-pedindo.html> - acessado em 27/09/2017. Em 1983, compôs outra canção em que o Papa é mencionado. Acredita-se que a letra consiste em uma crítica social figurada ao Presidente João Figueiredo pelo descaso com o povo nordestino – “O Papa e o jegue”, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XpFohmlry_A – acessado em 09/10/2017.

³⁶PAX ET BONUM (2011, p. 161-162); Revista de circulação interna da OFM-CAP do Brasil.

a amigos e instituições polonesas, a encomenda de materiais de apoio, que vão de dicionários a discos, retrata a dificuldade de comunicação entre os dois países, assim como o desafio de manter viva a cultura no sul do Brasil, sem maiores fomentos. Entre a parcela de polônios que mantiveram contato com o exterior durante o período de isolamento, destacam-se os religiosos da Ordem Vicentina. Estes tiveram o direito de “livre circulação”, de ir e vir da Polônia, pela alegação da necessidade de formação religiosa continuada. (WEBER, R., 2015). Evidentemente que quando retornavam, traziam consigo informações do além-mar. Pressupõe-se que essas notícias eram disseminadas entre determinados grupos, sobre os quais os vicentinos tinham maior influência, como a exemplo da Sociedade Polônia. As poucas informações da situação do cárcere polonês por vezes serviram de incentivo para que a polonidade no Brasil tivesse manutenção. Lembrar a situação polonesa no exterior era uma necessidade:

Para a década de 1950, há registros de vitalidade da colônia polonesa. Em Porto Alegre, Jan K. Wojcik, um ex-prisioneiro dos campos de concentração alemães, dirigia peças teatrais polonesas nos dias festivos na Sociedade Polônia e um programa radiofônico em língua polonesa, além de contribuir com a pesquisa e a divulgação da história dos imigrantes poloneses em parceria com Edmundo Gardolinski (WACHOWICZ; MALCZEWSKI SChr, 2000, p. 417 *apud* WEBER, R., 2015, p.266).

A polonidade, no Brasil, ganha novo fôlego no período de 1970 - 1975, quando se aproximam as festividades do centenário da imigração polonesa no Brasil. No Paraná e no Rio Grande do Sul, o período foi marcado por diversas produções acadêmicas e memorialísticas (TRINDADE, 2013). Com a ascensão do Papa João Paulo II em 1978, um polonês no mais elevado poder da Igreja Católica, faz com que os olhares voltem-se para a Polônia, concedendo ao povo polonês um raio de esperança. A aliança do Papa com movimentos operários poloneses contribuiu para a reafirmação da religiosidade católica, sobre a ótica de identidade nacional. (ZAMOYSKI, 2010). A parceria entre a Igreja e o Solidariedade, assim como os crescentes contatos com o exterior, foram decisivos na reabertura da Polônia. (DRABIK; FERNANDES, 1984).

Os emigrantes do pós-guerra e os seus filhos começaram a visitar a Polônia em número igualmente crescente. Este enorme movimento de pessoas derrubou as barreiras erguidas por décadas de isolamento e abriu canais de comunicação permanentes. O pensamento e a cultura polacos evoluíram num concerto semaforico de indivíduos espalhados pelo mundo, transmitido pelos jornais e editoras dos círculos de emigrados (ZAMOYSKI, 2010, p. 338).

No Brasil, já em 1966, a comunidade polônica havia demonstrado que muitos mantinham uma identidade étnica-religiosa, a exemplo das comemorações de mil anos da Polônia Cristã. A visita de Frei Alberto Stawinski ao país dos antepassados foi marcada pela participação nas celebrações de abertura, da primeira igreja na cidade símbolo do comunismo, *Nowa Huta*, forjada para servir de cidade operária modelo. (ZAMOYSKI, 2010, p. 322). A construção da primeira igreja, *Arka Pana* (Arca do Senhor), em 1977, demonstrava que o fator religioso assemblado à identidade nacional eram presságios de novos tempos.

Quase como um eco, pouco tempo após a queda do muro de Berlim, em 1989, no Brasil florescem novos debates e é iniciada uma nova fase de integração entre os países, novos olhares retornam à polonidade:

De fato, a BRASPOL, instituição criada em 1990, trouxe novas perspectivas sobre o movimento polônico no Brasil e foi instrumento mais fundamental ainda na constituição da polonidade. [...] Em muitos momentos, suas ações... aquilo que entendem como polonidade: os costumes e tradições polonesas, folclore, danças, música, etc. A religião e a língua parecem ser ainda preponderantes, mas outros itens tem-se somado a estes dois (TRINDADE, 2013, p. 11-12).

Ao contruir um quadro geral da atuação e do papel social desempenhado pela entidade no Brasil, a socióloga Budakowska (2007) destaca treze domínios como fundamentais sobre as atividades da BRASPOL. Os domínios compreendem ações concernentes à:

cultura, educação ciência, religião, tradições polonesas, forma de atuação ligadas aos festejos religiosos, homenagem às célebres datas nacionais relacionadas com os acontecimentos históricos, rememoração das datas históricas brasileiras, participação de núcleos da BRASPOL nos importantes acontecimentos do Brasil, contatos e organização de encontros com os representantes das autoridades polonesas (Embaixada, Consulado), contatos com os poloneses viajando de serviço pelo Brasil, contatos individuais com a Polônia, confraternizações em tempo livre, formas da rememoração da contribuição dos poloneses para o desenvolvimento do Brasil (Ibid. P. 249-250).

Em análise do *novo movimento étnico*, Budakowska (2007, p. 251) destaca que o processo de esvanecimento das práticas culturais polonesas no Brasil se deve sobretudo a uma “estigmatização negativa da origem”. O rompimento dessa negativa em partes se deve à atuação humana que tem agido de forma criativa. No Brasil, desde o séc. XX o grupo étnico polonês teve de enfrentar um preconceito introjetado na sociedade brasileira, vinculado à nomenclatura original – polaco. A “má interpretação” do termo se deve à importação de meretrizes europeias que, devido ao exotismo causado aos olhos dos moradores do Rio de Janeiro e numa tentativa de moralização da sociedade local, por meio da exclusão, indiferentemente da proveniência, as meretrizes recebiam o adjetivo de “polacas”, por

fisicamente assemelharem-se às populações imigrantes do sul do Brasil (IAROCHINSKI, 2003). Acredita-se que esse foi um dos motivos pelos quais muitos poloneses, ao chegarem no Brasil, tomando conhecimento do uso pejorativo do termo, acabaram por vez adotando a nacionalidade que constava nos passaportes de entrada - russos, austríacos e alemães, apesar de serem culturalmente poloneses (STAWINSKI, 1976; TRINDADE, 2013).

O grupo étnico polonês sofria ainda do agravante de não possuir um “Estado” capaz de promover a defesa e exigir do governo brasileiro o devido retratamento. Aos descendentes foi, ainda, legado o estigma de *polacos* como sinônimo de bebados/baderneiros, filhos da puta e sem bandeira. A reprodução de um senso comum embasado em preconceitos históricos se deu em maior grau nos círculos de baixa intelectualidade (Ibid.). Porém, não dificilmente o uso do termo, polaco, adquiriu ao longo do tempo a cristalização negativa, mesmo entre grupos intelectuais da sociedade brasileira, consistindo numa forma de “alteridade exotizada”. (SANTOS, 2013). Por meio da revisão histórica, este trabalho busca contribuir à desexotização da cultura polônica no Brasil, assim como sobre recortes da história da Polônia.

Segundo Iarochinski (2003, p. 113), provavelmente uma das atribuições primevas da palavra polaco provenha do grego - *pelanos*, utilizada para designar algo plano. Com o passar do tempo, foi atribuída para designar as populações que habitavam as planícies onde hoje estende-se grande parte do território da Polônia. A palavra remete ao nome de uma das tribos eslavas originárias da etnia - polanos:

Etimologicamente, a raiz da palavra é pole, que em polaco significa campo, campina, planície, terreno nivelado e não arborizado, suscetível de ser aproveitado economicamente (agricultura, pecuária, caça, etc). Polana é a clareira na floresta, portanto, um pequeno campo raso. Polano é acha (de lenha) destinada ao fogo, colhida nas clareiras (Ibid.).

No Brasil, o abrandamento da negativização do termo polaco se deu pela adoção de uma nova terminologia para identificar a etnia. Oficialmente, a partir de 1927 cunhou-se o termo polonês, provindo da palavra francesa – polonais³⁷ (IAROCHINSKI, 2003, p.119). A fim de retomar o diálogo sobre as novas relações do movimento étnico polônico, convém destacar que a BRASPOL foi responsável por novas interpretações nos “meios de descendência polonesa”, estabelecendo novas relações de lealdade e vínculos de engajamento, constituindo uma nova forma de refazer a memória étnica herdada pelos descendentes:

Uma característica própria do novo movimento social polonês no Brasil era sua referência aos espaços ligados historicamente ao grupo, como lugares

³⁷ Pronuncia-se: po-lo-né.

rememorativos da participação dos pioneiros na criação da história integrada do Estado. Os símbolos relacionados com o espaço tornaram-se indicadores históricos da identidade do grupo, enquanto que os modos de expressão social passaram a ser uma manifestação da abertura constante ao contexto e à reconstrução criativa (BUDAKOWSKA, 2007, p. 251).

Dentro dessa retomada da polonidade, o advento da Internet e ações de intercâmbio cultural, turístico e acadêmico, facilitados por organizações como a BRASPOL, constituem outro marco na discussão dos modos de “*sentir polonês*” (BUDAKOWSKA, 2014). Assinaladas essas novas relações de identidade entre descendentes e o território de origem dos antepassados, aponta-se a preocupação em compreender as expressões dessa polonidade e esse “sentir polonês”. Estudos do CESLA (Centro de Estudios Latinoamericanos) e outras organizações polonesas - sem falar nas contribuições dos pesquisadores brasileiros - têm objetivado entender como essa identidade é mantida e ressignificada, buscando, inclusive, os meios e por quem são expressas.

Juntamente a essa circularidade de discursos, das mais diversas correntes, leigas e eclesiais, manifestaram-se concepções, por vezes bem divergentes de polonidade e por vezes extremamente políticas.

O segundo fator de propagação da identidade considerado no presente trabalho é constituído por representantes, líderes/intelectuais étnicos, articuladores da cultura polônica no Brasil. O trabalho dessas lideranças contribuiu e contribui na manutenção e reinvenção dos modos de “*sentir polonês*”. (WEBER, R., 2012, 2015; WENCZENOVICZ, 2012).

[...] pode-se pensar nos intelectuais étnicos como indivíduos engajados na formulação e transmissão de representações, expressas por meio de imagens, memórias, discursos, os quais dão base à identidade de grupos étnicos, contribuindo para a composição do complexo simbólico-cultural que funciona como emblema de um grupo social (GIMÉNEZ, 1997, p. 14 *apud* WEBER, R., 2014 (a), p. 254).

Os líderes/intelectuais, na sua forma de aglutinar o grupo, deixaram suas identidades pessoais em sua atuação, seu *carisma*, como por exemplo no caso do Engenheiro Edmundo Gardolinski - o amor pela fotografia e liderança estadual³⁸, ou de Frei Alberto Stawinski – a dedicação à memória religiosa e à história da imigração, entre outros que contribuem na constelação de representações polônicas. Por meio de análise da documentação, identificou-se que o carisma de atuação do casal Hamerski está relacionado com as artes, em especial, as danças folclóricas.

³⁸ Cf. STAWINSKI (1976, p. 220).

Os personagens que estão sendo denominados de “intelectuais étnicos” ficam a meio caminho entre afirmar valores e práticas culturais específicas do grupo do qual são originários e serem os proponentes de novas práticas a este mesmo grupo, com vistas a aumentar sua receptividade por parte da sociedade majoritária, ao mesmo tempo em que reforçam sentimentos de identidade (WEBER, R.; 2014 (b), p. 717. Grifos do original).

O papel desempenhado pelos líderes está intimamente ligado à interpretação que os indivíduos irão conceder à cultura em que estão inseridos. Nesse sentido destaca-se o caráter de propagadores culturais. (WEBER, R., 2014). Nos três exemplos de liderança étnica - Gardolinski, Stawinski e casal Hamerski - nota-se que a acumulação de documentos está atrelada à atuação cultural de forma militante. A acumulação de registros que atestam as ações desenvolvidas atinge um patamar de patrimônio cultural que versa sobre determinado coletivo. É natural que os líderes tenham feito uma seleção do que salvaguardar, do que era digno de nota. São as representações da cultura. (HEYMANN, 1997).

Encara-se como positiva a atuação do casal Hamerski enquanto incentivadores/defensores do patrimônio (i)material polônico. Chama-se atenção para o fato de que só a atuação dos líderes não é suficiente para que este patrimônio mantenha-se vivo:

Os patrimônios imateriais, como as festas e celebrações, as músicas, danças, comidas, saberes e técnicas próprias da diversidade cultural só se conservarão, efetivamente, se vivenciados pelas pessoas; pelos sujeitos com motivações em suas comunidades, em condições, com garantias, liberdade e interesses em vivenciar e preservar, de modo dinâmico e criativo, as expressões de suas identidades culturais (VIANNA, 2016, [s.p.]).

O patrimônio cultural, polonidade, é um compromisso de todo o coletivo, motivo pelo qual a preocupação em formar o jovem, educar culturalmente, se apresenta de forma necessária, constante e premente nos trabalhos culturais a que o casal se dedica.

No estabelecimento de noções para a análise do presente trabalho, outro fator que é destacado é o de que, devido à crescente individualização das relações do mundo atual, cada vez mais o discurso de polonidade cede espaço para esse *ser/sentir polônico*, aberto à releitura do indivíduo. A *polonidade* apresenta-se como uma representação pessoal que se relaciona à ancestralidade polonesa e os conhecimentos sobre a Polônia atual. (BUDAKOWSKA, 2014).

O patrimônio cultural expressa a solidariedade que une os que compartilham um conjunto de bens e práticas que os identifica, mas também costuma ser um lugar de cumplicidade social. As atividades destinadas a defini-lo, preservá-los e difundi-los, amparadas pelo prestígio histórico e simbólico dos bens patrimoniais, incorrem quase sempre numa certa simulação ao sustentarem que a sociedade não está dividida em classes, etnias e grupos, ou quando afirmam que a grandiosidade e o prestígio acumulados por esses bens transcendem essas frações sociais (CANCLINI, 1994, p. 96).

Canclini (1994) destaca que o patrimônio cultural serve como distinção entre os grupos sociais e, comumente, os setores dominantes da sociedade tendem a dispor de meios de preservação e legitimação deste, enquanto que o patrimônio cultural dos setores populares dificilmente consegue alcançar o devido reconhecimento social. O patrimônio cultural, quando verticalizado, permite que somente um seleto grupo de indivíduos possa acessá-lo. O presente trabalho buscou horizontalizar a leitura pela exposição de fragmentos do patrimônio cultural de origem polonesa, aliando a prospecção dos acervos às vivências do casal, buscando proporcionar o conhecimento por meio de diferentes leituras.

Se pensarmos o passado a partir do nosso presente, os Arquivos Particulares nos colocam dilemas e vivências que nos fazem compreender melhor nossos cotidianos, já que o dia a dia é a verdadeira história, pontilhada por raros “grandes momentos”. E é esse conhecimento do particular articulado ao social, a vida pessoal contextualizada e emaranhada às tramas de outras pessoas, sob a égide de diferentes regimes políticos, guerra ou paz, em tempos de peste ou de boa saúde, pobreza ou riqueza, enfim, que conseguimos vislumbrar um passado mais humanizado e, portanto, passível de comunicar-se com o presente (FRANÇA; LOPES.; BERND; 2010, p. 166. Grifos do original).

A título de conclusão provisória, há de se retomar os dois pontos considerados relevantes para este estudo sobre as representações polônicas, que são: o das produções humanas (documentos diversos) e o dos humanos produtores (líderes étnicos). Este estudo propôs-se a refletir a organização dos acervos colecionados pelo casal de líderes, aliando seu colecionismo e a construção da ‘Casa Polonesa’ em Nova Prata - RS ao ensino de história. Democratizar todo o conhecimento contido nas coleções de documentos é um horizonte por demais ambicioso, que este trabalho jamais conseguiria alcançar, como o leitor poderá perceber no capítulo IV. Buscou-se, então, dar os primeiros passos.

Porém, a residência do casal Hamerski, em toda a sua peculiaridade, não passa despercebida no panorama urbano local. Surpreende os visitantes por estar situada em uma região (Serra Gaúcha) que tem como preponderância a lembrança da contribuição do imigrante italiano ao desenvolvimento. A construção da ‘Casa Polonesa’ não teve o objetivo de ofuscar a beleza da contribuição itálica à região, até porque o contingente de imigrantes poloneses que conseguiram se fixar na Serra Gaúcha, comparado ao número de famílias de origem italiana, foi por demais simbólico, como sugere o título do livro – *Imigrantes poloneses afundados num mar de italianos*³⁹. Mas veio requisitar uma menção, modesta, na história regional. Principalmente, no panorama visual.

³⁹ Cf. MARIN (2014).

Dito isso, acredita-se relevante compreender melhor quais as relações que os visitantes e moradores estabelecem, e podem estabelecer, ao olhar para a casa. Buscando compreender algumas noções como *espaço*, *território* e *paisagem*, após um estranhamento inicial de tal possibilidade, ocorreu a familiarização com importantes trabalhos de pesquisadores da *geografia cultural*. Essa aproximação teórica permitiu, inclusive, certas potencialidades de análise sobre a história polonesa e da imigração polonesa no Brasil, já que a primeira é marcada, antes de tudo, por uma luta territorial, desde remotas épocas (WRÓBEL, 2012). E a segunda, por diversas migrações internas, um dos motivos do número reduzido de poloneses fixados na região da Serra Gaúcha (STAWINSKI, 1976).

Na base do entendimento de relações do humano/local, apresentam-se as conceituações do teórico Claude Raffestin (2009). Segundo ele, primeiramente, deve-se estabelecer a distinção entre *espaço* e *território*: “Espaço e território não são termos equivalentes e nem sinônimos”. O *espaço* é o natural, é o que vem antes do território. Já o *território* é a ação do homem sobre determinado espaço, onde ele se apropria fisicamente, como por exemplo: edificando construções e abrindo ruas, e abstratamente por meio de representações. “O espaço é a “prisão original”, de acordo com a definição de Gunnar Olson, a “jaula”, segundo Jean Brunhes; ao contrário, o território é a prisão que os homens constroem para si, reorganizando as condições iniciais” (RAFFESTIN, 2009, p. 26. Grifos do original).

Conforme Medeiros (2009), essa apropriação do espaço, que transforma o natural em território, estipula uma *territorialidade* que não deixa de ser um espaço de identidade, ou melhor, de identificação. Muito antes de ser apropriado, o território pode ser somente imaginado e o sentimento é a base do pertencimento, mais importante do que a forma física. “O território deve ser visto na perspectiva não apenas de um domínio ou controle politicamente estruturado, mas também de uma apropriação que incorpora uma dimensão simbólica, identitária e, porque não dizer... afetiva.” (HAESBAERT, 1997, p. 41 *apud* MEDEIROS, 2009, p. 218).

Para Saquet (2009), também não é possível separar o *espaço* de *território*, pois a existência de um depende do outro. A *territorialidade* é a mediação simbólica da materialidade dos lugares, que pode ser entendida como uma linha que, através das relações sociais estabelecidas, vai adquirindo *nós*, formando uma *malha*, uma *rede* que se liga a outras tantas territorialidades, influenciada pelas condições históricas e geográficas de cada lugar. Possui continuidades e descontinuidades no espaço/tempo, ou seja, a imaginação de um

território pode vir a buscar inspiração em outros lugares, distantes, ou mesmo fora da temporalidade vivida pelos indivíduos, como é o caso do casal Hamerski.

Por fim, Raffestin (2009) atesta que a noção de *paisagem* está intimamente ligada à imaginação dos indivíduos na criação da territorialidade. A paisagem deve ser entendida como a parte visível da territorialidade, ou seja, é aquilo que o observador consegue perceber da representação. Como se daria a aplicabilidade? Estabelecendo a ‘Casa Polonesa’ como um território: a pessoa que estiver passando na calçada e olhar diretamente para a casa, irá, conseqüentemente, perceber uma *paisagem*, e sua leitura imediata, provavelmente, será a de estar diante de uma grande casa de madeira, do tipo “chalé”. Porém, se o observador tiver disponíveis outros tantos mediadores, dificilmente irá fixar seu olhar apenas no nível paisagístico e sim poderá fazer uma leitura mais densa do local em que se encontra. O autor destaca que o estabelecimento de mediadores só é possível através do conhecimento da imaginação de quem criou tal territorialidade. Por esse motivo, entre outros, acreditou-se numa abordagem *geo-histórica* a fim de entender como pode a “Polônia” estar em Nova Prata. Cabe ainda lembrar que “hoje a história não é mais uma ciência apenas dos *homens*, mas também dos *lugares*... [assim como] a geografia não é somente ciência dos lugares, mas também e, sobretudo, dos homens” (QUAINI, 1968, p. 08 *apud* SAQUET, 2009, p. 75. Grifos do original).

Se for permitido ao observador instrumentalizar-se de um conhecimento sobre o local, seu olhar para o mundo também será diferente, pois conseguirá vislumbrar o local a partir do mundo, assim como o mundo partindo do local (CIAMPI, 20007). Entendendo as territorialidades através desse olhar de caleidoscópio, pode-se reconhecer a heterogeneidade das culturas exacerbadas nos lugares. E cabe ao ensino auxiliar no desenvolvimento desse olhar que valoriza as diferenças do local. Nota-se que tais preceitos da *geografia cultural* vão diretamente ao encontro da *história local*.

Segundo Ciampi (2007), *história local* é a história que permeia as relações do local onde o indivíduo está inserido. A possibilidade de (re)significação do local, através da compreensão de que o mesmo sofre influências do global, não tem o intuito de destruir todo e qualquer conhecimento do indivíduo acerca do seu bairro, município ou região, mas tem o papel de reconstrução desse saber, “dentro das limitações, refletir e participar da construção de um conhecimento que, até então, reproduzíamos passivamente” (Id., p. 06).

Transformar aquele observador passivo, que ao passar na rua olhava a casa e pensava estar vendo somente uma casa diferente, grande, de madeira, em um questionador de sua

realidade, que consiga perceber que é mais do que uma casa comum, e sim que reproduz um estilo arquitetônico diferente, polonês. Mas por que ela está aí, se aqui não é a Polônia? Foram poloneses que a construíram? Será que alguém consegue morar ali? Como será por dentro? Estranho, não se vêem mais muitas casas de madeira hoje em dia... Por quê?

Na busca dos significados, as pessoas aprendem a observar, comparar, associar, classificar, ordenar, medir, quantificar, inferir, verificar e refletir. Essas habilidades se desenvolvem no contato com os objetos. Por exemplo, em contato com uma obra de arte, o observador é estimulado para o desenvolvimento das habilidades relacionadas ao senso espacial, como a proporcionalidade e a localização. Já em contato com uma narrativa, o leitor é apresentado a sequências singulares de acontecimentos e emoções que envolvem os personagens... (SINGER, 2013, p. 3).

Acredita-se que o desvelamento das representações do casal e de fragmentos da história polonesa, dentro de uma abordagem local, possam proporcionar um olhar diferenciado para história. De ser desnecessária a construção de um lugar específico e declarado: aqui está a história! Até porque tal ato parece afugentar as pessoas (BELLOTTO, 2006). Palavras como: Museu, Arquivo, Centro de Memória ainda são entendidas como um depósito de coisas velhas, quando na verdade não são. A história está em todos os lugares, perceptível nos diversos níveis, basta termos desenvolvido o olhar e o espírito investigativo para conseguirmos vê-la. E quem sabe essa aproximação de acervos locais desperte o que Bellotto (2006, p. 246) aponta:

Haverá, no jovem [e quem sabe não só no jovem], um interesse maior pela história, seja como aluno, seja como futuro cidadão atuante. Poderá mesmo, em suas futuras atividades profissionais, diversas que sejam do campo da história, ser um dos que atuem na preservação de documentos...

A escolha pela metodologia da história oral para obtenção de parte das informações, aproxima-se a uma história “mais humana” (MEIHY, 1998). Por meio desta, buscou-se valorizar as “fontes vivas” (ALBERTI, 2005). Essa abordagem, igualmente, procurou relativizar a supervalorização da palavra escrita em contraposição à não-escrita, tendência natural de um mundo social que necessita da materialidade como prova:

Enquanto espero que o mundo não escrito se torne mais claro, sempre há uma página escrita aberta diante de mim, onde posso voltar e mergulhar: faço-o sem demora e com a maior satisfação, porque ali, pelo menos, mesmo que só compreenda uma pequena parte do todo, posso alimentar a ilusão de que mantenho tudo sob controle (CALVINO, 2006, p. 141).

A história oral, aliada à história local, permite o surgimento de outras percepções do passado que contribuem a um entendimento diversificado da história oficial da região.

Durante o trabalho de campo, de organização dos acervos e realização das entrevistas com o sr. André e dona Vanda Hamerski, foi permitido ao pesquisador acessar, não somente o arquivo documental, como se propôs a organização, mas também as muitas belezas espalhadas pela residência.

As dificuldades que se apresentaram ao longo do trabalho de pesquisa foram muitas. A primeira delas foi a de trabalhar constantemente com diversas línguas estrangeiras. Devido à escassez de bibliografia em língua portuguesa, foram consultados títulos e documentos em polonês, alemão, italiano, espanhol e inglês, em primazia à língua polonesa, seu alfabeto único e de rica expressividade linguística. Para executar o presente trabalho, foi necessário treinar a escuta para compreender expressões em polonês fluente, trocadas entre o casal. Outra dificuldade percebida ao longo do trabalho de pesquisa, foi a de trabalhar com a história do tempo presente, sentindo “os cravos e os louros”, como coloca Chartier (2005):

Para o historiador modernista, a história do tempo presente, pelo menos como ele a imagina, desperta um mau sentimento: a inveja. Antes de tudo, inveja de uma pesquisa que não é uma busca desesperada de almas mortas, mas um encontro com seres de carne e osso que são contemporâneos daquele que lhes narra as vidas (p. 215).

Inveja, enfim porque o historiador do tempo presente é contemporâneo de seu objeto e portanto partilha com aqueles cuja história ele narra as mesmas categorias essenciais, as mesmas referências fundamentais. Ele é pois o único que pode superar a descontinuidade fundamental que costuma existir entre o aparato intelectual, afetivo e psíquico do historiador e o dos homens e mulheres cuja história ele escreve. Para os historiadores dos tempos consumados, o conhecimento histórico é sempre uma difícil operação de tradução, sempre uma tentativa paradoxal: manifestar sobre o modo de equivalência um afastamento irredutível. Para o historiador do tempo presente, parece infinitamente menor a distância entre a compreensão que ele tem de si mesmo e a dos atores históricos, modestos ou ilustres, cujas maneiras de sentir e de pensar ele reconstrói (p. 215-216).

O presente trabalho conseguiu “capturar” apenas uma pequena parte do compartilhamento tido entre pesquisador e pesquisados. Acredita-se que a história oral facilitou chegar às categorias do arranjo organizacional:

Como pressuposto, a história oral implica a percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. A presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral. Nessa medida, a história oral não só oferece uma mudança para o conceito de história, mas mais que isso, garante sentido social à vida de depoentes e leitores que passam a entender a seqüência [sic] histórica e sentir-se parte do contexto em que vivem (MEIHY, 1998, p. 13).

Buscou-se registrar na primeira entrevista - experimental -, uma das conversas tidas com sr. André sobre religiosidade. Após essa primeira gravação, constatou-se que as

entrevistas subsequentes deveriam ter menor duração, pois a densidade das informações e a exaustão do trabalho de lembrar foi sentida em avaliação após a atividade de registro (transcrição). A primeira entrevista também serviu para familiarizar-se com o ritmo e forma do entrevistado se expressar, com duração de aproximadamente 120 minutos. As entrevistas subsequentes duraram pouco mais de 30 minutos. As horas de trabalho de campo ultrapassam 180 horas. Sr. André, como militante de longa data, não só na polonidade, mas inclusive como político-partidário, possui uma oratória aprimorada e irreverência única, que por meio da convivência constatou ser seu modo natural de ser:

Para os militantes, sejam eles sindicalistas, políticos ou feministas, testemunhar, dar uma versão e uma visão do passado, formar para a história um ponto de vista sobre os fatos e permitir estabelecer a sua veracidade também é controlar a posteridade, ter domínio sobre a imagem que será legada à eternidade: em suma, deter ou acreditar deter a legitimidade de todo o movimento (VOLDMAN, 2005, p. 258).

Um segundo estranhamento foi o de se trabalhar imerso em uma atmosfera, única, que é a da ‘Casa Polonesa’ em Nova Prata - RS. Os que a conhecem pessoalmente podem entender melhor o que está sendo dito. Aos que ainda não a conhecem, fica o convite.

Inicialmente, houve o vislumbre, pois meu guia dentro do ambiente de trabalho foi o sr. André. Este acompanhou o trabalho de perto, ajudando na organização e redescobrimo tesouros perdidos dentro da própria casa. Cada objeto – quadros, livros, móveis, discos, tudo lhe despertava memórias repletas de discursos simbólicos de polonidade:

Porque nos apegamos aos objetos? Porque desejamos que não mudem, e continuem a nos fazer companhia? Afastamos toda consideração de comodidade ou de estética. Nosso entorno material leva ao mesmo tempo nossa marca e a dos outros. Nossa casa, nossos móveis e a maneira segundo a qual estão dispostos, o arranjo dos cômodos onde vivemos, lembra-nos nossa família e os amigos que víamos geralmente nesse quadro (HALBWACHS, 1990, p. 131).

O objetivo inicial da pesquisa era a salvaguarda das contribuições de sr. André Hamerski para a comunidade polônica. Porém, com o andamento do trabalho percebeu-se também as contribuições de dona Vanda, que vão desde os simbólicos bordados e tecidos que adornam a residência à preparação das aulas de língua e canto, bem como das idas e vindas à costureira por razão das roupas do grupo Kalina.

A militância de dona Vanda se apresenta de forma mais silenciosa e somente por meio da convivência foi possível chegar à percepção de seu papel fundamental como base operacional da polonidade. Dona Vanda relata que foi educada para ser dona de casa, que em sua juventude era cobrado da mulher uma formação exemplar - costurar, cozinhar, cuidar da

casa. Além de ser uma pessoa culta, era o mínimo que se esperava. Conta que durante a juventude nunca chegou a trabalhar fora de casa, mas que desde os sete anos (1952) ajudava a mãe nos afazeres domésticos, tendo logo assumido a responsabilidade de fazer o almoço para o pai, mãe e dois irmãos. Ela lembra que as primeiras receitas foram um desastre. Humildemente, complementa dizendo que com o passar do tempo aprendeu a cozinhar. Recorda com carinho da mãe, operária em fábrica de tecelagem, e do pai, mecânico e marceneiro, que apesar de bastante severo sempre foi bondoso.

Conta que quando era “dia de comprar sapatos” seu pai sempre lhe presenteava com dois pares, enquanto só um aos irmãos, dizendo que dessa vez ela poderia escolher dois. Dona Vanda deduz que a generosidade do pai se dava pelo fato dela ajudar em casa e se esforçar nos estudos. Ao leitor de hoje em dia, inserido em um crescente pensamento de consumo, comprar dois pares de sapato pode parecer a coisa mais comum do mundo, mas em uma leitura contextual comprar dois pares de sapatos nas décadas de 1950 - 1960, podia ser considerado um luxo.

Ainda que muitas vezes a existência de depoimentos colhidos no tempo presente seja usada como contribuição para preencher vazios documentais, lacunas de informações e complementar ou promover o diálogo com outras fontes já conhecidas, é importante ressaltar que se pode assumi-la isoladamente, com valores próprios. Fala-se também da validade de se considerar a história oral por si mesma. Ela é relevante também para facilitar o entendimento de aspectos subjetivos de casos que, normalmente, são filtrados por racionalismos, objetividades e neutralidade esfriadas pelas versões oficiais ou dificultadas pela lógica da documentação escrita que encerra um código diverso do oral (MEIHY, 1998, p. 21).

Retomando o pensamento de Voldman (2005) sobre os militantes, este texto acredita que, mais do que controlar o passado, sr. André demonstra uma preocupação natural, compartilhada não só por parte das pessoas de mais idade do movimento polônico, mas dos velhos de um modo geral, que é a necessidade de compartilhar as dificuldades e êxitos que teve ao longo de sua vida. Em um grupo social, familiar, qual é o desejo dos integrantes de mais idade quanto a suas memórias? É natural acreditarem que os mais jovens do grupo às preservem, mesmo que não permaneçam com eles para sempre, mas que sirvam para enriquecer o seu conhecimento. (HALBWACHS, 1990).

O casal não possui filhos, mas isso não significa que não têm para quem deixar o seu patrimônio. Este trabalho permitiu ao casal, em especial ao sr. André, realizar o anseio de dividir com um público maior um pouco de sua história pessoal, onde enlaçam-se memórias de ancestralidade, com o trabalho de militância cultural ainda desenvolvido. A preocupação de legar uma formação cultural aos jovens brasileiros que se encontram inseridos no

movimento polônico no Brasil, ficou evidente durante o estudo para composição do arranjo documental. A dedicação de dona Vanda às artes visuais, folclóricas e líricas, assim como de ensino da língua e cultura polonesa ao grupo polônico brasileiro, são encarados como positivos e necessários para oportunizar aos entusiastas da causa polônica um futuro melhor. Por meio do enriquecimento cultural são igualmente passados valores como: o respeito e tolerância cultural, o espírito associativo, a resiliência, a solidariedade, a fé, etc.

Graças à convivência com o objeto de estudo, foi possível conhecer melhor a vivência cultural de sr. André. Lembra que quando jovem foi bailarino folclórico, participando dos grupos da JOPOL e da Sociedade Polônia, época em que conheceu dona Vanda. No final da década de 1960, envolveu-se em um acidente de trânsito, onde lesionou um dos joelhos, tendo que se afastar do cargo de bailarino. A beleza dos passos e a representatividade das roupas folclóricas o fascinava, trocando o empecilho de não poder mais dançar pela ocupação de organizador cultural, trabalho este que executa até hoje. A construção da ‘Casa Polonesa’ no final da década de 1980, em Nova Prata - RS, exacerbou o mecenato sobre as artes, o papa era polonês e o reconhecimento foi posto à prova. (GRZESZCZUK, 2012). Por meio da análise documental, a dedicação à diplomacia se fez evidente como tradutor/intérprete, organizador de atividades de intercâmbio Brasil/Polônia e representante da comunidade polônica no Brasil. Trabalhos que lhe permitiram chegar à competência de conselheiro do senado polonês para questões dos poloneses fora da Polônia, na gestão de 2008 a 2011, atuando como correspondente no Brasil acerca da polonidade.

Sr. André declara que sua aproximação com o país dos antepassados se intensificou a partir da primeira viagem à Polônia, em 1980, quando foi em busca de aprimoramento profissional: “Polônia me deu proficiência, conhecimento. De certa forma, tudo o que eu e a mulher corremos com essa gurizada é porque queremos retribuir isso. Oportunizar que essa turma veja como a Polônia é bonita!” Referia-se, a organização dos grupos de jovens brasileiros participantes da colônia de férias, *Pobyty Edukacyjny Dzieciom i Młodzieńcom* - Estada Educativa para Crianças e Adolescentes - realizada no final do ano de 2017, na Polônia. A preocupação reflete:

A criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização. Sem estas haveria uma competência abstrata para lidar com os dados do passado mas não a memória. Há dimensões da aculturação que, sem os velhos, a educação dos adultos não alcança plenamente: o reviver do que se perdeu, de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam então de nossas conversas e esperanças; enfim, o poder que os velhos

têm de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar (BOSI, 2003, p. 73-74).

Tendo em conta as percepções de ancestralidade polonesa do casal, e a relevância de tais fatores na formação de suas identidades e memórias, assim como do trabalho cultural desenvolvido, cabe lembrar as disposições de alguns historiadores da imigração polonesa como: Wachowicz (1970), Stawinski (1976), dentre outros, quando estes postulavam sobre a manutenção da identidade polônica no Brasil, pelo ensino da língua e religiosidade. A historiografia regional, do local do objeto de estudo, Nova Prata - RS, esclarece que: “Entre as contribuições das etnias que compuseram a população local sobressaem, entre os valores poloneses, a educação e a religião” (XERRI, 2004, p. 48).

Considerando que ambas as famílias do casal, assim como grande parte dos imigrantes poloneses vindos ao Brasil, entre 1880 - 1940, eram adeptos da religião católica, alguns delineamentos da composição familiar são traçados. Deve-se considerar a inexistência de uma unicidade de modelo familiar, porém exemplos permaneceram:

A família, para os emigrantes, foi o grupo de apoio, de proteção, que trouxe na sua experiência uma série de valores humanistas, porque acreditava ser a responsável pela transmissão de conceitos e de valores sociais, bem como por integrar o indivíduo à sociedade pelos ensinamentos das normas mínimas de convívio coletivo, mesmo que fosse pela coerção social (HERÉDIA; PAVIANI, 2003, p. 60)

Pontuando a linearidade de socialização do indivíduo do interior - grupo familiar -, para o exterior – sociedade -, a família seria o primeiro grupo responsável pela manutenção da memória coletiva polônica, através da educação que introduz a criança no meio social e passa as primeiras representações de um passado: “À medida em que a criança cresce, e sobretudo quando se torna adulta, participa de maneira mais distinta e mais refletida da vida e do pensamento desses grupos dos quais fazia parte, inicialmente, sem disso aperceber-se” (HALBWACHS, 1990, p.71).

Nesta pesquisa, notou-se que a religião católica era introduzida no seio do lar, sendo costurada ao reconhecimento de uma identidade de raiz polonesa. Cabe recapitular, que a forte conexão entre os poloneses e a igreja tem raiz histórica, pois na Polônia ocupada (1795 - 1918) a igreja era um dos únicos redutos de participação política das populações (WACHOWICZ, 1970; STAWINSKI, 1976; WENCZNOVICZ, 2007; 2010). Como no caso em específico dos antepassados de sr. André, como o leitor poderá perceber de forma mais clara no capítulo seguinte. Emigrados entre 1883 - 1884 da Pomerânia (norte da Polônia), vieram ao Brasil motivados pela *Kulturkampf*:

Quando Bismarck declarou a sua KulturKampf – a guerra às tendências católicas e regionalistas no Império... A equiparação do catolicismo ao «estrangeirismo» levou os católicos alemães que viviam na Posnânia e na Pomerânia a identificarem-se com os Polacos. Do mesmo modo, camponeses pomerânios que nunca tinham perguntado a si próprios se eram polacos ou alemães mas que se sabiam inequivocamente católicos declararam-se polacos, pois ser polaco tornara-se sinónimo de ser católico (ZAMOYSKI, 2010, p. 244. Grifos do original).

A historiografia local complementa que nos núcleos de poloneses do município: “O valor dado à educação é responsável pela manutenção do idioma e pela preservação de traços de sua cultura original, imprescindíveis à integração entre os descendentes e a comunidade na qual estão inseridos” (XERRI, 2004, p. 51). No município em questão (Nova Prata), os de origem polonesa representam aproximadamente 8% da população⁴⁰. Evidenciado o valor concedido à educação para a manutenção cultural, buscou-se mapear como se deu parte desse processo com o casal. Apesar de terem origens diversas, compartilham com as gerações de velhos do grupo local uma formação bilíngue. Sr. André lembra seu caso:

Entrevistado: A minha língua materna é polonesa, o português não é materno para mim, materna foi a polonesa, depois aprendi o português, logo que eu cresci. Com minha mãe e com meu pai, nunca falei em português... com o pai um pouquinho... mas de um modo geral, era em polonês... quando o pai queria me xingar, ele me xingava em polonês... porque eu entendia melhor o polonês que o português... mas meu pai e mãe também falavam bem o português, escreviam também...

Pesquisador: Mas tu aprendia só falando? Ou se escrevia, lia-se alguma coisa?

Entrevistado: Eu aprendi a falar em polonês, mas não fui alfabetizado em polonês, eu acabei lendo e escrevendo mais tarde por conta própria (HAMERSKI, 2015, p. 09-10).

O cenário rural de Guarani das Missões - RS, local de crescimento de sr. André, destoa da capital, Porto Alegre - RS, onde dona Vanda cresceu. Distintos cenários, ambos na década de 1950.

Dona Vanda relata que desde criança participou da Sociedade Polônia de Porto Alegre, já que seus pais eram sócios, assim como frequentava a igreja Polonesa, próxima à referida sociedade. Lembra que começou a participar ativamente da Sociedade Polônia aos seis (06) anos de idade, frequentando as aulas de canto, atividade que cultiva até hoje, há mais de 65 anos. Esclarece que fez parte da ala jovem da Sociedade Polônia, que na década de 1960 era composta por jovens e por adultos. Frequentou o grupo da JOPOL e da referida Sociedade, ingressando no grupo de danças folclóricas da Sociedade sob a direção da sra. Janina Figurska. Conta que seu pai estabeleceu que em casa só era permitido falar em polonês

⁴⁰ Cifras obtidas por meio de análise da documentação organizada, “censo polônico” realizado pela BRASPOL no início da década de 1990.

para forçá-los, ela e os irmãos, a aprenderem a língua polonesa: “Ele dizia que se não aprendêssemos em casa a língua, um dia iria fazer falta... e que em todos os outros lugares usaríamos o português”. Dona Vanda, aos 72 anos, coloca agradecimentos póstumos ao pai, dizendo que: “se não soubesse a língua polonesa não teria feito muita coisa”. Conta que em 1990 foi sozinha à Polônia para fazer um curso de Etnografia, e que graças à fluência em língua polonesa pode trocar as aulas de idioma pelas de folclore, das quais confessa ter tirado maior proveito.

A língua, sendo um fenômeno cultural, comotal é também concretizadora, formadora, divulgadora, criadora de valores culturais que se efetivam por meio tanto da educação formal (escola) quanto da informal (família, sociedade). As questões da língua têm a ver com o saber e o conhecer humanos, habilidades adquiridas naturalmente, por processos de interação familiar e social e, sistematicamente, por intervenções educacionais. No plano do saber, todo cidadão, inclusive o analfabeto, sabe falar e comunicar-se na língua materna; porém, no plano do conhecer, não a conhece de forma sistemática, porque não domina todas as formas de uso dessa língua, tais como as habilidades de ler e de escrever (HERÉDIA; PAVIANI, 2003, p. 88)

Os relatos são únicos e pessoais e marcam um tempo em que a educação, nos lares, devia formar culturalmente: “através da língua vão passando de pais para filhos os sentimentos de simpatia e admiração para com o povo polonês” (STAWINSKI, 1976, p. 149). Os depoimentos mostram os esforços empreendidos no ensino da língua polonesa, e atestam a convivência entre línguas de raízes distintas - uma eslava e a outra latina. O uso destas demarca igualmente o público e o privado. De acordo com análise das trajetórias do casal, nota-se que a língua serviu como conexão, o aprendizado/conhecimento desta funcionou como porta de entrada aos espaços polônicos.

Uma das manifestações mais importantes da identidade coletiva é a língua. Falar a mesma língua, ou variedade de língua, que uma outra pessoa é uma maneira simples e eficiente de indicar solidariedade; falar uma língua diferente ou variedade de língua é uma forma igualmente eficiente de distinguir-se entre outros indivíduos ou grupos (BURKE, 1995, p. 94).

Este texto buscou expor as vivências de um casal de brasileiros que acredita na riqueza cultural do Brasil e que teve suas vidas marcadas pela luta cultural, como exemplos da contribuição polônica ao mosaico cultural brasileiro.

Porque esse agudo contraste de atitude para com o passado em diferentes culturas? Diz-se muitas vezes que a história é escrita pelos vencedores. Eles podem dar-se ao luxo de esquecer, enquanto os perdedores não conseguem aceitar o que aconteceu e são condenados a remoê-lo, revivê-lo, refletir sobre como poderia ter sido diferentes. Outra explicação para isso poderia ser em termos de raízes culturais. Quando se têm essas raízes, pode-se considerá-las como certas, mas quem não as tem sente

necessidade de procurá-las. Os irlandeses e os poloneses foram desarraigados, seus países divididos. Não surpreende que pareçam obcecados pelo passado (BURKE, 2000, p. 83).

No Brasil, em alguns casos essa memória social se manifesta. Esse patrimônio cultural, a polonidade, continua vivo, mesmo que pareça desatinado no espaço e tempo. Para os polônicos no Brasil, recomenda-se o conhecimento da Polônia atual para uma melhor organização e reconhecimento da parcela cultural, que foi e é legada ao Brasil:

Bem, mas afinal de contas a Polônia atual não são os desenhos recortados ou os trajes da Pomerânia, ou talvez seja muito mais do que isso. É a excelente música, é um dos melhores cinemas do mundo, são os festivais de cultura brasileira na Varsóvia coberta pela neve, é a Grande Orquestra da Festiva Ajuda, continuando a mostrar a solidariedade de uma grande nação no contexto do ethos do “Solidariedade” que aos poucos vai definindo nessa nação. A Polônia e o polonismo são os assuntos diários, os problemas e as eleições, em que a vida agitada nos faz mergulhar, perdendo-nos muitas vezes na normalidade e nos afazeres diários – se a segunda linha do metrô deve ir a Targówek ou a Bemowo, se o preço da gasolina pode chegar a 6 zlotis o litro e se o livre mercado é o remédio para tudo, até para a especulação... Mas essa Polônia e esse polonismo não podem deixar de ser percebidos no Sul do Brasil, onde algumas vezes a farmácia da esquina se chama “Jeszcze Polska nie Zginęła” (“A Polônia ainda não pereceu” – palavras iniciais do Hino Nacional polonês), da qual até hoje guardo uma etiqueta promocional para mostrá-la aos que duvidam. E a residência da família Hamerski em Nova Prata (RS) é uma casa de madeira no estilo dos montanheseiros da Polônia, cercada de pinheiros e com uma bandeira branca e vermelha tremulando na varanda (SIUDA- AMBROZIAK, 2011, p. 98-99. Grifos do original).

Capítulo III – Representações de outrora

3.1 - Por uma terra onde Deus entenda polonês

Este capítulo tem por objetivo contextualizar historicamente algumas memórias do casal, em sua maioria de sr. André, que demonstram as relações estabelecidas entre as culturas polonesa e brasileira, enquanto patrimônio cultural. Por meio da seleção de trechos dos depoimentos orais, buscou-se refletir questões de identidade e memória. Segundo Siuda-Ambroziak (2011), cada indivíduo dentro da comunidade polônica é um exemplo único, que possui sua visão particular sobre a Polônia atual e sua história. Este estudo acredita que toda memória serve de ponte para o conhecimento histórico; logo, convém mapear a constituição identitária do casal.

Ao iniciar a prospecção dessa identidade polônica, surge a ancestralidade polonesa. No caso de sr. André, nota-se a influência das memórias de seu bisavô, imigrante polonês. No caso de dona Vanda, as memórias de seus avós maternos e mãe, imigrantes poloneses. O processo de formação das identidades é fruto de toda uma rede de significações, onde “o território, a história, a cultura, a comunicação e o patrimônio são os elementos que permitem a um grupo manter o sentido de pertença...”, sendo o sentimento de pertença a determinada cultura/lugar fundamental na constituição da identidade (BUDAKOWSKA, 2014, p. 124).

A fim de compreender como as relações com o patrimônio cultural são desenvolvidas, cabe esclarecer a importância da manutenção desta memória. Principalmente, “no caso das gerações migratórias houve uma interrupção da... continuidade territorial com o lugar de origem desse patrimônio... nas sociedades pós-diaspóricas é muito importante que tenham o acesso ao patrimônio cultural do país de origem” (Ibid., p. 127). O estudo das memórias do casal confirmou a premissa exposta por Stephanou (1998, p. 11) de que, se a história tem um problema, esse diz respeito ao presente, ou seja, o passado só se torna significativo para os indivíduos quando pode ser visto sob novos olhares.

Sr. André relata que seu bisavô, José Hamerski, emigrou para o Brasil no ano de 1884, juntamente com a família, em uma leva de emigrantes, provindo do povoado de Łąg⁴¹ (norte da Polônia), que na época encontrava-se sob domínio prussiano. O vilarejo natal ficava localizado aproximadamente a 80 km da atual cidade de Gdańsk, famoso porto de escoamento de produtos da região. (WESOŁOWSKA, 2012; PUTKIEWICZ, 2005).

⁴¹ Em polonês pronuncia-se: Uong.



FIGURA 02 - Mapa da POLÔNIA – Łag. Fonte: Domínio público. Editado pelo pesquisador.

De acordo com a lista de passageiros do navio a vapor – Leipzig, que aportou em 24 de setembro de 1884, no Rio de Janeiro, o percurso realizado foi a saída de Bremen (Alemanha) via Antuérpia (Bélgica), com parada em Lisboa (Portugal) e por fim Rio de Janeiro (Brasil). Embarcados na Antuérpia, constam os seguintes nomes, entre parênteses as idades: Joseph Hamerski (48) - Elizbieta (40), Franziska (17), Johann (14), Vicent (11), Veronika (7) e Mariana (4)⁴². É notável que alguns dos nomes apresentam a grafia prussiana, pois em polonês as grafias correspondentes seriam: Józef⁴³, Eliżbieta, Frasziska, Johan e Marianna. A fim de entender as motivações dessa saída, no mínimo dispendiosa, convém traçar um panorama geral da situação em que se encontravam os poloneses sob jugo prussiano no período em questão.

A historiografia permite saber que a Polônia esteve até o séc. XIX inserida em um sistema econômico voltado, majoritariamente, para a agricultura, destacando-se o cultivo de cereais (ZAMOYSKI, 2010). Sabe-se que os territórios habitados pelos poloneses, há tempos, enfrentavam problemas agrários, os quais se intensificaram e pioraram, ainda mais, a situação de vida das populações depois da última divisão territorial sofrida em 1795, também conhecida como a última partilha. (MAZUREK, 2009, p. 07; MARIN, 2014, p. 37-43).

⁴² Fonte: Arquivo nacional, DPMAF – Divisão de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras. Cf. (ANEXO E).

⁴³ Em polonês: Józef, pronuncia-se: Iuzef. Condiz ao nome em português: José.

No caso da localidade de origem do bisavô - Łąg -, o Império Prussiano gozava dos espaços conquistados, mantendo nos territórios ocupados da Polônia um modo de produção que se assemelhava aos moldes feudais. O descontentamento popular era fruto dessa distribuição desigual da terra entre os ocupantes prussianos e as populações que habitavam o antigo território polonês. As propriedades dos nativos foram “retalhadas em pequenos lotes”, o que dificultava o sustento das famílias que eram, normalmente, numerosas. O escasso espaço para plantio acabava obrigando os trabalhadores a empreenderem jornadas de trabalho nas “folwark”, “pois não conseguiam tirar de sua propriedade o próprio sustento e o dinheiro suficiente para os pesados impostos” cobrados pelo ocupante. As “folwark” eram grandes extensões de terra, doadas aos nobres germânicos em troca de colaboração para com o Império. A partir de 1848, dentre os não proprietários, quase metade da população nativa dos territórios ocupados não tinha a posse da terra (WACHOWICZ, 1970, p. 14).

Além da questão agrária, outro fator que se apresentou decisivo foi o cultural, com a *germanização* das populações polonesas, política do então chanceler Otto Von Bismarck, também conhecida por *Kulturkampf*⁴⁴. No ano em que José e sua família saíram da Polônia (1884), tal política estava em processo avançado de implantação. A germanização consistia na descaracterização da cultura polonesa por meio da desconstrução do *habitus* polonês e introdução do germânico. (WACHOWICZ, 1970; STAWINSKI, 1976).

Na década de 1870 foi severamente proibido o uso da língua polonesa nas escolas, nas igrejas, nas repartições públicas e em todos os atos oficiais. Ademais, aos poloneses foi interdito o acesso a qualquer cargo público. Os prussianos empenharam-se, ainda, em germanizar os nomes poloneses de cidades, vilas, aldeias, praças, ruas, rios, lagos, montanhas...⁴⁵ (STAWINSKI, 1976, p. 19).

Cabe salientar que inclusive as pessoas deviam receber publicamente nomes germânicos, a exemplo do bisavô - José -, e do que consta em inúmeros passaportes de imigrantes poloneses do mesmo período. É interessante ressaltar que tal processo de desmemória⁴⁶ não ocorreu de forma abrupta, mas com ritmo próprio, porém de forma gradual:

Sua atuação era indireta: tinham interesse em fazer com que as crianças esquecessem a língua pátria, convertendo inicialmente as escolas em bilíngües [sic], sendo mais tarde proibido o polonês nas mesmas; impuseram inclusive a língua alemã na administração e em todos os tribunais... (WACHOWICZ, 1970, p. 14).

⁴⁴ Do alemão, a tradução aproximada em português seria *luta pela cultura*.

⁴⁵ Para uma elucidação geográfica das extensões do Império Prussiano em diferentes datas, cf. link a seguir, buscar no site utilizando as palavras-chave: *Prussian Dominions*. É digno de nota observar o nome das cidades polonesas, como bem coloca Stawinski (1976), rebatizadas com o novo nome, em alemão. Coleção de mapas históricos - online: <https://www.davidrumsey.com> - acessado em 17/09/2017.

⁴⁶ Cf. HALBWACHS (1990); POLLAK (1989; 1992).

De acordo com Wachowicz (1970), o núcleo familiar foi um dos principais responsáveis pela manutenção das memórias de um patrimônio cultural polonês. O historiador destaca que a casa, no âmbito privado, era um dos poucos espaços em que era “permitido” falar a língua polonesa. Resalta o importante papel das mulheres como principais agentes na manutenção de uma cultura ancestral polonesa:

Era a mãe, era a avó, quem incutia nos pequenos o amor à terra e à pátria subjugada, e quem transmitia⁴⁷ à infância as primeiras letras do alfabeto pátrio, principalmente nas famílias que se recusavam a enviar seus filhos às escolas alemãs... (WACHOWICZ, 1970, p.14).

A preservação deste patrimônio, visceralmente, contribuiu para a continuação da identidade das populações polonesas nativas. Esta manutenção não era somente o conhecimento da origem, da cultura ancestral (nativa), mas inclusive se postou como recurso político frente à cultura imposta pelo invasor (BUDAKOWSKA, 2014, p. 123-124).

Segundo Stawinski (1976), a Igreja Católica também havia auxiliado o povo polonês a manter viva sua identidade. Até o ano de 1883, as igrejas eram um dos redutos que conservavam a legitimidade da língua polonesa. A saída do bisavô, José, e de sua família, da Polônia é atribuída por sr. André, às modificações ocorridas, principalmente nos *territórios sagrados*⁴⁸:

[...] chegou na época de fazer a primeira comunhão e ele foi no padre, na igreja, e inscreveram o guri [Vicente] para se preparar para a primeira comunhão e o padre Koszhawa, disse assim: Ô seu Hamerski [José], a coisa ficou tão ruim agora nesta nossa ‘Prússia’ que nós temos que até o catecismo já ensinar em alemão... e aí o bisavô, se enfureceu e disse: Olha, então, vou ter que ir embora daqui, eu vou lá onde Deus entende polonês... (HAMERSKI, 2015, p. 05. Entre colchetes esclarecimentos).

As memórias do bisavô permitem identificar uma mudança de postura por parte da Igreja Católica, a partir daquele determinado momento, passou de apoiadora da cultura polonesa a conivente para com a política de esquecimento do ocupante. Pelo cruzamento do

⁴⁷ Segundo Burke (2000), a transmissão da memória social não acontece somente por meio dos símbolos e espaços, mas inclusive: “As ações transmitem recordações tal como transmitem práticas, de mestre a aprendiz, por exemplo” (p. 75).

⁴⁸ Raffestin teoriza acerca dos diversos tipos de territórios: *cotidiano, das trocas, de referência* e “Por fim, o *território sagrado* está ligado diretamente à atuação das igrejas (religiões) e às ações políticas...” (RAFFESTIN, 2003, p. 03-11 *apud* SAQUET, 2009, p.85).

relato com a historiografia, pode-se verificar que as populações polonesas sob domínio prussiano estavam sofrendo grande perseguição cultural⁴⁹.

Cabe destacar que a perseguição cultural foi uma das principais motivações para a imigração. A religião aparece no pano de fundo de uma luta cultural, de subsistência do patrimônio cultural polonês. A insubmissão contida nas memórias do bisavô deixa claro que, para tal, a religiosidade era “muito melhor” em polonês do que em alemão. Não bastava existir a prática religiosa, a língua em que o rito era praticado apresentou-se como determinante. Mas, como anteriormente exposto, a insubmissão à cultura imposta, pode-ser encarado como manutenção do patrimônio cultural polonês, apresentando-se como recurso político (BUDAKOWSKA, 2014).

Ao sair do povoado de Łąg, os Hamerski sofreram, inevitavelmente, assim como todo e qualquer emigrante, um processo de desterritorialização. Deixaram para trás mais do que seu torrão natal, seu pedaço de terra, mas também toda uma rede de significações e contatos, dos mais simbólicos aos práticos, já que: “a territorialidade também pode ser compreendida como mediação simbólica, cognitiva e prática que a materialidade dos lugares exercita nas ações sociais”⁵⁰. A desterritorialização é a perda, forçada ou voluntária, de tais referenciais. (SAQUET, 2009). Após a chegada ao Brasil e de uma série de tentativas de encontrar uma terra “*onde Deus entendesse polonês*”, José e sua família, finalmente, fixaram-se em Guarani das Missões⁵¹ - RS, na Linha Bom Jardim.

Mesmo que na região houvesse poucos sacerdotes⁵² que falassem polonês, ou devido à raridade de templos, logo o problema estaria resolvido, ao menos estruturalmente. A família de José, em consórcio com outras famílias de imigrantes assentados nas redondezas, trataram logo de erigir uma capela de madeira.

⁴⁹ Nogueira (2014, p. 34), interpretando as contribuições de Bourdieu, fala sobre a existência de várias culturas, onde os bens culturais tidos como superiores ou legítimos são impostos historicamente pelos grupos dominantes como única cultura legítima.

⁵⁰ (DEMATTEIS, 1999, p. 117-128 *apud* SAQUET, 2009, p. 87).

⁵¹ Guarani das Missões é conhecida como capital polonesa dos gaúchos, devido ao número de poloneses que para lá migraram. Diga-se de passagem, que a região já serviu de palco para a atuação de diversos intelectuais/líderes étnicos poloneses. (WEBER, R., 2014).

⁵² Os primeiros atendimentos religiosos da Colônia Guarani das Missões, em polonês, foram prestados pelo Pe. Antônio Cuber, sob a administração de Ijuí. “Os imigrantes poloneses, estabelecidos nas chamadas colônias vellhas (Alfredo Chaves, Castro alves, São Marcos, Santa Teresa, Boa Esperança...)” foram atendidos pelo missionário polonês Frei Honorato Jedliński. Sabe-se que muitos destes colonos reemigraram para as novas colônias no noroeste do estado do RS. Em 1902, Guarani das Missões recebe o status de curato, sendo o Pe. Josué Bardin o primeiro cura. Um ano depois, em 1903, “foi substituído pelo recém-ordenado Pe. Estanislaw Golobowski” (STAWINSKI, 1981, p. 44-45; 105-106).



FIGURA 03 - Mapa do BRASIL – RS - Guarani das Missões. Fonte: Domínio público. Editado pelo pesquisador.

Na Bom Jardim... olha o número de pessoas que tinha ali... então eles construíram essa capela em estrutura de madeira... toda ela em madeira... isso que nós estamos vendo na foto [FIGURA 04] aqui, é pura madeira... e depois eles colocaram tijolos, para ser no 'estilo' em enxaimel. Mas é engraçado que o 'estilo' enxaimel não era visível nesta capela. Olha aqui, está vendo, essa é a mesma capela [FIGURA 05]... aqui está em construção [FIGURA 04], aqui está pronta [FIGURA 05]... observa a torre... então o que houve? Eles cobriram o enxaimel, essas colunas, essas vigas, essas escoras aqui, elas foram cobertas com reboco, com argamassa... mas porque que eles cobriram com reboco? Se não me engano, porque na linha seguinte... já era de imigrantes alemães... e eles devem ter sofrido alguma 'chacota' da comunidade vizinha, que haviam construído a capela em um estilo alemão... Porque a maioria das pessoas acredita que o 'estilo' enxaimel, é um estilo alemão... não é bem verdade... o 'estilo' enxaimel, ele é um estilo pomerano, com influência holandesa, este é o estilo... (HAMERSKI, 2015, p. 01-02. Entre colchetes esclarecimentos).

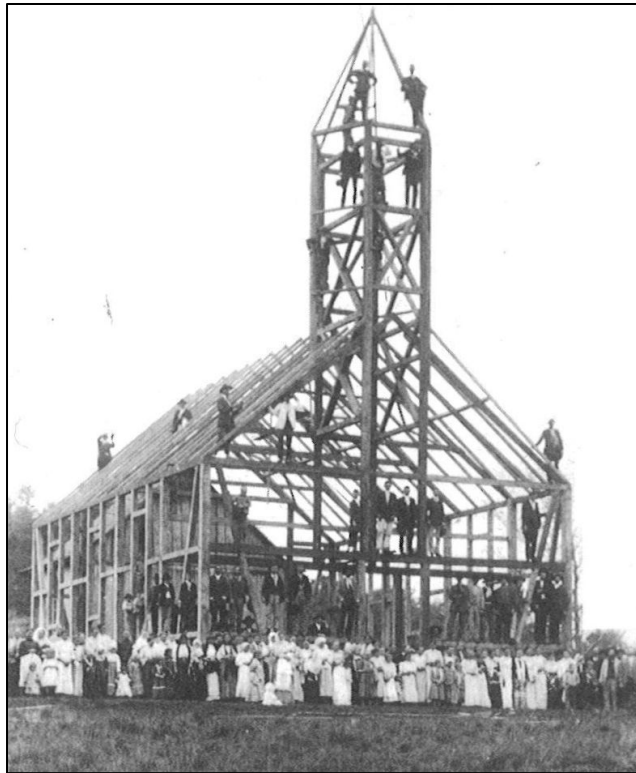


FIGURA 04 – Foto da reconstrução da capela na Linha Bom Jardim. Guarani das Missões – RS, 1916.

Fonte: Arquivo pessoal de Flávio Hamerski⁵³.

A construção data por volta de 1910 aproximadamente. A imagem acima (FIGURA 04) mostra a reconstrução da capela, em 1916. A mesma foi ampliada para acomodar um maior número de fiéis e o prebistério⁵⁴, inexistente na primeira capela (GRADOWSKI, 2015). Com o passar dos anos, foi parcialmente demolida; o que restou, foi remodelado e hoje é o Santuário de Nossa Senhora de Czestochowa⁵⁵.

A armação da base, a estrutura ou “esqueleto”, que aparece na imagem anterior (FIGURA 04), encontra-se encoberta na imagem a seguir (FIGURA 05). Os espaços das laterais da armação foram preenchidos formando-se as paredes, que por sua vez receberam um revestimento na cor branca, provavelmente argamassa a base de cal. O entrevistado complementa informando que o interior da capela era, igualmente, revestido pelo mesmo material, encobrindo totalmente o esqueleto estrutural, e assim permaneceu escondido até os anos 1960 - 1970, quando começou a ser demolida.

⁵³ In: GRADOWSKI (2015, p. 426. Editado pelo pesquisador).

⁵⁴ Presbitério – local destinado para a guarda de objetos e preparação litúrgica, normalmente localizado em anexo ao altar central.

⁵⁵ Cf. imagens atuais do Santuário de Nossa Senhora de Czestochowa em Guarani das Missões: <http://portaldasmissoes.com.br/site/view/id/848/santuاريو-nossa-senhora-czestochowa-.html> - acessado em 05/01/2016.

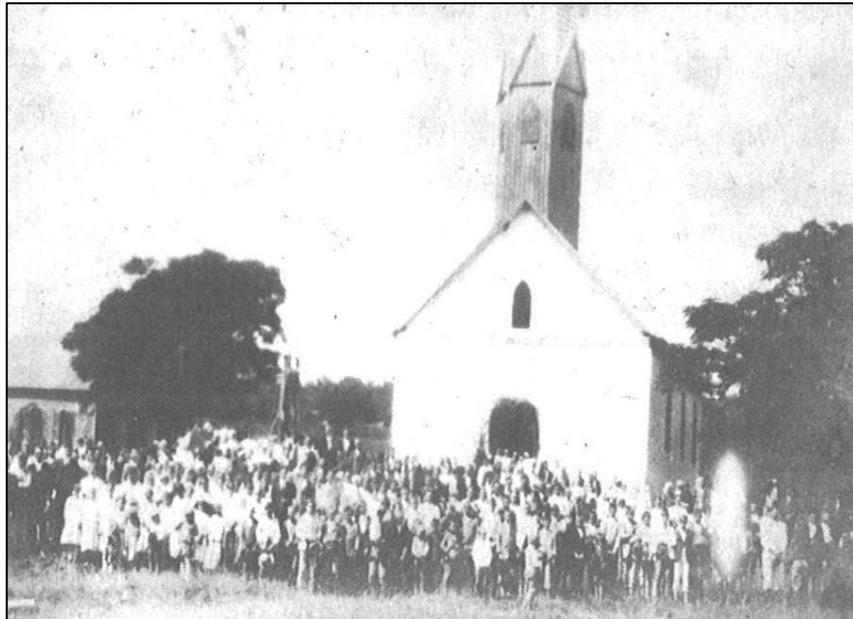


FIGURA 05 – Inauguração oficial da capela na Linha Bom Jardim, após reconstrução. Guarani das Missões – RS, 1916. Fonte: Arquivo pessoal de Flávio Hamerski⁵⁶.

Assim é provável que a técnica original da construção fosse a do enxaimel. Sabe-se que a técnica, da construção enxaimel, era uma estética que perpetuou com o passar do tempo, no sul do Brasil, como signo de identidade alemã. É possível que, apesar de terem deixado para trás o jugo prussiano, ainda sentiam a permanência de traços das perseguições sofridas no além-mar, tendo a questão estética figurado-se como determinante.

A leitura das imagens permite notar os esforços empreendidos pela comunidade, não só na construção da capela, no âmbito material em si, mas inclusive imaterial, qual seja o de estipular um local de culto, na “nova territorialidade”⁵⁷, que não deixasse dúvidas quanto à identidade. Cabe ressaltar que para os imigrantes europeus dos séc. XIX - XX que vieram para o Brasil, fossem eles poloneses ou italianos, de um modo geral, a religião era fundamental:

A religião foi um elemento de construção de identidade cultural, preenchendo as lacunas deixadas na antiga pátria. A prática religiosa foi o elemento aglutinador da diferenças culturais trazidas por esses europeus à medida que mantiveram seus costumes e tradições e seus dialetos na nova pátria. A integração se deu em vários locais, principalmente na organização social. A capela é a “materialização deste espírito associativista, desencadeado por razões religiosas”. A capela foi um pólo de convergência social (HERÉDIA; PAVIANI, 2003, p. 62. Grifos do original).

⁵⁶ In: GRADOWSKI (2015, p. 427. Editado pelo pesquisador).

⁵⁷ SAQUET (2009).

O afastamento temporal permite lamentar que nem mesmo alemães ou poloneses são merecedores do crédito estético, da originalidade, da técnica do enxaimel, também conhecido como gradeado, mas sim os holandeses. Segundo o historiador da arte Ostrowski (1981, p. 32)⁵⁸, a influência da técnica do enxaimel se deve a “assentamentos holandeses do séc XVII” na região da Pomerânia, o que hoje compreende a metade norte da Polônia e Alemanha. Tal técnica é encontrada na Polônia junto ao delta do Rio Vístula, sendo a aplicação mais peculiar a encontrada na região de Żuławy⁵⁹.

A título de conclusão provisória, esta parte do texto buscou chamar a atenção do leitor para a preservação do patrimônio cultural, por meio da reflexão de questões de identidade e memória. Compartilha-se da ideia de que as técnicas e estilos construtivos dos imigrantes europeus devem ser antes encarados como integrantes do *patrimônio cultural brasileiro* do que pertencentes somente a determinado grupo étnico.

O relato da capela da Linha Bom Jardim, em Guarani das Missões - RS, objetivou, sobretudo, incentivar que o poder público, empresas, entidades e toda a população de Nova Prata - RS, cidade que abriga a ‘Casa Polonesa’, continuem preservando as diversas capelas espalhadas pelo interior do município, como por exemplo da Capela de Santo Estanislau Bispo⁶⁰, cuja construção é centenária. Preservar o patrimônio é demonstrar um compromisso social para com a história.

⁵⁸ Texto original em italiano, tradução e revisão de Frei Celso Bordignon. Adaptações do pesquisador.

⁵⁹ Voivodia (micro-região) ao norte da Polônia, compreende cidades como Gdańsk e Elbląg. Para elucidação geográfica, cf.: <http://www.rzgw.gda.pl/cms/site.files/image/ProgramZulawski/MapaDuza2.jpg> - acessado em 01/03/2018.

⁶⁰ O leitor pode obter mais informações acessando o Roteiro Religioso de Nova Prata - RS pelo link: <http://www.youblisher.com/p/1437782-Roteiro-Religioso-de-Nova-Prata-RS/> - acessado em 01/03/2018. A localidade foi o cenário da primeira aproximação do pesquisador com o patrimônio cultural brasileiro de origem polonesa. O patrimônio imaterial contido na lembrança das orações em polonês da avó do pesquisador - pontapé inicial da escrita do presente trabalho, infelizmente, não foi coletado. Porém, ao leitor curioso, aconselha-se partilhar de experiência similar, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rojPesLq1uk> - acessado em 01/03/2018.

3.2 - Entre paus e pedras: a releitura da obra de Witkiewicz

Esse texto tem por intuito mapear algumas peculiaridades da construção, valorizando os materiais construtivos e ideológicos, os quais, acredita-se, transbordam em arte e história.

Ao se passear pela cidade de Nova Prata - RS, podem ser observadas placas turísticas indicando – Casa Polonesa⁶¹. Logo, a residência do casal André e Vanda Hamerski contribui ao turismo local. É um dos tantos atrativos que o município de Nova Prata oferece ao visitante⁶².

O município é também conhecido como Capital Nacional do Basalto, devido ao número de pedreiras e da importância na economia local (XERRI, 2004). O basalto é uma rocha vulcânica também conhecida como “pedra-ferro”, graças ao grau de sua dureza, de coloração escura. Ela é apreciada para os mais diversos usos, desde obras de arte à pavimentação de ruas.

O leitor deve-se perguntar: Qual a importância de preservar um exemplar de madeira em uma localidade sustentada pela pedra? Acredita-se que não somente de fatores econômicos compõe-se a cidade, e sim essa é formada pelas diversas culturas que abriga, algumas preponderantes, outras marginalizadas. Sabe-se que Nova Prata - RS, também já sediou importantes eventos relacionados com a madeira, ou melhor dizendo, com a parte vital do processo de produção arbóreo - o reflorestamento. Vale lembrar que em 1971 sediou o II Congresso Florestal Estadual, sendo escolhida anfitriã da Associação Nacional dos Reflorestadores do Brasil (XERRI, 2004, p. 17).

Sr. André conta que a idéia da construção da casa começou numa brincadeira entre ele e seu irmão - Rui Miguel Hamerski. A obra da ‘Casa Polonesa’ iniciou em 1984, sendo habitada a partir do final de 1989. Porém, os “últimos detalhes” não foram concluídos no mesmo ano. O interior da casa foi e vai sendo modificado desde então, a fim de comportar as múltiplas funções que se sobrepuseram com o tempo à construção.

O casal fez sua primeira viagem à Polônia em 1980, por ocasião de estudos, e lá passaram três meses. Sr. André relata que nessa viagem compraram diversas lembranças, em especial um conjunto de cartões postais onde era mostrada a figura do líder revolucionário -

⁶¹ Cf. (ANEXO B).

⁶²Para uma lista dos principais atrativos turísticos de Nova Prata - RS, recomenda-se acessar: <http://www.novapratars.com.br/site/conteudo.php?id=235&menu=14&submenu=235#conteudo> - acessado em 01/03/2018.

Lênin⁶³, a título de curiosidade sobre a história do sistema político polonês. A série de cartões comemorativos mostrava lugares e objetos poloneses, que teriam sido visitados/tocados pelo líder. Em um desses cartões havia ilustrada uma casa de madeira em estilo *zakopiański*. O texto complementava dizendo que Lênin teria se hospedado naquela casa, durante certo tempo. Ali teria recebido apoio de partidários poloneses e arquitetado a Revolução Russa (1917), a fim de derrubar o Tsar Nicolau II (1894 - 1917). A casa do postal era uma das casas-obra inspiradas pelo artista polonês Stanisław Witkiewicz na região de Zakopane.



FIGURA 06 - Mapa da POLÓNIA – Zakopane. Fonte: Domínio público. Editado pelo pesquisador.

Durante o trabalho de organização das massas documentais do casal, foram encontrados alguns conjuntos de cartões postais de construções no estilo *zakopiański* e das casas-obra de Witkiewicz, porém os postais do Lênin não apareceram. Sr. André relata que em algum momento devem ter sido perdidos, ou mesmo afanados, devido à grande

⁶³ Vladimir Ilyich Ulyanov (1870 - 1924) – político, teórico político e líder comunista. Por meio de pesquisa no domínio público, sabe-se que Lênin e sua esposa teriam residido, de 1913 - 1914, no pensionato de Teresa Skupień, entre as cidades de Biały Dunajec e Poronin, região de Zakopane. Durante a estadia, apaixonou-se pelos Tatras e seu povo (*górale*), reunindo-se com partidários bolcheviques na região das montanhas a fim de discutir o que seria feito com os grupos étnicos não-russos, quando chegassem ao poder. Lênin acreditava que os grupos étnicos deveriam ser preservados. Ver página do *Muzeum Lenina w Poronin* (Museu do Lênin em Poronin) com mostra de acervos sobre a atuação do líder no local: <https://www.podhalanka.pl/pl/n/184> - acessado em 01/03/2018. Para mais informações, cf. referências - filmografia.

circularidade de pessoas na casa. Apesar da inexistência do postal da casa, do suporte físico⁶⁴, é interessante notar que em 1980, ano da aquisição dos cartões, a Polônia ainda estava sob regime socialista. O movimento sócio-sindical *Solidarność*⁶⁵ ganhava força e a aparente estabilidade do sistema era abalada pelas greves lideradas por Lech Wałęsa nos estaleiros de Gdańsk. (ZAMOYSKI, 2010). As falhas subsequentes do regime geravam impopularidade e um recurso de persuasão disponível era justamente o da propaganda comemorativa. Sr. André relata que os cartões foram comprados em uma banca durante evento na via pública em lembrança do aniversário da Revolução de Outubro de 1917. A memória dos postais permite perceber no trabalho artístico destinado a reprografia massiva, uma clara aproximação entre a cultura local (polonesa) e a iconografia revolucionária.

Sabe-se que uma das características dos regimes socialistas é o mecenato do Estado sobre as artes. No caso da República Popular da Polônia (1944 - 1989) não foi diferente, mesmo que o Estado tenha perdido espaço para o mecenato da Igreja Católica com o passar dos anos do regime. Durante a experiência socialista polonesa, o Estado era quem financiava grande parte das publicações que iriam atingir o grande público, da mesma forma que também as censurava. Salientava-se que as artes deviam ter um cunho socialista. Documentos internos do partido, do departamento de cultura de 1981 - 1982, comprovam a preocupação com a circulação de documentos extraoficiais e com a neutralização da oposição política no meio artístico, assim como mostram algumas estratégias de controle sobre esse grupo da *inteligentzia*⁶⁶ polonesa (DRABIK; FERNANDES, 1984, p. 77-84).

De volta a Nova Prata - RS e à construção da ‘Casa Polonesa’. Era final do ano de 1982. André estava com 37 anos e Vanda com 35 anos. Mais de um ano havia se passado desde a estada na Polônia. A empresa onde ele trabalhava desenvolvendo produtos - Borrachas VIPAL -, cada vez mais se expandia. A renda de sr. André era complementada pelo salário de professor, atividade que exercia à noite. Pensou o casal ser a hora de conquistar a casa própria, e assim foi. Com o terreno pago, mas com o empecilho do pouco tempo, fez-se a necessidade de um bom mestre de obras. Lembrou sr. André que Rui, seu irmão, além de professor primário do ensino rural, era também um “João-faz-tudo”. Com irreverência, conta como lembra do desafio posto pelo irmão:

⁶⁴ Para visualizar a temática dos cartões, ver coleção online de postais – Acervo do Museu do Lênin em Poronin: <http://malopolskie.fotopolska.eu/276014.foto.html?o=b2196> – acessado 23/09/2017.

⁶⁵ Solidariedade em português.

⁶⁶ Do latim *intelligentia* – faculdade de discernir, inteligência, entendimento (FARIA, 1962, p. 513). Em polonês *inteligentzia* – refere-se ao conjunto de trabalhadores intelectuais, que atuam diretamente no desenvolvimento e disseminação cultural, como por exemplo: escritores, cineastas, artistas plásticos, músicos, etc. (DRABIK; FERNANDES, 1984).

Entrevistado: Meu irmão, Rui, tinha duas licenças-prêmio⁶⁷ vencidas, como professor do ensino primário rural. E numa dessas eu convidei, digo⁶⁸, venha com toda tua família para morar um ano aqui e tu vai me cuidar a casa... vem, traz teus filhos, matriculamos eles e vocês ficam um ano vivendo aqui em Nova Prata e tu fica me cuidando a construção da casa. Casa que era para ser de alvenaria comum... igual às outras⁶⁹... Mas como cuidar a construção da casa? ele pergunta. Daí eu disse: cuidar quando vem, por exemplo, um fornecimento de cimento...

Pesquisador: Sim, cuidar dos materiais...

Entrevistado: Cuidar dos materiais que vêm, se a descarga do material é aquela que consta na nota fiscal. Aí ele disse: Não, cuidar de ladrão eu não vou, chama a polícia! (Risos).

Pesquisador: (Risos).

Entrevistado: Aí eu-bom... perdi a esperança... Mas logo depois ele disse: Eu te construo a casa! Sim, mas tu não é construtor, como tu vai construir a casa... Te construo uma casa, mas de madeira! Não se concebia mais naquela época dos anos, 1982-83, uma casa de madeira. Aí ele disse assim: Não, não é uma casa de madeira comum, uma casa de madeira especial... tu tem um cartão postal, que tu trouxe-se da Polônia. Eu recém tinha voltado da Polônia...

Pesquisador: Sim.

Entrevistado: Tem uma casa em um dos cartões postais, eu vou te fazer uma casa daquelas. E eu nem me lembrava do cartão. Aí fomos atrás disso, achamos o cartão, e ele diz assim: Tá aí, ó! Essa casa. Mas eu me assustei... cheguei ‘tremar’⁷⁰. E o Rui diz assim: Não, mas não te preocupa, isso é fácil. Eu consigo essas madeiras, madeira boa (risos). Tu consegue aonde? Lá na Grande Santa Rosa... lá tem muito agricultor que está louco para vender... seu ipê... que tá lá, solitário... esperando para ser tombado, para servir. Naquela época o IBAMA⁷¹ não controlava muito ainda (risos). Aí, começou assim... começou assim... (HAMERSKI, 2017:01, p. 01).

O casal relata que sempre gostaram da madeira, tanto nas árvores como nos móveis e objetos, e que a atividade de trabalhos com madeira está presente na família, já que os pais de ambos eram marceneiros. Sr. André diz que naquela época (anos 1980) não se concebia mais a ideia de construir casas em madeira, pois o material era tido como perigoso, frágil, de tom depreciativo, no mínimo “atrasado”. Graças ao conhecimento de seu irmão sobre madeira, a casa saiu como saiu. Este foi quem teve a inspiração de construir a casa no estilo serrano/montanhês.

⁶⁷ Benefício trabalhista de bonificação de setores do funcionalismo público brasileiro, espécie de férias estendidas.

⁶⁸ O entrevistado gesticula como se apanhasse um objeto de sua base e o elevasse ao nível da cabeça, indicando que o primeiro contato sobre a casa foi por telefone.

⁶⁹ O entrevistado gesticula referindo as casas do entorno.

⁷⁰ O semblante do entrevistado confirmava o espanto da possibilidade da construção da casa.

⁷¹ Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA).

Dona Vanda relata que, enquanto a casa estava somente no plano das ideias, tinham a percepção dos “charmes”, que só uma casa do tipo proporciona. Os rangidos que se formam pelo caminhar sobre o assoalho não lhes dava medo, assim como outros sons característicos da madeira, que eram como uma canção de toque familiar.

Rui Miguel Hamerski (1939 - 2000) teve um breve histórico de construções como “João-faz-tudo”, onde privilegiou o uso da madeira como material construtivo. A motivação que o teria levado a propor a construção da casa no estilo montanhês não é certa. Segundo sr. André, o irmão era mais da ação do que das palavras, mas lembra dele dizendo que, para ser típico polonês, a madeira tinha que prevalecer na construção.

Sabe-se que os imigrantes poloneses compartilhavam de um conhecimento empírico sobre madeira, herança de uma antiga convivência com os povos nórdicos, da mesma forma que herdaram esse conhecimento, em parte o legaram às gerações posteriores de brasileiros. A afeição do imigrante polonês para com a madeira, no caso enquanto árvore, pode ser percebida em casos incomuns, como o da muda de carvalho, hoje centenário, trazido da Polônia para o Brasil. Este foi plantado por volta de 1895 - 1915, onde se encontra na cidade de São Mateus do Sul - PR. (MALCZEWSKI, 2008, p. 37-38).

A arquitetura das construções polonesas, a partir da sobreposição de troncos, já era utilizada por volta do século VIII, como é o caso de Biskupin. (MIRANDA; CARVALHO, 2005, p. 09-12). A técnica da sobreposição de troncos por meio de encaixes, no caso da ‘Casa Polonesa’ de Nova Prata, apresenta-se como tábuas encaixadas e fixas a um esqueleto (estrutura), diferentemente da técnica original dos montanheses, em que os troncos por si estruturam a construção. Essa, entre outras soluções empíricas adotadas por Rui, podem ser percebidas na releitura brasileira da obra de Witkiewicz. Antes de passar à obra de Witkiewicz, convém situar o leitor por meio de uma pincelada sobre a história da arte e arquitetura polonesa.

Segundo o historiador da arte polonesa, Walek (1992), historicamente os antigos povoados poloneses tinham por característica o uso da madeira nas edificações. Com o advento do batismo de Mieszko I e seu povo, em 966, o modo de construir se modificou, a pedra começa a ser utilizada nas edificações mais imponentes, como igrejas e castelos. O estilo Românico (séc. XI) cede espaço para o Gótico (séc.XII). Uma maior abertura à Europa Central e a possibilidade de novas trocas culturais, principalmente com a Itália e França, proporcionaram a introdução da argamassa nas construções polonesas, assentando a arquitetura do séc. XIII ao XV. O Renascimento polonês iniciou no séc. XVI, seguindo a

corrente romana do Barroco. No século XVII, os magnatas poloneses, em seu mecenato, exibiram exuberantes e luxuosas mansões. O século XVIII, Neoclássico, caracteriza-se pelas construções de fachadas e o desenvolvimento da urbe citadina. O Romantismo foi irrompido pela última partilha da Polônia (1795). A supressão de liberdade modificou novamente os estilos de construir. O século XIX mostra a implantação de estilos arquitetônicos diversos, dentro dos territórios ocupados da Polônia⁷². Neste período de dominação, a história da arte polonesa é caracterizada pela releitura dos estilos históricos, em busca de uma identidade nacional. A segunda metade do século XIX é a época de Witkiewicz. A arquitetura polonesa do século XX é marcada pela volta ao mapa de duas grandes guerras e o isolamento do socialismo. A arte e as construções refletiram todas essas demandas. (WALEK, 1992, p. 52-55).



FIGURA 07 – Koliba (1896) - projeto de S. Witkiewicz - Fonte: TONDOS (2004, p. 54. Editado pelo pesquisador).

⁷² No caso de Zakopane, sob dominação Austro-Húngara.



FIGURA 08 – Os Montes Tatras (1876 - 1878) - Fonte: JABLOŃSKA (2008, p. 08-09; Editado pelo pesquisador).

*Stanisław Witkiewicz*⁷³ (1851 - 1915), era pintor e teórico da arte. Chegou em Zakopane aos 35 anos de idade, sofria de tuberculose, tendo recomendações médicas de passar um tempo respirando o ar puro dos Montes Tatras, na esperança de melhora. Uma amiga do artista havia se instalado alguns meses antes em Zakopane pelo mesmo motivo, o que facilitou a adaptação de Witkiewicz. O artista logo observou o turismo que circulava na região. Os nativos - *górale*⁷⁴ -, eram quem atendiam os turistas, hospedando-os em modestas choupanas de madeira. (JABLOŃSKA, 2008, p. 08-12).

⁷³ Pai de Stanisław Ignacy Witkiewicz (1895 - 1939) – dramaturgo/ fotógrafo/pintor e filósofo da arte polonesa, mais conhecido pelo nome artístico de *Witkacy*. Mais em: <http://www.witkacy.org/> - acessado em 01/03/2018.

⁷⁴ Do polonês: *Góra* – montanha, monte; *Góral* – montanheiro, serrano (BOGUTYN; PAPIS; 2007, p. 358).

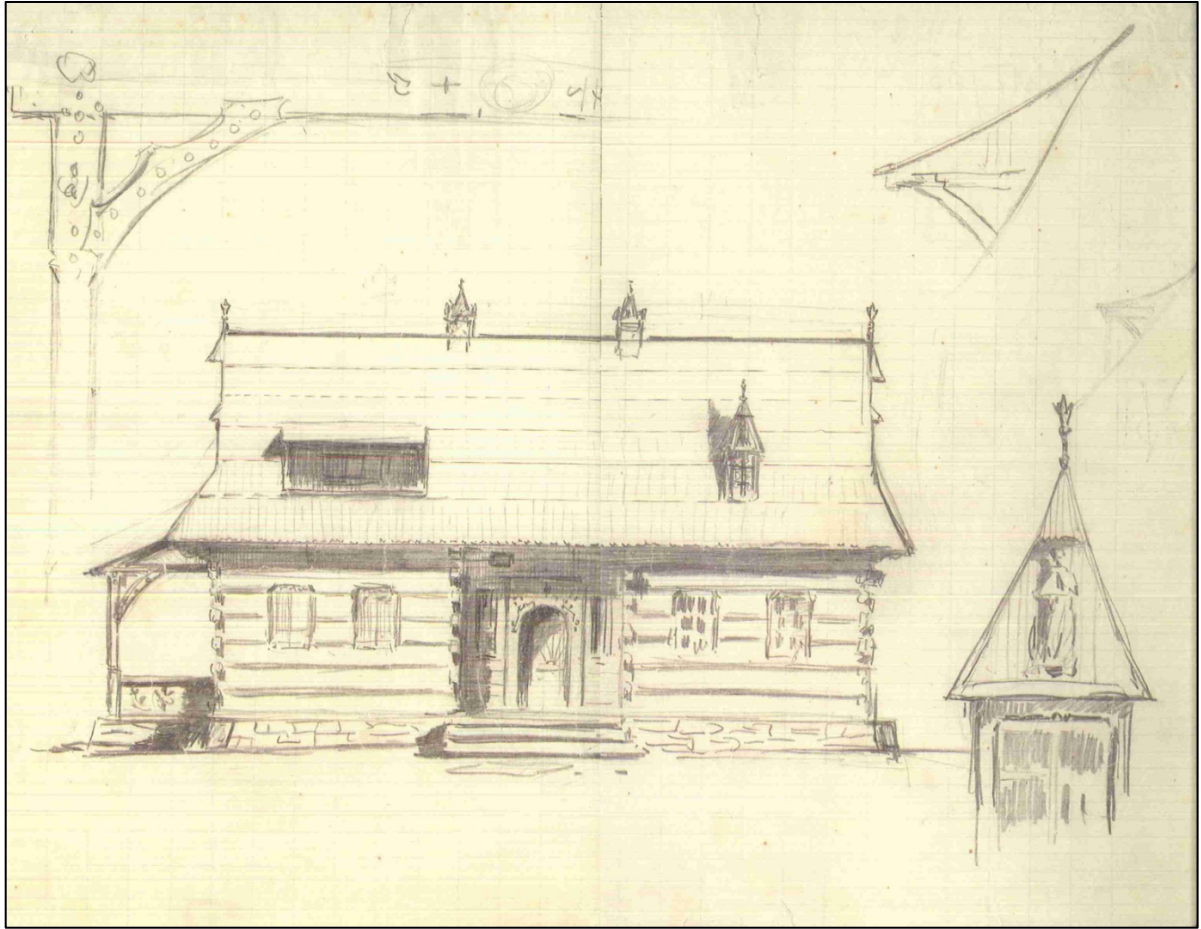


FIGURA 09 – Provavelmente o primeiro esboço de S. Witkiewicz para a casa de Zygmunt Gnatowski: os planos iniciais previam uma pequena casa de madeira (1891) - Fonte: TONDOS (2004, p. 34-35. Editado pelo pesquisador).

Devido à crescente demanda turística, na maioria composta por artistas, oficiais do governo (militares) e intelectuais, exigiu-se da arquitetura dos Tatras construções maiores e mais cômodas. Esse novo padrão de comodidade estava sendo suprido pelos arquitetos alemães desde a década de 1830, com a implantação do estilo arquitetônico da região dos Alpes Suíços na região de Zakopane. O estilo “suíço” das novas construções destoava das modestas chalupas da população nativa. Vendo isso, Witkiewicz, em sua criticidade, se ofendeu e no mesmo ano de sua chegada aos Tatras (1886) publicou na imprensa de Varsóvia um manifesto acusando o que acontecia aos pés do *Rysy*⁷⁵ - que para o estilo *górale* desejava-se o esquecimento. O artista via nas construções dos nativos uma harmonia proporcional, decorativa, de qualidade estética, fruto de um trabalho metucioso. Argumentava que os

⁷⁵ Monte Rysy, pico mais alto dentro do território polonês com 2499 metros acima do nível do mar. (WESOŁOWSKA, 2012, p. 11).

nativos haviam preservado traços distintos de beleza e que visualizava nessa arte folclórico-popular um estilo próprio, polonês. Vendo a possibilidade de extinção desse estilo, chamou a atenção da classe artística, acentuando que no folclore nativo estavam os indícios da identidade nacional polonesa. Mobilizou-se em compilar os motivos das decorações e o estilo construtivo dos montanheses, criando o estilo *Zakopiański*⁷⁶, genuinamente polonês. (JABLOŃSKA, 2008, p. 18-27).



FIGURA 10 – Karminówka (1900) - projeto de S. Witkiewicz - Fonte: TONDOS (2004, p. 59. Editado pelo pesquisador).

Witkiewski deve ser visto e inserido em um movimento maior de produção intelectual, artístico-literária. O esforço nacionalista da *inteligentzia* era deixar algo, na esperança que, se a Polônia retornasse ao poder algum dia, ainda tivesse memórias próprias. A seguir, um trecho da obra do poeta militante da sociedade secreta nacionalista Philomathas&Philaretas e pai do romantismo na literatura polonesa – Adam Mickiewicz (1798 - 1855), onde fica claro o

⁷⁶ Para mais informações sobre o estilo, o leitor pode acessar a página online do Museu dos Tatras: <http://archiwalna.muzeumtatrzańskie.pl/index.php?strona,menu,pol,glowna,1542,0,1387,ant.html> - acessado em 08/09/2017.

esforço “... da resistência nacional durante aqueles anos tristes e obscuros da partilha...” e “embalando os patriotas com versos candentes e atormentados” (SCHILLING, [s.d.], p. 19).

Agora minha alma vive no meu país
Minha pátria e eu formamos uma coisa só
Sinto como minha a sua dor e sofrimento
... sinto em mim mesmo o massacre do meu país
Do mesmo modo que uma mãe sente os tormentos do seu filho dentro do ventre.
“Dziady”, Parte III (Ibid.).

A censura do ocupante e a morte de Witkiewicz, em 1915, não foram suficientes para por fim ao legado arquitetônico. Os *górale* entenderam a mensagem do artista e até hoje conservam suas singularidades culturais.



FIGURAS 11 e 12 – Casas na região de Zakopane (2011). Fonte: Acervo do pesquisador.

O historiador da arte Ostrowski (1981) esclarece sobre o costume polonês das construções em madeira, em especial no sul da Polônia:

Na cultura popular polaca a arquitetura jamais foi além do limite das categorias exclusivamente práticas na organização do espaço; se houve aspirações estéticas, expressaram-se na decoração. O mesmo processo de construção de um edifício era uma atividade de caráter técnico, não artístico, e por isso a arquitetura popular, diversamente daquela oficial – não tem muito em comum com a escultura e a pintura, e constitui normalmente um dos setores do artesanato. O material com o qual foram construídas quase todas as obras da arquitetura popular polaca é em madeira (p. 28).

Nas regiões Carpáticas, ricas em madeira, particularmente em Podhale, Orawa e Spisz⁷⁷, surgiu um tipo de casa que as paredes eram formadas por grossas traves, com o externo pouco trabalhado e deixado sempre na cor natural da madeira. O telhado por causa das abundantes chuvas, era muito alto, pontudo, de quatro águas, coberto por tabuinhas ou farquejas... A casa de Podhale, envelhecida pelo tempo, com seu corpo esbelto e bem inserida na aspereza da paisagem montanhosa, despertava uma impressão de austeridade e dignidade, que evoca épocas remotas da história... A arquitetura de Podhale obteve logo o reconhecimento da cultura oficial e foi tomando influencia dessa que Stanisław Witkiewicz, pintor e teórico da arte, criou em torno de 1900, o «estilo de Zakopane», um estilo arquitetônico-decorativo que ainda hoje constitui uma das expressões da arte nacional polaca (p. 31. Grifos do original).

O ávido leitor pode estar se questionando por que a arquitetura da região de egresso dos antepassados de André, Łąg - norte da Polônia - onde predomina o enxaimel, como exposto no capítulo I, difere bastante do estilo meticuloso *zakopiański*, no extremo sul da Polônia. Outro questionamento que se posta é o de que, segundo Ostrowski (1981), se na construção da casa tipicamente polonesa não havia a aspiração estética, logo, não poderia ser considerada arte. Porém, a ‘Casa Polonesa’ objeto de estudo, situa-se em Nova Prata - RS. Mais do que expressar a identidade pessoal, trata-se de uma homenagem aos polônicos brasileiros e o seu esforço em manter viva a polonidade:

É uma homenagem! Uma homenagem à polonidade, isso em primeiro lugar. Aquele patriotismo de Witkiewicz, ele queria deixar um sinal arquitetônico polonês para a posteridade, porque ele imagina que a Polônia não... não tinha mais chance de voltar ao mapa (HAMERSKI, 2017:01, p. 06).

Mas por que se trata de uma releitura brasileira da obra de Witkiewicz? Sr. André, quando questionado sobre o porquê do telhado ser de madeira, responde:

Pesquisador: E por que a casa aqui André tu resolveu que fosse de tabuinha?

Entrevistado: Porque o original do Witkiewicz era de tabuinha! Os atuais fazem, substituem tabuinha pelo telhado de metal... mas o Witkiewicz deixou também esse legado, ele ensinou como deve ser trabalhada a tabuinha, como deve ser feita. A tabuinha é macho e fêmea.

Pesquisador: Ah elas têm um encaixe?

Entrevistado: A tabuinha, ela encaixa uma dentro da outra. É uma arte! A maior arte está no coberto de tabuinha da casa. Claro que o meu irmão aqui não fez com tanta arte porque as tabuinhas aqui já foram serradas... (HAMERSKI, 2017:01, p. 05).

Antes de qualquer aspiração à perfeição, a casa foi feita para comunicar que em Nova Prata também existiam polônicos. Se fixarmos o olhar na questão funcional, teria sido mais

⁷⁷ Voivodias (micro-regiões) do sul da Polônia, onde se inclui Zakopane.

fácil edificar uma casa de alvenaria qualquer, basta olhar as construções do entorno. O viés subjetivo, da “originalidade”, assume ainda a permeabilidade dos materiais em que a obra é expressa, função da existência de um galpão, em anexo à residência, onde foram/são produzidas as necessárias peças para a manutenção de partes do coberto.

A casa de madeira apresentava, nas condições da antiga campanha polaca, inúmeras vantagens. Era a mais econômica e de fácil construção, seca e fácil de aquecer no inverno. Seu principal defeito era a curta duração. A cobertura de palha no telhado tinha que ser trocada quase todos os anos, enquanto que a de farquejas a cada 25 anos. Todo o edifício era calculado para durar quanto durasse a vida de um homem (OSTROWSKI, 1981, p.29).

Essa conservação/preservação mostra-se, também, nas memórias herdadas e vividas que completam a peculiaridade do local. Na necessidade desse refazer constante, nota-se a ressignificação da história na prática cotidiana: “a história, ao contrário do que experimentamos nas aprendizagens escolares, será significativa se puder estabelecer íntimas conexões com a realidade vivida... passado não como algo morto, senão como vida vivida...” (STEPHANOU, 1998, p. 11). Demonstrando que não somente os materiais necessitam de um cuidado contínuo, mas inclusive o que eles a nós representam, ou seja, seus significados simbólicos. Ainda sobre a técnica e os materiais empregados no estilo construtivo polonês, cabe destacar que:

A fundação das casas eram em pedra ou em argila prensada. As paredes eram construídas com traves de madeira de coníferas, entre as quais a mais apreciada e resistente era o larice⁷⁸. As traves, devidamente unidas, vinham colocadas uma sobre a outra, formando entre elas as tramas das portas e das janelas. O problema técnico mais importante era a conexão (encaixes), das paredes aos ângulos, decisiva para a compostura e a estabilidade da construção (OSTROWSKI, 1981, p. 29).

A ‘Casa Polonesa’ de Nova Prata – RS, aliada às coleções documentais, projeta uma certa materialização da memória, carregada por uma parcela do grupo polônico. Utilizando fragmentos históricos de tempos remotos, a obra de Witkiewicz retrata os ideais poloneses de liberdade e independência na transição dos séc. XIX-XX. A releitura histórico-artística apresenta-se como “uma memória que se tornou, ela mesma, objeto de uma história possível” (NORA, 1984, p. 11).

O desenvolvimento dos trabalhos culturais atuais auxiliam na reflexão sobre a identidade do grupo polônico, assim como proporcionam o estabelecimento de novas interpretações sobre o passado de cada um. Acredita-se que a narrativa deste trabalho, juntamente com a inquietude que o lugar desperta, instigaram a necessidade do saber histórico

⁷⁸ Nome científico: *Larix decidua*, (Miller) Philip.

(Id.). A casa-obra foi representada ao modo brasileiro, construída de acordo com um saber-fazer empírico, de acordo com os materiais disponíveis edificou-se a releitura de Witkiewicz.

Nos templos, cemitérios, praças e avenidas das cidades, ao longo de estradas até “o mais profundo da montanha, na grande solidão”, as inscrições acumulavam-se e obrigavam o mundo greco-romano a um esforço extraordinário de comemoração e de perpetuação da lembrança. A pedra e o mármore serviam na maioria das vezes de suporte a uma sobrecarga de memória. Os “arquivos de pedra” acrescentavam à função de arquivos propriamente ditos um caráter de publicidade insistente, apostando na ostentação e na durabilidade dessa memória lapidar e marmórea (LE GOFF, 1996, p. 432. Grifos do original).

O casal destaca que a residência não foi construída com toda a arte que Witkiewicz apresentou em suas obras. O casal esclarece que o interno da casa foi construído com certo aforismo, já que pouco conheciam sobre a região montanhosa da Polônia quando à construíram, desconhecendo a organização/decoração interna das casas. Sendo assim, prodeceu-se de forma empírica.

Na falta e desconhecimento sobre o tipo de madeiras polonesas, onde se descataca o larice, ou mesmo lariço, teve-se de fazer uso dos materiais disponíveis. A casa é composta por um mozaico de madeiras, pois uma grande quantidade de madeiras nobres era inacessível na década de 1980. Lembra-se que o uso era desaconselhado, havia muito cimento a ser vendido, assim como tijolos. A cidade vizinha a Nova Prata, Vila Flores - RS, tinha baixa densidade demográfica, porém contava com um número expressivo de olarias. Dentre os tipos de madeira que compõem a ‘Casa Polonesa’, destacam-se as madeiras nativas do Brasil, como: o guatambu, a grápia, a canjerana, o ipê e a araucária⁷⁹.

O *guatambu*⁸⁰ é árvore de porte alto, 25 a 35 metros de altura. Sua madeira é pesada e dura, porém pouco resistente a agentes nocivos. É comumente empregada na fabricação de móveis, ferramentas, objetos torneados, portas e obras internas. Uma das madeiras brasileiras mais importantes, naturalmente rara no RS. A *grápia*⁸¹ é árvore de tronco acinzentado, alta, de 25 a 35 metros, encontrada em vários estados do Brasil; Madeira de lei, pesada e dura, fácil de ser trabalhada, muito apreciada para trabalhos que requerem uma boa maneabilidade da madeira (empenamento⁸²), como em obras de tanoaria, esquadrias, carrocerias, torneados, de boa resistência à umidade e ação de xilófagos. A *canjerana*⁸³, árvore que pode atingir 25 a 30 metros de altura. Sua madeira tem por característica a resistência à umidade e ação

⁷⁹ Nome científico: *Araucaria angustifolia*, (Bertol) Kuntze.

⁸⁰ Nome científico: *Balfourodendron riedelianum*, (Engler) Engler.

⁸¹ Nome científico: *Apuleia leiocarpa*, (Vogel) J. F. Macbride.

⁸² Sobre terminologia da madeira, cf. GONZAGA (2006).

⁸³ Nome científico: *Cabralea canjerana*, (Vellozo) Martius.

xilófaga, muito apreciada pelo seu variado uso, desde estruturas, dormentes de trilhos, à cobertura de casas na forma de tabuinhas. (REITZ; KLEIN; REIS; 1983, p. 246-330).

A palavra *ipê*⁸⁴, de origem guarani – i’pe – era utilizada pelos nativos brasileiros, para identificar árvores nobres, de casca espessa, que podem alcançar até 35 metros de altura. Em geral concedem uma madeira pesada, de grande durabilidade, resistente à ação de xilófagos e exposição às intempéries, muito indicada para a construção civil. A utilização da madeira dos tipos de ipês, amarelo e roxo, assim como de outras espécies nativas do RS, como o guatambu, a grápia, a canjerana e a araucária, já eram conhecidas na região das Missões do RS, estando presentes nas mais diversas sortes de construções. (SHULZE-HOFER; MARCHIORI; 2008, p. 15-43). A informação da utilização dos tipos de madeira na região missioneira do RS é válida, pois era a região de convívio do irmão, Rui, em vida. Sr. André esclarece que antes de passarem à construção, fora construída uma maquete estrutural, com todas as peças que se imaginou necessárias para reproduzir a casa do postal.

Pesquisador: E a maquete, seu André, que fim se deu a maquete?

Entrevistado: Pois é, a maquete foi uma infelicidade⁸⁵, porque ela nos guiou para compra de todo o material. Antes de construir a casa, primeiro foi construída uma maquete estrutural. Toda ela, as colunas, as vigas horizontais, inclinadas, as escoras, as tesouras, tudo isso foi previsto na maquete. E daí, na escala de um (01) para dez (10), todas as peças eram numeradas e fomos a campo. Eu consegui os *pinheiros araucária* daqui, da região, daqueles veteranos, consegui comprar de uns colegas de serviço, que ganharam por herança... (Risos). O pai antes de entregar a terra para os familiares, dizia assim: A terra eu dou para o filho tal, e os pinheiros eu dou pra ti...⁸⁶ E eu comprei os pinheiros do rapaz.

Pesquisador: Era uma moeda?

Entrevistado: Isso aí. Eu comprei os pinheiros e ele ficou muito contente, paguei para ele, não explorei, comprei pelo preço de mercado... Tá e mandei serrar, começamos a empilhar as madeiras aqui no terreno, isso aqui parecia uma serraria (HAMERSKI, 2017:01, p. 06).

Da construção em si, pode-se explorar a ligação objetiva, funcional, de servir como moradia, mas inclusive a subjetiva, artística, de comunicar por meio dos materiais e da forma. Neste sentido é válida uma informação: infelizmente o casal não sabe informar a quantidade exata de visitantes que acolheram até hoje, e que uma expressiva parte dos grupos de visitantes visitaram a casa acompanhados pelos guias de turismo, uma parceria há tempos firmada.

⁸⁴ Coincidências a parte, o ipê-amarelo é a árvore símbolo de Nova Prata - RS.

⁸⁵ O entrevistado já havia comentado, anteriormente, o descarte/extravio da maquete.

⁸⁶ O entrevistado gesticula como se me entregasse uma fatia de algo.

Dona Vanda relata que por diversas vezes foi surpreendida por pessoas rondando a casa, uns mais atrevidos, que batiam à porta e pediam para conhecer os moradores; outros, mais tímidos, que se contentavam em bater fotos do lado externo. Destaca que a casa inclusive já serviu inúmeras vezes de cenário para seções fotográficas, como de casamento, entre outros: “A gente nunca fez propaganda, as pessoas simplesmente vêm, sempre ‘emprestamos a casa como cenário’, pois se a pessoa escolheu bater foto aqui é sinal que no mínimo é bonita. Felizmente, a maioria do pessoal sabe respeitar e cuida, mas também tem os que fazem descaso e agem de forma inoportuna”. Para a maioria dos visitantes, um belo local para fotos.

Acredita-se que, por meio deste trabalho contribui-se para que uma maior parcela permita que o lugar desperte em si uma estranheza/familiaridade reflexiva⁸⁷:

Como numa obra de arte visual, a arquitetura sugere relações de autonomia e integração, ora pela superposição de linhas e superfícies, ora pela conjugação de planos e volumes. As composições resultantes lançam mão de todos os recursos: peças de mobiliário, imagens, tecidos, utensílios, e peças do vestuário. Estes elementos se integram por meio de suas texturas, cores, estampas e sobreposições. Tais associações produzem atmosferas expressivas, dinâmicas e contrastantes, mas também equilibradas e harmônicas, profundamente ajustadas a um gosto peculiar (MIRANDA; CARVALHO; 2005, p. 16-17).

Entre os incontáveis visitantes, a residência já foi anfitriã de uma série de amigos e parentes, mas também de pessoas ilustres, sendo um paradoro acolhedor para diversos líderes e intelectuais, brasileiros e também estrangeiros, principalmente poloneses. Para muitos desses últimos, mais do que uma cama quente, a casa representa/representou, uma familiaridade cultural, um lugar que encurtou a distância da terra natal, um ‘posto avançado’ da polonidade. Na impossibilidade de contemplar a todos os que passaram pela casa, devido à ausência de um caderno de visitas, elencou-se uma lista dos líderes/intelectuais de maior prestígio nas suas respectivas áreas de atuação. Entre os religiosos destacam-se: Mons. Pedro Protásio Wastowski, Ir. Fabiola Ruszczyk, R. Pe. Zdzisław Malczewski SChr, Frei Alberto Stawinski, Pe. Benedykt Grzymkowski, Pe. Zbigniew Minta, Arc. Szczepan Wesoły... Entre os diplomatas: Katarzyna Skórzyńska, Andrzej Kopaczewski, Marek Makowski, Jerzy Brzozowski, Jacek Perlin, Grazyna Machalek... Entre os políticos: Edward Grzywa, Sérgio Stasinski, Andrzej Stelmachowski, Andželika Borys, Longin Komołowski, Pepe Vargas, Olívio Dutra, Tarso Genro, Rízio Wachowicz... Entre os escritores/pesquisadores: Voni Lopuszinski, Jerzy Mazurek, Elżbieta Budakowska, Vera Lúcia de Oliveira Mayer, Elżbieta

⁸⁷ Cf. SINGER (2013). Cf. (ANEXO D).

Kaczorowska, Vitor Kozłowski, Paulo Thomaz Marmilicz, Jolanta Kioska... Entre os trabalhadores das artes: Tadeusz Sitarz⁸⁸ e Anatol Kocyłowski. Entre os médicos: o casal Waldir e Ewa Kaplan. Entre os empresários: Marian Krzyżagórski, Gustaw Kotlarz e Sidnei Ordakowski. Sem citar outros ilustres da comunidade local, do Estado e de outras regiões do Brasil, os quais demandariam uma lista por demais extensa para o presente trabalho.

Por fim, há de constar que em alguns armários da residência encontram-se guardadas as vestimentas utilizadas pelo grupo folclórico *Kalina*. A aquisição, confecção e manutenção dos trajes tem sido responsabilidade do casal, em especial Dona Vanda que, com muito zelo, dedica-se a conservá-los. Relatam que a beleza das coreografias e músicas se complementam pelas cores dos trajes, a sincronia e o ritmo. As roupas foram sendo adquiridas às migalhas, a cada viagem que faziam à Polônia; numa, compravam alguns chapéus e casacos; noutra, tantos metros de tecido para saias e calças, e assim foi se montando o figurino para mais de dez coreografias diferentes, exequíveis por um mínimo de cinco pares de bailarinos. Devido ao volume de trajes, Dona Vanda relata a dificuldade de manter tudo em ordem. Mas rever os ex-bailarinos que conheceu ainda como crianças, hoje atuantes em seus ofícios na sociedade local, torna gratificante o ato de constante revisão/conservação dos trajes. Sr. André complementa, lembrando que nesses últimos 28 anos de trabalho com o grupo *Kalina*, foram muitos investimentos, muito tempo e força. A renovação dessa força se deve aos muitos amigos que, acreditando na seriedade do trabalho e na importância da cultura passada pelos cantos e danças, ajudaram o grupo, mesmo que simbolicamente.

⁸⁸ Autor da pintura em baixo relevo, que encontra-se na fachada da casa, 1991 - 1992, cf. (ANEXO N).

Capítulo IV – Produto social

4.1 – Da acumulação às coleções

O presente capítulo trata do produto social, a forma como este trabalho contribui socialmente. O experimento de organização proporcionou chegar ao arranjo documental, o qual poderá ser conferido a seguir. Em vista de estabelecer relações entre história, ensino e produto social, Bellotto (2006) destaca que todo instrumento de pesquisa tem em si o caráter de socializar o conhecimento sobre determinado conjunto de documentos.

Devido à brevidade do trabalho, não se almejou mapear todos os conjuntos documentais. Mas deteve-se em captar um panorama geral das coleções e ao experimento de organização dos documentos textuais/iconográficos. Por documentos textuais, entende-se “manuscritos, datilografados ou impressos, como atas de reunião, cartas, decretos, livros de registro, panfletos e relatórios”, entre outros. Por documentos iconográficos, entende-se os “que contêm imagens fixas, impressas, desenhadas ou fotografadas, como fotografias⁸⁹ e gravuras” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 76-79). Os documentos comumente mistos como: publicações periódicas (jornais, revistas...) e demais informativos, também foram considerados na proposta de arranjo. Os critérios delimitadores foram o suporte (documentos em papel) e as dimensões (documentos de arquivo), assim como a recorrência de uso de tais tipologias de documentos para pesquisa e ensino de história, apesar da crescente incursão multimídia.

O trabalho de campo e de organização em coleções durou cerca de 06 meses corridos, sendo executado com o auxílio do detentor, sr. André, que fez questão de acompanhar o trabalho e acercar-se da lógica organizacional que estava sendo construída. A rotina de trabalho se deu, majoritariamente, durante dois dias por semana, com a necessidade de deslocamento de aproximadamente 210km de distância, idas e vindas, entre a residência do pesquisador e o local de estudo. Uma certa imersão no ambiente de trabalho foi inevitável, pois, afinal de contas, havia a proposição de organizar documentos.

Somente a título de registro, atestou-se a existência de cinco outras categorias de documentos; fotográficos – positivos (ampliações, slides...) e negativos, obtidos por processo

⁸⁹ As fotografias que se encontravam anexadas a outros documento (impressos, manuscritos...) foram mantidas junto aos documentos, pois o presente trabalho seria incapaz de prover tratamento adequado; o refinamento da organização precisa ser continuado, preocupou-se nesse primeiro momento, estabelecer uma lógica para que a acumulação reconduzisse à coleções. As fotografias quando encontradas em álbuns foram redirecionados a coleção fotográfica, já existente.

analógico, em diversos suportes físicos, e fotografias (virtuais) obtidas por processo digital; sonoros - em formato de discos, K7 e CD, coleção que contém álbuns de música de diversas regiões da Polônia, de grupos polônicos, entre outros; audiovisuais - filmografia em formato VHS e DVD, com clássicos do cinema polonês e títulos contemporâneos, filmagens de eventos polônicos no Brasil, etc; bibliográficos - biblioteca particular com coleção de títulos referentes a imigração polonesa, publicações diversas de teor histórico, geográfico, político, linguístico, poesia e literatura; tridimensionais - peças de mobiliário, artesanatos, etc.

A casa em si pode ser entendida como um documento. Segundo Bellotto (2006), há de se encarar documento não somente pela relevância oficial, probatória, mas inclusive como expressão do subjetivo. A relevância de preservar diferentes leituras do passado se faz premente, pois, além de abrir o leque de fontes dos pesquisadores, permitem o ensino de história por meio do conhecimento das diversas culturas⁹⁰ presentes na sociedade brasileira.

Assim, pode-se definir arquivo pessoal como o conjunto de papéis e material audiovisual ou iconográfico resultante da vida e da obra/atividade de estadistas, políticos, administradores, líderes de categorias profissionais, cientistas, escritores, artistas etc. Enfim, pessoas cuja maneira de pensar, agir, atuar e viver possa ter algum interesse para as pesquisas nas respectivas áreas onde desenvolveram suas atividades; ou ainda, **peças detentoras de informações inéditas** em seus documentos que, se divulgadas na comunidade científica e na sociedade civil, trarão fatos novos para as ciências, a arte e a sociedade (BELLOTTO, 2006, p. 266. Grifos do pesquisador).

Encarando o acervo documental da ‘Casa Polonesa’ enquanto um “arquivo pessoal”, há de se retomar e destacar a atuação do casal enquanto líderes étnicos⁹¹. Sr. André relatou, durante o trabalho de campo, que devido às suas atribuições e de dona Vanda, as pessoas acabaram confiando a eles a guarda de documentos de cunho geral do coletivo polônico, mas também por vezes, registros pessoais de integrantes do movimento – inclusive, a documentação gerada pelos diversos núcleos da BRASPOL - RS, no registro das atividades desenvolvidas. Logo, não se trata de um arquivo exclusivamente pessoal, sendo a maior parte dos documentos de caráter público - *vida pública* (1).

Sr. André complementa dizendo que até o surgimento da BRASPOL, em 1990, os arquivos pessoais, seus e de dona Vanda, estavam em ordem. Porém, com o passar dos anos, maços de documentos se apinharam, e que sua irmã Zita havia iniciado uma “separação” dos documentos que se encontravam no sótão, porém, devido ao volume e complexidade, o trabalho ficou inacabado. Por meio da análise da organização pré-existente, as categorias

⁹⁰ Cf. PCN (1997, p. 40).

⁹¹ Cf. WEBER, R. (2014, 2015).

consistiam em seis grandes grupos: Cartas Pessoais e Comerciais, Política, Revistas, BRASPOIS⁹² e Polskość (miscelânea de documentos sobre a polonidade).

Heymann (1997) destaca que a intervenção de familiares, no caso dos “arquivos pessoais”, é corriqueira, devendo-se observar atentamente os critérios que pautaram a seleção/exclusão, a fim de alargar ao máximo o caminho tortuoso entre os abismos da “ilusão biográfica”⁹³ e da “ilusão de um acúmulo documental pautado sempre pelos mesmos critérios”. O motivo de guarda de determinados documentos, em detrimento de outros, assim como toda memória, sofreu ao longo do tempo um processo de constante revisão. (HALBWACHS, 1990).

Assim como toda escrita histórica baseia-se em um recorte seletivo, o inventário apresenta-se como “caminhos arranjados”, ou seja, permite acesso aos documentos por meio de filtros discursivos, conferindo ênfases e desviando atenções. Evidentemente, o arranjo por si só trataria de informar sobre o conteúdo dos documentos, porém não estabeleceria a valorização do porquê tais coleções de documentos são dignas de serem conservadas. Para isso apelou-se à memória documental dos titulares do arquivo, enlaçando fragmentos de suas histórias de vida à acumulação de documentos. (HEYMANN, 1997).

Por meio do estudo da lógica organizacional pré-existente nos documentos pode-se perceber que a organização iniciada não era totalmente aleatória, porém só havia sido executada em pouco mais de 20% das massas documentais, na maioria do fundo exclusivamente pessoal - *vida privada* (2). Estudando as coleções, a fim de apropriar-se da lógica organizacional já estabelecida, buscou-se propor um arranjo que organizasse o restante dos documentais de acordo com a lógica da acumulação, ou seja, de acordo com o “motivo gerador do documento”. (BELLOTTO, 2006).

Neste trabalho, procedeu-se somente à organização sumária, em grandes temas e recortes temporais amplos. A separação dos documentos de acordo com os critérios, temporal e temático, ou seja, o refinamento da organização, se posta a ser executado no futuro, podendo servir de tema de trabalho a outros pesquisadores, em especial da arquivologia. Antes de preocupar-se em, literalmente, dispor tudo em ordem, buscou-se problematizar acerca das coleções.

A existência de um senso comum histórico, que torna obrigatório o destaque de temas de relevância consensual, não deve impedir que uma série de outros documentos ou temas, aliás tão característicos dos arquivos pessoais de caráter mais

⁹² Indicando documentos provenientes de diversos núcleos da BRASPOL.

⁹³ Cf. BOURDIEU (2006).

“corriqueiro” e conteúdo “menor”, seja submetida aos mesmos padrões de descrição dos primeiros (HEYMANN, 1997, p. 59. Grifos do original).

A coleção de calendários (1.9)⁹⁴, é um exemplo desses documentos, normalmente tidos como de “menor” relevância. Uma leitura contextual dos calendários comprova a tentativa de desmemória, comumente, aplicada quando um regime político, de orientação diversa à existente, assume o poder. Trata logo de deslegitimar a história política antecessora, como por exemplo: durante o regime socialista, o feriado de 11 de novembro na Polônia - *Narodowe Święto Niepodległości* (Dia Nacional da Independência), foi “esquecido” enquanto durou o regime, assim como vários feriados religiosos. “Na Polônia, a religião está tão inserida na paisagem que não saberíamos mesmo imaginá-la sem as igrejas, as abadias, os cemitérios... E está também inserida no calendário anual” (DRABIK; FERNANDES, 1984, p. 95).

A prospecção inicial permitiu perceber diversas dificuldades práticas. A primeira delas foi a de se trabalhar com acervos pessoais (privados), mas gerados por atribuições coletivas (públicas). O arranjo documental proposto (sua organicidade) seguiu a lógica de dois grandes filtros: *vida pública* - documentos de teor público/comunicativo, que versam sobre o coletivo, e *vida privada* - documentos exclusivamente pessoais, como cartas de amigos/familiares, contabilidade doméstica, história das famílias, registros pessoais que retratam suas individualidades. Em outras palavras, julgou-se o que poderia ser disponibilizado, se de interesse social a médio prazo, e o que gostaria de resguardar por mais um tempo, por conter informações puramente pessoais.

Outro desafio foi o de se trabalhar com as três fases de documentos (correntes, intermediários e históricos), sendo os últimos com mais de 25 anos de existência, que conferem valor histórico às coleções documentais. “Um documento é histórico quando, passada a fase ligada à razão pela qual foi criado (informação), atinge a da sua utilização pela pesquisa histórica (testemunho). É útil para a administração e a historiografia, no sentido mais crítico e científico, e não no de “deleite cultural” (BELLOTTO, 2006, p. 115. Grifos do original).

A formulação do arranjo documental teve como primeiro passo a investigação da organização empírica pré-existente, para depois proceder-se com a identificação de grandes categorias temáticas, de forma que refletissem o motivo gerador do documento, ou seja, para que fim este serviu. O passo seguinte consistiu no endereçamento dos documentos dispersos

⁹⁴ Cf. (ANEXO L).

aos fundos das temáticas geradoras correspondentes. Por meio da análise de conteúdo, procedeu-se à identificação de afinidade com as grandes categorias do arranjo. Quando os documentos encontravam-se em maços, pastas, envelopes e outras formas de acondicionamento conjunto, estes foram conservados como tal e endereçados ao fundo correspondente, sem separar as partes: “a agregação em fundos é perfeitamente compreensível em arquivos permanentes, onde o documento sozinho não tem sentido, valendo, isto sim, o conjunto” (Id., p. 128-130).

Durante o exaustivo trabalho de endereçamento dos documentos o arranjo foi tomando a forma final. Por meio do trabalho conjunto com sr. André e da escuta de suas narrativas do porquê se guardou determinados documentos é que o arranjo adquiriu os nuances que uma organização *a posteriori* dificilmente poderia captar.

A inexistência de parâmetros normativos... transforma o trabalho de arranjo e descrição num esforço ingente, em que o estabelecimento de áreas de ação, funções e atividades como categorias classificatórias dos documentos é, simultaneamente, a construção esquemática de uma biografia (CAMARGO, 2003, p. 101-104 *apud* PENNA, 2010, p. 160).

A organização e proposta de arranjo consistiram nos primeiros passos à patrimonialização das coleções documentais. A contribuição só será efetiva caso o coletivo demonstre interesse em resguardar e legitimar a documentação acumulada. Este trabalho não teve e não tem por objetivo conceber algo acabado, mas sim buscou dar conhecimento da existência de tais documentos a comunidade científica e local, acredita-se estar contribuindo a pesquisa histórica. Se as fontes forem reconhecidas como relevantes, mesmo que parcialmente, efetivamente se estará “contribuindo de forma mais útil e eficaz para o avanço da historiografia e, conseqüentemente, para um maior esclarecimento e melhor entendimento dos procedimentos passados da sociedade à qual se vincula.” (BELLOTTO, 2006, p. 222).

O último passo previsto que, devido a brevidade e imprevistos durante o trabalho de campo ficaram a cargo de serem concluídos pelos titulares. É a fase do acondicionamento. Para isso, aconselhou-se que fossem adquiridas caixas de papelão rígido, nas medidas de 10cm de altura por 32,5cm X 32,5cm, a fim de padronizar o acondicionamento, já que o volume estimado ultrapassa 110 caixas de documentos. A quantidade de documentos textuais/iconográficos é de número considerável, inclusive porque não se procedeu ao descarte de documentos. Para proceder a isso, aconselha-se a formação de uma equipe de profissionais. Duas categorias do arranjo (calendários e cartazes) foram armazenadas em pastas plásticas (polionda), nas dimensões A1 (84,1cm X 59,4cm), até que seja possível

adquirir uma mapoteca. Por fim, as caixas/pastas devem ser identificadas no lado externo com etiqueta adesiva, seguindo as correspondências do arranjo, as quais podem ser conferidas a seguir.

4.2 – Arranjo documental - documentos textuais/iconográficos:

1 - VIDA PÚBLICA

1.1 - BRASPOL

1.1.1 – BRASPOL - RS

- Documentos de cunho geral da ONG, burocráticos e organizacionais, tais como: estatutos, atestados, atas, prestação de contas, manuscritos sobre o tema, projetos, reuniões da diretoria, etc. Documentos que atestam o compromisso social, atividades e a integração da organização com a sociedade civil.

1.1.2 - Turpol e intercâmbios⁹⁵

- Documentação gerada ao longo das edições da Turpol e de outros intercâmbios coletivos, tais como: correspondências, prestação de contas, roteiros de viagem, listas de chamadas, conteúdos programáticos, atestados, etc.

1.1.2.1 - De 1989 a 2012

1.1.2.2 - A partir de 2012

1.1.3 - Grupo Kalina

- Documentos que se referem ao grupo Kalina e seu respaldo social, tais como: correspondências, informativos de apresentações, notícias, listas de chamada, atas, prestação de contas, atestados, projetos, coreografias, etc.

1.1.3.1 - De 1989 a 2012

1.1.3.2 - A partir de 2012

1.1.4 - Núcleos da BRASPOL

- Documentação produzida na função de registro das atividades desenvolvidas pelos polônicos nos núcleos da entidade. Documentos, tais como: notícias, projetos, discussões, informativos sociais, correspondências, atas, listas de chamada, manuscritos sobre o tema, eventos realizados, prestação de contas, etc. Documentos pertinentes a um núcleo em específico.

1.1.4.1 - NB. Curitiba - PR

1.1.4.2 - NB. Nova Prata - RS

1.1.4.3 - NB. Veranópolis - RS

⁹⁵ Turpol – Turismo Polônia, atividade desenvolvida pela BRASPOL com apoio de organizações polonesas. Nesta mesma categoria foram incluídos os intercâmbios, como a *Pobył Edukacyjny Dzieciom I Młodzieńcom* (Estada Educativa para Crianças e Adolescentes). Para fins de nomenclatura, manteve-se o nome original, gerador da atividade.

1.1.4.4 - (...) ⁹⁶

1.1.5 - Informativos diversos

- São os informativos que não se encaixaram em nenhuma outra categoria, mas que estão ligados à polonidade ⁹⁷.

1.2 - USOPAL ⁹⁸

- Documentação referente à participação da BRASPOL - RS na USOPAL. Compreende documentos como: notícias, prestação de contas, correspondências, anais, informativos, participação em eventos, anotações, etc. A partir de 1993.

1.3 - Sociedade Polônia

- Documentação referente à participação do casal na Sociedade Polônia de Porto Alegre – RS, tais como: atas, correspondências, anotações, prestação de contas, notícias, informativos, etc. A partir de 1960.

1.4 - Vida política e partidária (*exclusivo de sr. André*)

1.4.1 - CRQ

- Documentação referente a participação no Conselho Regional de Química (CRQ).

1.4.2 - PT

1.4.2.1 - De 1981 até 2012

- Documentos manuscritos/datiloscritos e impressos sobre política, tais como: material de campanha, materiais de apoio, listas de chamada, projetos, correspondências ⁹⁹, regimento interno etc.

1.4.2.2 - A partir de 2012.

- Documentos que referem a vida política recente.

1.4.3 - Senado polonês – *Senat RP*

- Documentação que atesta a participação como conselheiro cultural de assuntos polônicos junto ao senado polonês, de 2008 a 2011. Compreende documentos como: atestados, anais, manuscritos, materiais de apoio, correspondências, etc.

1.5 - Turismo1.5.1 – Cartões postais ¹⁰⁰

⁹⁶ A documentação proveniente dos núcleos estava previamente separada em pastas etiquetadas. Estas foram mantidas como tal. O presente exemplo sugere a lógica a seguir, conforme indexadas documentações dos demais núcleos.

⁹⁷ Cf. (ANEXO I).

⁹⁸ USOPAL – *Unia Stowarzyszeń i Organizacji Polskich w Ameryce Łacińskiej* (União das Sociedades e Organizações Polônicas na América Latina).

⁹⁹ Cf. (ANEXO G).

¹⁰⁰ Cf. (ANEXO F).

- Cartões postais de diversos lugares, na maioria de cidades da Polônia e Brasil, em menor número de cidades de outros países. Somente foram considerados como postais os cartões que não contêm escritos, os endereçados foram considerados correspondências pessoais (Cf. *item 2.1*).

1.5.2 - Documentos cartográficos e informativos turísticos

- Foram considerados documentos cartográficos (mapas, guias...) e demais informativos turísticos que apresentam texto e mapas, circuitos e plantas de museus. De diversos lugares (cidades, países e regiões), na maioria do Brasil, Polônia, América Latina e Europa.¹⁰¹

1.5.3 - Fragmentos de viagem

- Documentos como, por exemplo: ingressos de teatro, festivais e museus, passagens aéreas, canhotos, etc.

1.6 - História e Geografia

- Documentos datiloscritos, impressos e reproduções que versam sobre fatos histórico-geográficos, tais como: estudo de genealogias, imigração, publicações comemorativas, etc.

1.7 - Arte popular polonesa

- Documentos acumulados como materiais de apoio para formulação de atividades culturais, mas também para deleite pessoal. Foram identificados documentos diversos, entre os maiores interesses de acumulação: artes cênicas e folclore, poesia/literatura e culinária. Como, por exemplo: informativos, partituras, repertórios, roteiros de apresentação, poemas, fragmentos de periódicos, trechos de obras literárias, anotações, etc.¹⁰². Contém, ainda, um pequeno número de obras de arte em papel, tais como: gravuras, desenhos, recortes e colagens¹⁰³.

1.8 - Religiosos

- Documentos identificados como de temática religiosa, tais como: informativos, celebrações, sermões, necrologias, santinhos, etc.

1.9 - Calendários

- Calendários temáticos diversos (com cenas da natureza, festivos, turísticos...)¹⁰⁴. A partir de 1979.

1.10 - A definir

- Todos os documentos que não possuem suporte em papel, e foram encontrados entre os aglomerados de documentos. Como, por exemplo: flâmulas, objetos decorativos e de bolso, etc.¹⁰⁵

¹⁰¹ Futuramente, pode-se criar um subgrupo - *Turismo polônico no RS*, já que a coleção apresenta interessante material de caráter étnico-cultural, com destaque para festividades e roteiros alternativos, pouco divulgados.

¹⁰² Cf. (ANEXO H).

¹⁰³ Cf. (ANEXO O).

¹⁰⁴ Cf. (ANEXO L).

1.11 - Cartões de visita

- Cartões de visita, de pessoas, instituições e empresas.

1.12 - Cartazes

- Cartazes de caráter informativo/iconográfico, na maioria de encontros e eventos comemorativos¹⁰⁶. A partir de 1975.

1.13 - Periódicos

- Foram considerados periódicos as publicações seriadas com indicativo de edição, divididos em dois filtros:

1.13.1 - Polônicos

- Produzidos fora da Polônia, na maioria do Brasil, alguns exemplares de outros países. Como, por exemplo: Boletim da Capelania Polonesa de Porto Alegre; *Odrodzenie*¹⁰⁷; *Polonus*¹⁰⁸; *Lud e Nowy Lud*; trechos do *Zero Hora*; *Głosy* (Argentina), etc.

1.13.2 - Poloneses

- Produzidos na Polônia. Como, por exemplo: *Biuletyn Kwartalnik*, etc. A partir de 1980.

1.14 - Vida sócio-profissional

1.14.1 - Vanda

1.14.1.1 - Ensino de língua e cultura polonesa

- Foram considerados os documentos que atestam a atuação de dona Vanda em atividades sócio-culturais, como oficinas e cursos de língua/cultura polonesa, mesmo que esses não tenham gerado documentações de vínculo empregatício. Documentos a partir de 1951, tais como: cadernos, listas de chamada, materiais didáticos, etc.

1.14.1.2 - Aposentadoria

- Documentação referente ao recebimento do benefício.

1.14.2 - André

1.14.2.1 - De 1960 a 1977

- Documentação referente aos empregos anteriores à Vipal. Sobre as atividades de: cobrador, militar, bancário, funcionário público, professor.

1.14.2.2 - De 1977 a 2006

¹⁰⁵ O critério de separação foi o da conservação dos suportes.

¹⁰⁶ Na coleção, destaca-se um (01) cartaz do centenário da imigração polonesa no RS (1975). Cf. (ANEXO M).

¹⁰⁷ Periódico, quinzenal, *Odrodzenie* (Renascimento). Circulou de 1930 - 1934, produzido em Porto Alegre – RS em língua polonesa, os principais cadernos versam sobre agricultura, vida social, cultura polônica e propaganda. (TRINDADE, 2014). Cf. (ANEXO K).

¹⁰⁸ Boletim de atividades da comunidade polônica do RS. Cf. (ANEXO J).

- Documentação trabalhista, gerada no desenvolvimento das atribuições de professor e químico. Documentos tais como: cadernos, listas de chamada, atas, materiais didáticos, impressos diversos, correspondências, manuscritos e datiloscritos sobre química, etc.

1.14.2.3 - Aposentadoria e Micro-empresa

- Documentos a partir de 2006 das atividades da micro-empresa e recebimento do benefício.

1.15 - Formação educacional

1.15.1 - Vanda

1.15.1.1 - Educação Básica ao Ensino Normal

- Documentos burocráticos e materiais de estudo referentes ao período de 1952 a 1964.

1.15.1.2 - Extensão

- A partir de 1964, documentos como: materiais de estudo, certificados, diplomas, etc (*conferir - 1.7 e 1.14.1.1*).

1.15.2 - André

1.15.2.1 - Educação Básica ao Ensino Científico

- Documentos burocráticos e materiais de estudo pertinentes ao período de 1950 a 1970.

1.15.2.2 - Ensino Superior e Pós-Graduação.

- Documentos burocráticos e materiais de estudo pertinentes ao período de 1970 a 1980.

1.15.2.3 - Extensão

- Documentos a partir de 1980, como: certificados, materiais de estudo, etc.

1.15.2.3.1 - Ciência e Tecnologia

- Periódicos e informativos diversos, na maioria sobre tecnologia da borracha.¹⁰⁹

¹⁰⁹ Optou-se em criar um subgrupo devido à quantidade, especificidade e utilização corrente para fins de trabalho/extensão.

2 - VIDA PRIVADA

2.1 - Correspondências pessoais¹¹⁰

- Foram estabelecidos dois filtros para organização:

2.1.1 - Em português

2.1.2 - Em polonês

2.2 - Famílias

2.2.1 - Hamerski

- Documentos que versam sobre a história genealógica da Família Hamerski.

2.2.2 - Stolarski

- Documentos que versam sobre a história genealógica da Família Stolarski.

2.3 - Casa

2.3.1 - Construção da casa

- Documentação pertinente à construção da casa, de 1980 a 1990, documentos tais como: canhotos/comprovantes fiscais, financiamento, contratação de mão de obra, assistência trabalhista, projetos, croquis, listas de chamada, etc.

2.3.2 - Manutenções e ampliações

- Documentos a partir de 1990, tais como: canhotos/comprovantes fiscais, listas de chamada, croquis, etc.

¹¹⁰ As correspondências pessoais devem ser organizadas por correspondente em ordem alfabética, seguindo uma ordem cronológica crescente dentro de cada correspondente. Resolveu-se que não seria feita a divisão entre André e Vanda, e sim pela língua, já que grande parte das correspondências é endereçada a ambos. As cópias de envio (quando existentes) e respostas, são consideradas partes de um mesmo documento, devendo ser acondicionadas de forma complementar, juntas.

Considerações finais

Este trabalho propôs, inicialmente, registrar algumas das memórias que contribuíram na formação das identidades do casal. A memória contida na arte de edificar busca na história as bases da construção. As representações de ancestralidade polonesa completam as lacunas refeitas a partir da ótica do presente.

No capítulo I, objetivou-se apresentar o trabalho ao leitor. Por meio da introdução, apresentou-se brevemente o casal, suas trajetórias e a revisão bibliográfica. No capítulo II, buscou-se cercar o leitor dos pressupostos norteadores, aliando-os à revisão histórica. Por meio do estudo da polonidade, problematizou-se acerca da complexidade de interpretações e dos vínculos históricos e memoriais estabelecidos pelos polônicos. Atestou-se que a militância se dá de inúmeras formas. Os trabalhos culturais desenvolvidos pelo casal são, alguns, exemplos de ações que por si só não frutificariam, pois interdependem do grupo. A esse último, em especial, buscou-se “formar” historicamente, contribuindo para que cada qual resguarde seu próprio patrimônio cultural e solidarize para preservar o patrimônio histórico polônico que em parte, jaz esquecido.

No capítulo III, pode-se notar que a distinção estética buscada pelo grupo de imigrantes poloneses, no caso da capela da Linha Bom Jardim, demonstra como a passagem de representações do coletivo pela oralidade, na forma de uma memória familiar, auxiliaram na ressignificação das identidades do casal. As memórias sobrepostas materializaram-se adquirindo uma “nova” estética, “a brasileira”, na construção da casa do monatanhês. Uma releitura histórico-artística digna de ser preservada, antes de tudo por seu caráter documental, como local que serve à polonidade, mas também, evidentemente, graças ao carisma do casal, emanado enquanto líderes étnicos.

A importância da atuação das lideranças se dá na manutenção das memórias e dos modos de ser/agir culturalmente, assim como na proposição de novos conteúdos culturais a fim de que a identidade não pereça na história, e sim possa ser refeita a diversas luzes. O presente trabalho buscou compreender fragmentos da imigração polonesa no Brasil, pelo viés histórico, mas também geográfico, pois, como o leitor pode ter percebido, as relações entre territorialidades e indivíduos caminham juntas.

No caso de uma história marcada por desenraizamentos territoriais, como a polonesa, manter a memória pela cultura “espalhada”, após a imigração, condiz a um benemérito, de

que por meio dos fragmentos dos depoentes a história polonesa possa sempre percolar. Mais do que estabelecer a “verdade” histórica, acredita-se que este estudo buscou a verossimilhança, procedendo à revisão do conteúdo das fontes criadas, contrapondo os conteúdos a pesquisa histórica-documental. O objetivo da narrativa do presente trabalho não foi, justamente, a construção biográfica, mas sim utilizou-se desta para comunicar a importância das coleções e mobilizar ao ensino de História, pela preservação do humano na leitura histórica.

No capítulo IV, buscou-se salvaguardar as coleções documentais que estão, até o momento, titulados ao casal. Os ganhos sociais se dão pela socialização da existência das determinadas coleções, pelo estabelecimento dos primeiros passos organizacionais e consequentes endereçamentos à futuras pesquisas. As possibilidades de temas de pesquisa, relacionados com as coleções documentais são muitas. Em especial, identificou-se potencialidades nas áreas das artes (visuais, cênicas e música) e do patrimônio (biblioteconomia, conservação e restauro, história e arquivologia). A esta última delega-se a continuação do trabalho de organização/acessibilidade. Um potencial tema que preve ser analisado, em um futuro projeto de pesquisa, refere-se ao grupo Kalina.

Por fim, tomando a liberdade de estabelecer uma leitura pessoal da obra de Witkiewicz, e sua luta pelo étnico-regional, de um espaço (Polônia) e tempo (1851 - 1915) determinados. A mensagem que se extrai pela leitura do presente trabalho é lembrar a todos os brasileiros que estes lutem pelo que acreditam ser, mesmo que para os olhos estrangeiros lhes pareça, por vezes, ininteligível. Como educador, acredito que, por meio da educação e democratização do conhecimento, pode ser superado o desafio que foi posto ao Brasil, de comportar as incontáveis expressões culturais que abriga. Quem dera se todos um dia pudessem ser representados. Ao casal, em especial, agradeço por terem me acolhido solidariamente e acreditarem na seriedade do trabalho, de por meio da convivência terem compartilhado um pouco de suas memórias. Igualmente agradeço por deporem sobre suas trajetórias de militância em prol da cultura polonesa e polônica, sobre a memória social do grupo, assim como sobre fatos da história. Sinto-me lisonjeado enquanto pesquisador e polônico, por terem confiado a mim a responsabilidade de didatizar para um público maior parte de suas memórias. Ao casal André e Vanda, meu *bardzo dziękuję* - muito obrigado!

Referências bibliográficas:

- ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 3ª Ed.; 2005.
- ALBIERI, Sara. História Pública e consciência histórica. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Orgs). *Introdução à História Pública*. São Paulo: Editora Letra e Voz, 2011.
- ARQUIVO NACIONAL. *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. (Publicações Técnicas - nº 51). Disponível em: <http://www.portalan.arquivonacional.gov.br/Media/Dicion%20Term%20Arquiv.pdf> - acessado em 16/04/2016.
- ARAUJO FILHO, Lourival de. *A dicotomia cultural do imigrante e a polonidade anunciada*. Monografia de graduação em História. Universidade Federal do Paraná. Curitiba; 2003.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. Brasília: FGV, 4ª Ed.; 2006.
- BOGUTYN, Dorota. PAPIS, Bożenna. *Kieszonkowy Słownik portugalsko-polski/polsko-portugalski* (Dicionário de bolso português-polonês/polonês-português). Warszawa: Wiedza Powszechna, 2ª Ed.; 2007.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Queroz, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaina (Orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 8ª Ed.; 2006.
- BURKE, Peter. *A arte da conversação*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.
- _____. *Variedades de história cultural*. São Paulo/Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- BUDAKOWSKA, Elzbieta. *Etnicidade Polonesa no Brasil: à luz de pesquisas sociológicas*. Varsóvia: Biblioteka Iberyjska, 2014.
- _____. *W Poszukiwaniu Etniczności, ruch BRASPOL w Brazylii – Współczesna interpretacja* (Em Busca da Etnicidade, movimento da BRASPOL no Brasil – Interpretação contemporânea). Warszawa: UW, 2007.
- CALVINO, Ítalo. A palavra escrita e a não-escrita. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaina (Orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 8ª Ed.; 2006.
- CANCLINI, Néstor García. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. In: *Revista do Patrimônio - Cidade*. Brasil: IPHAN, nº 23; 1994.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto; 2011.

CIAMPI, Helenice. Os desafios da história local. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARETTO, Arlete Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (Orgs.). *Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad & PAPERJ, 2007.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. In: *Fronteiras: Dourados-MS*, v.13, nº 24, jul/dez, 2011, p. 15-29.

_____. A visão do historiador modernista. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 7ª Ed.; 2005, p. 215-218.

DOWBOR, Ladislau. *A formação do Terceiro Mundo*. São Paulo: Brasiliense, 5ª Ed.; 1985.

DRABIK, Grazyna; FERNANDES, Rubem César (Orgs.). *Polônia: o Partido, a Igreja, o Solidariedade*. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos da Religião/Editora Marco Zero, 1984.

ECHEVERRIA, Regina. *Gonzaguinha e Gonzagão: uma história brasileira*. São Paulo: Leya Editora, 2012.

FARIA, Ernesto (Org). *Dicionário escolar latino-português*. Rio de Janeiro: MEC, 3ª Ed.; 1962.

FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaina (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 8ª Ed.; 2006.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

FUJISAWA, Vivian Eiko Nunes. *Arquivos pessoais: proposta de organização do acervo do cartunista Santiago*. Trabalho de conclusão de curso em arquivologia – TCC. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Departamento de Ciências da Informação. Porto Alegre, 2009.

GARDOLIŃSKI, Edmundo. *Escolas da Colonização Polonesa no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: UCS, 1976.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: DIFEL, 1989.

GONÇALVES, Márcia de Almeida [et al.]. *Qual o valor da história hoje?* Rio de Janeiro: FGV, 2012.

GONZAGA, Armando Luiz. *Madeira: Uso e Conservação* (Cadernos Técnicos; 6). Brasília, DF: IPHAN/MONUMENTA, 2006.

GRZESZCZUK, Andrzej. *Polonia w Brazylii*. Warszawa: Wspólnota Polska, 2012.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Paris: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. *A identidade cultural da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 8ª Ed.; 2003.

HARTOG, François. O tempo desorientado. Tempo e história. Como escrever a história da França? In: *Anos 90*. Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, nº 7, julho/1997.

HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; PAVIANI, Neires Maria Soldatelli. *Língua, cultura e valores: um estudo da presença do humanismo latino na produção científica sobre imigração italiana no Sul do Brasil*. Porto Alegre: EST, 2003.

HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, Memória e Resíduo Histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso de Filinto Müller. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 10, nº 19, 1997, p. 41-66.

IAROCHINSKI, Ulisses, “Porque Polaco!”. In: *Projeções: revista de estudos polono-brasileiros*. Curitiba: BRASPOL. Ano 5, nº 10, v. V/2, 2003, p. 111-124.

JABLOŃSKA, Teresa. *Styl Zakopiański – Stanisława Witkiewicza*. Lesko: BOSZ, 2008.

KAWKA, Mariano. *Słownik polsko-portugalski, portugalsko-polski* (Dicionário polonês-português, português-polonês). Porto Alegre: R&O Editores, 2015.

KOZOWSKI, Victor Inácio. *Estes imigrantes entre outros: imigração polonesa na serra gaúcha*. Bento Gonçalves: Ed. do autor, 2003.

_____. *Os poloneses da Colônia de Alfredo Chaves/Guaporé*. Bento Gonçalves: Ed. do autor, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. São Paulo: UNICAMP, 1996.

LIMA, Henrique Espada. Micro-história. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Novos domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 207-223.

LONDRES, C. A noção de referência Cultural nos trabalhos de inventário. In: MOTTA, L.; SILVA, M. B. R. (Org.). *Inventários de Identificação: um panorama da experiência brasileira*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1998.

MALCZEWSKI, Zdzisław. *Ślady Polskie w Brazylii* (Marcas da presença polonesa no Brasil). Warszawa: Biblioteka Iberyjska, 2008.

MALIKOSKI, Adriano. *As escolas étnicas dos imigrantes poloneses no Rio Grande do Sul (1875 - 1939)*. 2014. 220f. Dissertação de Mestrado em Educação – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Caxias do Sul – UCS. Caxias do Sul; 2014.

MARIN, Iraci José. *Imigrantes poloneses afundados num mar italiano*. Caxias do Sul: Maneco, 2014.

MARMILICZ, Paulo Tomaz. *A antiga colônia polonesa de Guarani das Missões e suas relações atuais*. Ijuí: Policromia, 1996.

MAZUREK, Jerzy (Org.). *Os poloneses sob o Cruzeiro do Sul*. Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-americanos da Universidade de Varsóvia. Varsóvia: Universidade de Varsóvia; 2009.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Território, espaço de identidade. In: SAQUET, Marco Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (Orgs.). *Territórios e territorialidades: teorias, processos*

e conflitos. São Paulo: Expressão Popular/UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 1ª Ed.; 2009.

MEIHY, José Carlos S. B. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 1998.

MINISTERIO DE CULTURA. *Manual para Inventario – Bienes Culturales Muebles*. Bogotá: Imprensa Nacional, 2005.

MIRANDA, Nego; CARVALHO, Maria Cristina W. *Paraná de madeira*. Curitiba: Ed. dos autores, 2005.

MOLAR, Jonathan de Oliveira; LAMB, Roberto Edgar. Imigração Polonesa: o sentimento identitário representado nas imagens da revista “Gazeta Polaca no Brasil”. In: *História, imagem e narrativas*. Rio de Janeiro: UFRJ, nº 12, abril/2011.

MONTEIRO, Katani Maria Nascimento. *Entre o vinho e a política: uma biografia de Celeste Gobbato (1890 - 1958)*. Tese de Doutorado em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre, 2011.

MORAES, Jonas Rodrigues. *Polifonia e hibridismos musicais: relações dialógicas entre Luiz Gonzaga, Gilberto Gil e Torquato Neto*. Tese de Doutorado em História Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2014.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. *Bourdieu & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 4ª Ed.; 2014.

PAES, Marilena Leite. *Arquivo: teoria e prática*. Brasília: FGV, 3ª Ed.; 1997.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS - PCN. *História e Geografia*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

PARENTE, Harlan Teixeira. *Na trilha do sucesso: representações de Luiz Gonzaga (1946 - 1989)*. Dissertação de Mestrado em História Social – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, 2016.

PENNA, Rejane. Velhas fotografias, cartas e papéis: Arquivos Particulares e os novos rumos do campo do patrimônio cultural no interior de um arquivo histórico. In: FRANÇA, Maria Cristina C. de C.; LOPES, Cicero Galeno; BERND, Zilá (Orgs.). *Patrimônios memoriais: identidades, práticas sociais e cibercultura*. Porto Alegre: Movimento; Canoas: Unilasalle, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Fronteiras da Ficção: diálogos da história com a literatura. In: *Revista de História das Ideias*. Coimbra: IHTI; Vol. 21, 2000, p. 33-54.

PITON, João. Periódicos de Língua Polonesa no Brasil. In: *Anais da Comunidade Brasileiro Polonesa*. Curitiba: Gráfica Vicentina; Vol. III, 1971, p. 80-103.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989, p. 3-15.

_____. Memória e Identidade Social. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992, p. 200-212.

PROST, Antonie. *Doze lições sobre a história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

PUTKIEWICZ, Władysława. Korrespondencja własna z Brazylii: Nova Prata Vipalem Stoi. In: *Przegląd Oponiarski*, Toruń, N° 2(33), 2005.

_____. O polonii w Brazylii w rozmowie z inż. Andrzejem Hamerskim: Polskę ma w swoim sercu. In: *Przegląd Oponiarski*, Toruń, N° 4(35), 2005.

PWN. *Słownik Poprawnej Polszczyzny* (Dicionário próprio do idioma polonês). Warszawa: Ed. PWN, 1973.

RAFFESTIN, Claude. A produção das estruturas territoriais e sua representação. In: SAQUET, Marco Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (Orgs.). *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. São Paulo: Expressão Popular/UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 1ª Ed.; 2009.

REITZ, Raulino; KLEIN, Roberto M.; REIS, Ademir. *Projeto Madeira do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: CORAG, 1ª Ed.; 1983.

RYŚ, Stanisław. 'KARTA' - ZAKOPANE I OKOLICE - przewodnik turystyczny z planem miasta (MAPA – ZAKOPANE E REGIÃO – guia turístico das cidades). Ed. do autor, (Sem data).

SANTOS, Rafael José. O 'Étnico' e o 'Exótico': Notas sobre a Representação Ocidental da Alteridade. In: *Revista Rosa dos Ventos*. N°5(4), out/dez, 2013, p. 635-643.

SAQUET, Marco Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (Orgs.). *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. São Paulo: Expressão Popular/UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 1ª Ed.; 2009.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 3ª Ed.; 2014.

SCHILING, Voltaire. *Polônia: A luta pela liberdade*. Cadernos de História; Memorial do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Gráfica do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, [s.d.], 31 pgs.

SCHMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. In: VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro Flamarion. *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2ª Ed.; 2011.

SEYFERTH, Giralda. *Identidade étnica, assimilação e cidadania: A imigração alemã e o Estado Brasileiro*. ANPOCS: MG, 1993.

SHULZE-HOFER, Maria Cristina; MARCHIORI, José Newton Cardoso. *O uso da madeira nas reduções jesuítico-guaranis do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: IPHAN, 2008.

SIKORA, Mafalda Ales. *As políticas de imigração no Brasil nos séculos XIX e XX e o desenvolvimento de territórios: Estudo de caso da colônia Dom Pedro II - (Campo Largo – Paraná)* 2014. 210f. Dissertação de Mestrado em Tecnologia – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba; 2014.

SINGER, Helena. Educação Integral e Territórios Educativos. In: *II Colóquio Internacional do NUPSI: Construções de Felicidade*. São Paulo: NUPSI, 10 pgs; set/2013.

SIUDA-AMBROZIAK, Renata. A comunidade polônica brasileira e a sua visão da Polônia e do polonismo. In: *Polonicus* - Revista de reflexão Brasil-Polônia. Curitiba: Missão Católica polonesa no Brasil; Ano 02, nº 3, jan/jun, 2011.

SLODKOWSKI, Aline Carlise. *Memórias vivas e a polonidade no município de Guarani das Missões/RS*. Dissertação de Mestrado em Geografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. Porto Alegre, 2013

SMOLA, Krzysztof; DEMBRICZ, Andrej. A presença polonesa na América Latina. *Roteiros poloneses na América Latina*. Varsóvia: CESLA/Universidade de Varsóvia, 1996.

STAWINSKI, Alberto Victor. *Primórdios da imigração polonesa no Rio Grande do Sul (1875 - 1975)*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1976.

STAWINSKI, Alberto Victor; BUSATTA, Félix. F. *Josué Bardin: História e religião das colônias polonesas*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1981.

STEPHANOU, Maria. Instaurando Maneiras de Ser, Conhecer e Interpretar. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH, vol. 18, nº 36, 17 pgs; 1998. ISSN 1806-9347.

TONDOS, Barbara. *Styl Zakopianski*. Wrocław: Ed. Zakład Narodowy im. Ossolińskich (Instituto Nacional de Ossolinski, Polônia); 2004.

TRINDADE, Rhuan Targino Zaleski. Símbolo de liberdade: a monumentalização do herói na construção do busto de Chopin em Porto Alegre (1961 - 1963). In: *Anais eletrônicos XXVIII Simpósio nacional de História – Florianópolis, SC; 2015*.

_____. Polkosc, identidade e etnicidade polonesa: conceitos em construção. In: *Anais eletrônicos II Congresso Internacional de História Regional - UPF, 2013*.

_____. Fontes para a História Ambiental: a agricultura através dos periódicos polono-brasileiros. In: *Anais eletrônicos XV Encontro Regional de História - UFPR, 2016*.

VIANNA, Letícia C. R. Patrimônio Imaterial. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2ª Ed.; 2016. (verbete). ISBN 978-85-7334-299-4.

VOLDMAN, Danièle. A invenção do depoimento oral. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaina (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 7ª Ed.; 2005.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. As escolas da colonização polonesa no Brasil. In: *Anais da Comunidade Brasileiro Polonesa*. Curitiba: Superintendência do centenário da imigração polonesa no Brasil, vol. II; 1970.

WAŁEK, Janusz. La Antigua construcción y arquitetura. In: *Polonia siempre cerca*. Panorama de Polonia: las empresas polacas en la actualidad, presentación; Varsóvia: Editora BMB; 1992.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: UND, vol. I, 4ª Ed.; 2009.

WEBER, Regina. Agentes e intelectuais étnicos entre os poloneses. In: *Tempos Históricos*. Vol.19; UFP, 2015.

_____. Líderes, intelectuais e agentes étnicos: significados e interpretações. In: *Revista Diálogos*. UEM: Maringá, vol.18; nº 2, mai/ago, 2014.

WEBER, Regina. WENCZENOVICZ, Thaís Janaina. Historiografia da imigração polonesa: avaliação em perspectiva dos estudos sobre o Rio Grande do Sul. In: *Revista de História - Unisinos*: Ed. Unisinos; jan/abr. 2012.

WENCZENOVICZ, Thaís Janaina. *Luto e silêncio: doença e morte nas áreas de colonização polonesa no Rio Grande do Sul (1940 - 1945)*. Tese de doutorado em História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.

_____. *Pequeninos poloneses: cotidiano das crianças polonesas (1920 - 1960)*. [S.1: s.n.]; 2010.

_____. *Edmundo Gardolinski: um engenheiro memorialista*. Porto Alegre: UERGS/Erechim: Graffoluz, 2011.

WESOŁOWSKA, Alicja. *Polska w oczach geografa* (Polônia nos olhos do Geógrafo). Warszawa: Wspólnota Polska. 2012.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.); *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

WRÓBEL, Roman. *Historia Polski w kilku odsłonach* (História da Polônia em várias cenas). Wspólnota Polska: Warszawa, 2012. 32 pgs; DVD-ROM. ISBN 978-83-63139-09-4.

XERRI, Eliana Gasparini. *Nova Prata: uma incursão na história*. Caxias do Sul, RS: EDUCS; 2004.

ZAMOYSKI, Adam. *História da Polônia*. Lisboa: Edições 70, 2010.

Entrevistas:

HAMERSKI, André. Entrevista concedida ao pesquisador. Nova Prata, 24/12/2015.

HAMERSKI, André. Entrevista concedida ao pesquisador. Nova Prata, 14/03/2017.

Outras referências:

BRASIL. *Diário Oficial da União - Ministério da Cultura*. Portaria nº 267, de 1º de julho de 2005. Brasília -DF, 04 de julho de 2005, Seção 1, p. 12; PRONAC 05-3053.

Centenário da Família Hamerski – Bom Jardim, Guarani das Missões, RS. Curitiba: Gráfica Vicentina; 1984. INFORMATIVO, 16 Pgs.

Instituto Hércules Galló. Museu de território – Galópolis. Caxias do Sul, RS – Brasil; 2016. INFORMATIVO, 02 Pgs.

PAX ET BONUM – Celebrar a Vida – Órgão Oficial da Província Sagrado Coração de Jesus Freis Capuchinhos do Rio Grande do Sul. Ano 59 – Nº 204 – Agosto de 2011 – 13ª Ed.; REVISTA.

POLÔNIA. MINISTERSTWA KULTURY I SZTUKI. VIII Światowy Festival Polonijnych Zespołów Folklorystycznych (VIII Festival Mundial de Grupos Folclóricos Polônicos). Rzeszów: Rzeszowski Zakłady Graficzne, 1989. INFORMATIVO, 72 pgs.

POLÔNIA. WSPÓLNOTA POLSKA. X Światowy Festival Polonijnych Zespołów Folklorystycznych (X Festival Mundial de Grupos Folclóricos Polônicos). Rzeszów: TECHGRAF, 1996. INFORMATIVO, 74 pgs.

Polonia siempre cerca. Panorama de Polonia: las empresas polacas en la actualidad, presentación; Varsóvia: Editora BMB; 1992. INFORMATIVO, 100 Pgs.

Roteiro Religioso. Nova Prata – RS. Brasil; 2016. INFORMATIVO, 12 Pgs.

Consulta ao acervo:

MUSEU DOS CAPUCHINHOS. Caxias do Sul, RS – Brasil; 2016/2017. Coleções Frei Alberto Stawinski e Frei João Adão Koakoski.

Filmografia online:

100 W. I. Lenin. Wytwórnia Filmów Dokumentalnych. Polska Kronika Filmowa (PKF) - 16A/70. Warszawa: 1970. FILME (digitalizado).

- Título do vídeo: Polska Kronika Filmowa 16a.1970 W.I Lenin. Cf.: <https://www.youtube.com/watch?v=f3xvfN-WdJI> - acessado em 13/06/2017. Propaganda comunista de 1970, onde dos 6:50 – 8:06, mostra a passagem de Lênin pela região dos Tatras.

Pamięci Włodzimierza Lenina. Polski Film. PKF - 5/49. Warszawa: 1949. FILME (digitalizado).

- Título do vídeo: PKF 1949 05. Cf.: <https://www.youtube.com/watch?v=SraOXNBNMC8> - acessado em 07/11/2017. Propaganda comunista de 1949, onde dos 0:19 – 1:50, tópico 1. *Pamięci Włodzimierza Lenina. Akademia z okazji XXV rocznicy śmierci Lenina i Muzeum Lenina w Poroninie.* Mostra notícia necrológica, lembrança de 25 anos de falecimento de Lênin e museu construído em sua homenagem na cidade montanhosa de Poronin, região de Zakopane.

APÊNDICE A – GENOGRAMAS SIMPLIFICADOS

VANDA STOLARSKI HAMERSKI

1ª Geração – lado paterno (imigrantes poloneses - fim séc. XIX)

- Jan Stolarski (Avô Paterno) casou com Josefa Stolarski (Avó Paterna), tiveram quatro filhos entre eles: José Stolarski (Pai).

1ª Geração – lado materno (imigrantes poloneses – 1936)

- Felix Charęnzinski (Avô Materno) casou com Ignaca Charęnzinska (Avó Materna), tiveram quatro filhos, entre eles: Zofia Charęnzinska (Mãe).

2ª Geração

- José Stolarski (Pai, *1920 +1968) casou com Zofia Charęnzinska (Mãe, *1921 +2000), e tiveram três filhos: Ricardo (irmão), Vanda, Luiz Tadeu (irmão).

ANDRÉ HAMERSKI

1ª Geração (imigrantes poloneses - fim séc. XIX)

- José Nicolau Hameski – Filho mais velho de José e Elisabet, veio em 1883 ao Brasil, um ano antes da família, fugindo de prestar serviço militar no exército prussiano.

- Em 1884 emigraram José Hamerski e esposa, Elisabet Biesek Hamerski (bisavós), e os quatro filhos: Francisca, João (avô), Vicente, Veronica e Marianna (avó).

- João Hamerski (avô) casou com Emília Laskowski (avó), e tiveram oito filhos: João, Pedro, Xavier, José, Paulino (pai), Leocádia, Bárbara e Verônica.

- Marianna Hamerski (avó) casou com Adão Wastowski (avô), e tiveram nove filhos: Isabel, Catarina, Alois, Pedro, Helena (mãe), Valeriano, Cristina, Inácio e Conrado.

2ª Geração (brasileiros de origem polonesa)

- Paulino Hamerski (pai) casou com Helena Wastowski (mãe) – casamento entre primos de primeiro grau. Tiveram cinco filhos: Rui (irmão), Zélia (irmã), André, Zita (irmã) e Eugênio (irmão).

APÊNDICE B – SÍNTESE HISTÓRICA SOBRE A HISTÓRIA DA POLÔNIA

Por meio da prospecção por materiais de referência sobre a história polonesa, atestou-se a escassez de traduções em português sobre o tema. O presente trabalho não almejava ser um tratado de História, mas também sentiu-se a necessidade de popularizar o conhecimento histórico sobre a Polônia. A seguir, transcreve-se uma síntese em português, disponibilizada em publicação oficial polonesa de edição limitada. De autoria do historiador polonês Roman Wróbel¹¹¹ (2012), *História da Polônia em várias cenas*. Procurou-se ao máximo respeitar a formatação original do texto. O pesquisador interveio somente nas notas e pequenas adaptações/correções gramaticais. Um bom passeio por várias cenas da história da Polônia!

Inícios

As áreas onde foi criada a história de nossa nação cobriam quase os mesmos terrenos que atualmente pertencem ao Estado polonês. No norte foram limitadas pelo Mar Báltico, no sul pelas montanhas dos Sudetos e Cárpatos, no oeste estendiam-se até o rio Oder, no leste até o rio Bug.

A primeira dinastia polonesa descendeu do Piast semi-mítico e no século XVII os historiadores deram-lhe o nome de dinastia Piast. Os primeiros soberanos que conhecemos chamavam-se Siemowit, Lestko, Siemomysl e Mieszko. Sobre a atividade de Mieszko I temos mais informações. Consistia em assegurar os territórios do Estado e expandir suas fronteiras.

A Polônia da dinastia Piast

Mas o passo mais importante de Mieszko I foi a adoção, junto com seu povo, da religião cristã, graças a qual a Polônia aderiu ao círculo da cultura ocidental. Após a morte de Mieszko I, o poder foi tomado por seu filho mais velho Boleslau, mais tarde chamado o Bravo. Travando muitas guerras, Boleslau expandiu suas terras de lugares situados entre a Polônia e a Alemanha, temporariamente governou a Tchêquia, conquistou a Rutênia Vermelha e Kiev, colocando no trono de Kiev o marido de uma de suas filhas.

Diz a lenda que conquistando Kiev bateu com a espada na parede de pedra. Esta espada, chamada Szczerbiec, serviria depois de espada de coroação. No final de seu reinado, em 1025, Boleslau foi coroado rei. Boleslau, o Bravo, executou sua missão histórica, tornando-se para as futuras gerações o símbolo do governante poderoso, rico, cuja espada batera os muros de Kiev e pilares de ferro marcavam as fronteiras do país, a oeste. Para as pessoas que viveram cem anos mais tarde tornou-se um modelo a ser seguido, um símbolo especialmente vivo nos tempos onde o Estado polonês era ameaçado por uma desintegração ou por um colapso.

¹¹¹Historyk, dziennikarz, był nauczycielem historii w szkole polskiej im. Ity Kozakiewicz w Rydze i wykładowcą historii kultury polskiej w Łotewskiej Akademii Kultury (Historiador, jornalista, foi professor de história na Escola Polonesa, Instituto Ity Kozakiewicz em Riga, professor de história cultural polonesa na Academia de Ciências e Cultura da Letônia) (WRÓBEL, 2012, p.2).

Mais tarde, o poder foi tomado por Mieszko II, filho de Boleslau I. Infelizmente, guerras civis que agitavam o país reduziram significativamente a importância da Polônia. Apenas sob o domínio do filho de Mieszko II – Casimiro; a Polônia voltou ao equilíbrio. Boleslau II continuava a política de seu pai. Este governante também decidia sobre a colocação dos tronos da Rutênia, Hungria e efetivamente suportava a expansão do Império Alemão a leste. O próximo governante – Boleslau III da Polônia “O boca torcida” – decidiu dividir o país entre suas crianças, que receberam seus direitos de herança. O período de desintegração durou mais de 150 anos – a importância política da Polônia diminuiu e o país recuperou uma posição forte na Europa apenas na primeira metade do século XIV. A Igreja Católica desempenhou um papel importante na unificação. O príncipe Ladislau III o Baixo conseguiu unir a maioria dos territórios poloneses e em 1318 foi coroado rei da Polônia em Cracóvia, que obteve claramente o caráter de capital do país.

Durante o reinado dos últimos representantes da dinastia Piast: Ladislau III o Baixo e Casimiro, o Grande, a maior parte do território polonês foi reunida. A Polônia tornou-se um país forte, bem administrado, participando ativamente na vida política, econômica e cultural da Europa. Durante este período, em 1364, em Cracóvia, foi criada a universidade (a segunda universidade na Europa Oriental, a primeira foi a universidade em Praga). A capital da Polônia era um dos principais centros diplomáticos.

A Polônia dos Jagelões – República das Duas Nações

Em 1370, Casimiro, o Grande saiu da cena histórica e o trono polonês foi tomado pelos Anjou-Hungria, aliados com a dinastia de Piast – rei Luís da Hungria e sua filha Edviges. A ameaça da Ordem Teutônica levou a Polônia a concluir um tratado com a Lituânia. O ponto culminante das negociações foi o casamento de Edviges coroada rainha da Polônia com Jagelão, grão-duque da Lituânia, vindo a formar união dos dois países em 1385, em Krewo.

A dinastia Jaguelônica governou o estado polaco-lituano durante os próximos duzentos anos, criando, na segunda metade do século XV, um dos grandes impérios europeus. Jagelões governavam na Polônia, Lituânia, Tchêquia e Hungria. O reinado de Ladislau Jagelão é comumente associado com um grande sucesso militar – derrotou os exércitos da Ordem Teutônica na batalha de Grunwald, em 1410. O último Jagelão, Sigismundo II da Polônia, antes de sua morte, ainda conseguiu criar a República das Duas Nações, antes unidas pela união pessoal. Mas este país foi governado por monarcas eleitos através da eleição livre pelo “nobre povo”.

A República das Duas Nações era um estado multinacional. A partir da União de Lublin (1569), a República foi composta por dois estados: a Polônia, definida como a Coroa, e o Grão-Ducado da Lituânia.

Reis eleitos

A primeira eleição livre teve lugar na primavera de 1573. Ganhou o irmão do rei francês, Henrique. Depois de apenas quatro meses de reinado, o rei fugiu de Cracóvia para a França, onde se sentou no trono como Henrique III. A nobreza polonesa escolheu a irmã de Sigismundo Augusto, Anna, ao mesmo tempo ordenando-lhe casar-se com o príncipe da Transilvânia, Estevão Báthory. Báthory foi um governante forte. Durante uma campanha curta resolveu em favor da Polónia o conflito com a Rússia sobre o Ducado da Livônia, organizou também os assuntos internos e fortaleceu a autoridade do poder real.

Após a morte de Báthory foi eleito rei o neto de Sigismundo I, o Velho, o príncipe da Suécia, Sigismund, o primeiro polonês da dinastia Vasa. Os Vasa, reinando durante 70 anos

(Sigismundo III, Vladislau IV e João II Casimiro), mantiveram o prestígio da Polônia como um país europeu grande e grave, mas, infelizmente, envolveram o reino em uma série de conflitos militares. Desde o início do século XVII, a Polônia estava em um estado constante de guerra com um dos vizinhos. Sucessos militares (1605, Kirholm – vitória sobre os suecos; 1610, Klushino – sobre os russos, em consequência da qual a cidade de Moscou foi conquistada e ocupada durante dois anos; 1621, Khotyn – sobre a Turquia) entrelaçaram-se com catástrofes (1612 – colapso da intervenção polonesa na Rússia; 1620 – derrota na baralha de Cecora contra os turcos; 1648 – uma série de derrotas durante a Revolta de Khmelnitski, cossacos na Ucrânia).

O auge do desastre veio com o “Dilúvio” sueco, nos anos 1655 – 1660, quando o nosso país foi confrontado com uma invasão simultânea dos exércitos da Suécia, Rússia (em 1655 os russos queimaram Vilnius), de cossacos, da Prússia e Transilvânia. Embora a vitória nessa guerra, a Polônia foi muito devastada e enfraquecida internamente. Após a abdicação, em 1668, do rei João Casimiro, alguns anos reinou Michal Korybut Wisniowiecki, depois no trono sentou-se o herói das guerras com a Turquia, João Sobieski. O rei dedicou seu reinado à guerra com a Turquia, que ameaçava os terrenos do sul do Estado polonês. Apesar de ainda ter vitórias militares, como em 1683 em Viena, sobre os turcos – não foi capaz de organizar os assuntos de Estado. A Polónia perdeu em favor da Rússia uma metade da Ucrânia.

A morte de João III Sobieski abriu um novo capítulo na história da Polónia. O reinado da dinastia Wettin da Saxónia (Augusto II e Augusto III), foi sobretudo a perda do significado político e militar da República.

Fim da Primeira República

O reinado do último rei da República das Duas Nações, Estanislau II da Polónia, era cheio de contradições. Por um lado, o rei era submetido à Rússia, por outro em seu tempo a Polónia vivia um período de florescimento cultural. Ao mesmo tempo, o Estado, cada vez mais fraco, não foi capaz de se defender contra as apirações dos impérios vizinhos. Em 1772 a Rússia, a Prússia e a Áustria fizeram a primeira partição da Polónia. A República perdeu 30% de seu território. Foram introduzidas reformas internas para evitar a liquidação do país independente. No dia 3 de maio de 1791, o Parlamento da República das Duas Nações aprovou a Lei Fundamental, mais tarde chamada Constituição de 3 de Maio. A divisão do país em Coroa e Lituânia foi suprimida. Foi introduzido o princípio de Montesquieu da separação dos três poderes – foi estabelecido o sistema judiciário, legislativo e executivo. A Polónia tornou-se o pioneiro do constitucionalismo europeu: a Constituição de 3 de Maio foi a primeira constituição do continente europeu.

A aprovação da Constituição de novo levou a Rússia e a Prússia, preocupadas com a visão da Polónia forte, a intervir e em 1793, houve a segunda partição da Polónia. O golpe final foi dado à independência da Polónia após a supressão da revolta anti-russo que eclodira em 1794, liderada por Tadeusz Kosciuszko. O “Chefe da Nação”, general Tadeusz Kosciuszko, popular e corajoso, após alguns sucessos, perdeu a batalha decisiva em Maciejowice e foi feito prisioneiro pelos russos.

Em 1795, a Rússia, a Áustria e a Prússia dividiram entre si a Polónia, forçando a abdicação do rei Estanislau Augusto. A Rússia ocupou a Lituânia, os territórios da Bielorrússia, a Volínia ocidental. A Áustria – Cracóvia e os terrenos até os rios Vístula, Pilica e Bug. A Prússia – os terrenos até o rio de Pilica, de Bug e Niemen. Varsóvia caiu sob o domínio da Prússia. A partir desse momento o nome da Polónia era para ser para sempre apagado do mapa.

A Polônia em cativo

A virada dos séculos XVIII e XIX trouxe esperanças para a restauração da independência, ligadas com os sucessos militares de Napoleão Bonaparte. As Legiões Polonesas, criadas na Itália por Jozef Wybicki e Henryk Dąbrowski, lutaram em muitas batalhas da era napoleônica, esperando a passagem através da Áustria para a Polônia. Estas esperanças foram expressas em “Mazurek Dąbrowskiego”, criado em 1797. A canção, proclamando que “A Polônia não desaparecerá, enquanto nós vivermos”, expressando a esperança de que as legiões atingissem o solo polonês, tornou-se a fâsca que inflamou indivíduos vigorosos no país. Depois tornou-se o hino nacional¹¹².

Napoleão cumpriu, em parte, as esperanças investidas nele. Após a derrota da Áustria e da Prússia, criou em 1807, a partir de uma parte dos terrenos da antiga República, o Ducado de Varsóvia. Ajudou também a criar o exército polonês. O exército lutou em todas as campanhas e batalhas importantes do imperador dos franceses. No entanto, a derrota à invasão na Rússia (1811 – 1812) e a queda de Napoleão mudaram o destino da Europa e da Polônia. No lugar do Ducado de Varsóvia, foi estabelecido o Reino da Polônia, ligado pela união pessoal com a Rússia, o tsar russo também era rei da Polônia. Do restante território polaco foi criado o Grão-Ducado de Poznań sob o poder da Prússia e a Cidade Livre de Cracóvia “aos cuidados” dos três impérios.

Os poloneses, no entanto, não renunciaram à ideia de independência total. Já em novembro de 1830 teve lugar a eclosão da luta armada no Reino, a deposição do tsar e o estabelecimento do Governo Nacional. Apesar do sucesso inicial, tudo terminou em fracasso. O Reino da Polónia tornou-se uma parte integrante do Império Russo e as conquistas econômicas e políticas do período 1815 – 1830 foram perdidas. Na disputa – lutar ou cooperar com os invasores – a ideia de revolta venceu novamente na década de 60 do século XIX. A revolta de janeiro de 1863 – 1864, no entanto, terminou com uma derrota esmagadora e o Reino da Polónia era cada vez mais reprimido. Então durante muitos anos a tentativa de recuperação armada foi esquecida. A pressão da russificação intensificou-se – a língua polonesa desapareceu de escolas e escritórios. O mesmo aconteceu nas áreas anexadas pela Prússia, onde as autoridades, às vezes usando métodos violentos, submetiam a população à política de germanização. A Igreja Católica era severamente oprimida na Rússia e Prússia. Só a Galícia - sob domínio da Áustria - tinha uma grande liberdade.¹¹³

Para a Independência

A eclosão da guerra, em 1914, em que os três impérios lutaram em lados opostos, aumentou as esperanças dos poloneses para recuperar a independência. Os defensores da cooperação com os países centrais criaram em Cracóvia o Supremo Comitê Nacional que passou a organizar as Legiões Polonesas. Os defensores da opção russa fundaram, em 1914 em Varsóvia, o Comitê Nacional Polonês. Em 1917, foi criado em Paris, sob a liderança do polonês Roman Dmowski, o Comitê Nacional Polonês, reconhecido pelos Aliados como a delegação polonesa. Em França, começou a se formar um exército polonês. No início de 1918, o presidente dos EUA, W. Wilson, anunciou a declaração de 14 pontos, onde o ponto 13 falava da independência da Polónia. A Primeira Guerra Mundial terminou com a derrota de todos os três impérios, permitindo a libertação da Polónia.

¹¹² Tornou-se o hino polonês em 1926 - *Mazurek Dąbrowskiego*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-xB6mVeUywU> - acessado em 15/09/2017.

¹¹³ Imigração de Józef Hamerski e família, para o Brasil – 1884. Chegada de Stanisław Witkiewicz aos Tatras – 1886.

A Segunda República

Já em Outubro de 1918, as tropas polonesas começaram a desarmar soldados alemães e austríacos. Após o retorno para a Polônia de Piłsudski, ao comandante das Legiões eram subordinados o exército e as autoridades temporárias. Piłsudski tornou-se o Chefe de Estado. Mesmo em 1918, a luta irrompeu na Ucrânia e a conexão da Grande Polônia foi baseada em uma revolta.

O Tratado de Versalhes, assinado por Roman Dmowski, terminando a I Guerra Mundial, sancionou a independência polonesa. O maior perigo que ameaçava a República do leste, a Rússia bolchevique, anunciando o slogan de “marcha da revolução em toda a Europa”, quase venceu na guerra de 1920. As tropas russas atingiram os arredores de Varsóvia. A batalha travada neste lugar nos dias 13 – 18 de agosto, vencida pelos poloneses, foi descrita pelo diplomata britânico Lord D’Abernon como uma das “18 mais importantes batalhas da história mundial”, e pelos poloneses como “um milagre no Vístula”. A guerra terminou por um tratado de paz favorável aos poloneses, concluído em Riga, na Letônia, a 18 de março de 1921.

O país recriado tem feito um grande esforço para unir economicamente e comunicar as três partições. Em 1924, foi realizada a reforma monetária, o que resultou na estabilização da situação econômica na Polônia. Foi construído o porto em Gdynia, as linhas ferroviárias Varsóvia – Poznań e Silésia – Gdynia. A grande conquista da Segunda República foi a industrialização do país e a eliminação da superpopulação rural. No final dos anos trinta foi construído o Central Distrito Industrial, que incluiu 51 novas plantas industriais. Foi a maior conquista da civilização da Segunda República. Houve uma rápida expansão do ensino superior. No período entre-guerras, a ciência polaca tinha muitas realizações importantes para o mundo inteiro. A Polônia do período entre-guerras experimentou também uma verdadeira “explosão” artística.¹¹⁴

Segunda Guerra Mundial

A existência da Segunda República foi interrompida pela eclosão da Segunda Guerra Mundial. No dia 01 de setembro de 1939, a Alemanha invadiu a Polônia, a 17 de setembro, e a partir do leste do país foi atacado pela União Soviética. Após um mês de combates, a Alemanha e a URSS promulgaram a nova partição da Polônia. Por causa de um grande disparidade de forças e na ausência de apoio real dos Aliados, em 1939, a Polônia não tinha nenhuma chance.

Ambos os ocupantes começaram a política de extermínio da população polonesa, enchiam-se os campos de concentração alemães e gulags soviéticos, os intelectuais poloneses eram executados em massa. A totalidade do território polonês, no período 1939 – 1945, foi submetida a uma limpeza étnica radical e sangrenta. Os poloneses estavam lutando na clandestinidade e no exílio foi criado o governo polonês legítimo que coordenava o esforço de guerra de toda a nação. As organizações subordinadas clandestinas no país criaram um país subterrâneo, com uma substituição do parlamento subterrâneo, sua própria administração e as forças armadas – Armia Krajowa. Em Londres, ficavam o presidente Władysław Raczkiewicz e o primeiro-ministro e Comandante em Chefe, Władysław Sikorski. As tropas polonesas lutavam na guerra em todas as frentes.

¹¹⁴ Diga-se de passagem, também na ciência, a primeira mulher a receber um Prêmio Nobel, Marie Skłodowska Curie (1867 - 1934). Imigração de Felix Charężinski e família, para o Brasil – 1936.

O maior Exército Polonês no Ocidente era o II Corpo do general Władysław Anders, na Itália. Foi criado em 1941 na URSS, nos termos do acordo entre o general Sikorski e Majski, e composto principalmente de prisioneiros poloneses libertados.

Para o futuro da Polônia, porém, eram mais importantes as decisões políticas dos representantes da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos e da União Soviética, feitas durante as conferências de 1943 em Teerã, e de 1945 em Yalta, que decidiram o destino da Polônia: os terrenos do leste da República foram dados à URSS e a Polônia ficou sob a influência soviética. Mais uma vez, a guerra entre as superpotências deixou a Polônia devastada e a população diminuiu em um terço.

A Polônia sob o domínio soviético

A União Soviética, de 1945 até o final da década de 80 do século XX, controlou a Polónia subjugada, às vezes chamada República Popular da Polónia, governada por governos fantoches subordinados ao império comunista, geralmente usando os métodos de terror político. No entanto, a resistência da sociedade polaca contra o regime comunista era grande. A conspiração e a luta armada contra a opressão comunista duraram até o final dos anos 40 e em algumas regiões até meados da década de 50. Após a derrota sofrida pela conspiração anti-comunista, a resistência polonesa contra o novo governo continuou e o governo comunista tentou impor a ideologia ateia, antireligioso a toda a sociedade.

Em junho de 1956, teve lugar a primeira greve geral na República Popular da Polónia. Esses eventos tornaram-se conhecidos como a rebelião contra o sistema político imposto e contribuíram para um avanço político, conhecido como “outubro polonês de 1956”. Uma outra convulsão social teve lugar por ocasião do milénio do batismo polonês, em 1966, e em escala ainda maior em março de 1968, que terminou por uma pacificação brutal de manifestações estudantis e a emigração de milhares de cidadãos da República Popular da Polónia. Em dezembro de 1970, na costa - em Gdansk, Gdynia, Szczecin e também em Białystok, Cracóvia e Wałbrzych - ocorreram novamente greves, manifestações e batalhas de rua.

Uma onda particularmente forte de greves varreu a Polónia em 1980, depois foi formado um sindicato independente NSZZ “Solidarność”¹¹⁵, liderado por um trabalhador de Gdansk, Lech Wałęsa. Não sem importância para o clima de mudança e liberdade e para a coragem aumentada da representação dos trabalhadores foram os acontecimentos na Igreja Católica. Em 1978, o Cardeal Karol Wojtyła, de Cracóvia, foi eleito Papa e, como João Paulo II, fez uma peregrinação para o país em 1979. Para milhões de poloneses, João Paulo II foi o convidado mais esperado mas para o governo comunista foi muito difícil. O Papa veio à República Popular da Polónia três vezes – em 1979, 1983 e 1987. Milhões de pessoas, participando em reuniões com o Papa, experimentaram não apenas um renascimento religioso, mas também fortaleceram seu senso de identidade social. As pessoas sentiram-se uma força social.

O “Solidarność” tornou-se rapidamente um amplo movimento social que unia mais de 9 milhões de membros. Era um fenômeno sem precedentes em todo o bloco soviético e basicamente qualquer coisa incompatível com o sistema político existente.

Os comunistas, dirigindo a Polónia, escolheram no entanto uma solução violenta e no dia 13 de dezembro de 1981 foi declarado o estado de sítio que devia destruir o “Solidarność” e apagá-lo da memória da sociedade polonesa. Mas não resolveu os problemas poloneses. Em face da grande depressão, começaram as negociações dos representantes do regime comunista

¹¹⁵ *Niezależny Samorządny Związek Zawodowy „Solidarność” (NSZZS) – Sindicato Independente e Autogestionado “Solidariedade” (DABRIK; FERNANDES; 1984, p.345).*

e da oposição. No inverno de 1989, como resultado das reuniões chamadas “Mesa Redonda”, foi assinado um acordo que previa entre outros, a realização das eleições parcialmente livres para o Sejm e eleições totalmente livres para o Senado.

A Polônia recupera a soberania

As eleições realizadas em 4 de junho de 1989 trouxeram a vitória ao “Solidarność”. No dia 24 de agosto de 1989, a carteira do Primeiro-Ministro recebeu o candidato do “Solidarność”, Tadeusz Mazowiecki. O Parlamento mudou a constituição e o nome do país. A República Popular da Polônia passou para a história. Começou o período da República da Polônia. Os eventos na Polônia provocaram o processo de queda de todo o bloco comunista. A ordem de Yalta deixou de existir.

Em 1990, os poloneses escolheram em eleições diretas o presidente, Lech Wałęsa. Em 1991, tiveram lugar eleições totalmente democráticas para o Parlamento. A Polônia tornou-se um país democrático e a economia socialista foi substituída por mecanismos de mercado e o respeito a propriedade privada. Aproveitando-se de uma situação internacional favorável, os poloneses não só conseguiram deixar pacificamente a esfera de influência soviética e as tropas soviéticas foram retiradas, mas também se ligar aos países do Ocidente por meio da participação na Otan e na União Europeia.

A 10 de abril de 2010, perto de Smolensk, na Rússia, morreram 96 pessoas – o presidente polonês, Lech Kaczyński e sua esposa, o último presidente da Polónia no exílio Ryszard Kaczorowski, e muitos membros da elite da República Sereníssima, que constituíam a delegação polonesa para as celebrações do 70º aniversário do massacre de Katyn. Essa tragédia mudou a imagem da Polónia moderna.

ANEXO A – CASA DO MONTANHÊS/CASA POLONESA – NOVA PRATA



Fonte: Acervo do pesquisador. 2017.

**ANEXO B – PLACA TURÍSTICA DA CIDADE DE NOVA PRATA, INDICANDO
CASA POLONESA – LOCALIZADA NA AVENIDA PRESIDENTE VARGAS
ESQUINA COM A RUA CORONEL VIRGÍLIO SILVA**



Fonte: Acervo do pesquisador. 2017.

ANEXO C – DETALHES DA ORGANIZAÇÃO PRÉ-EXISTENTE NAS COLEÇÕES TRABALHADAS



Fontes: Acervo do pesquisador. 2017.

ANEXO D – SIMILITUDES ZAKOPANE/NOVA PRATA



Fonte: TONDOS, B. 2004. P. 87. Editado pelo pesquisador.



Fonte: Acervo do pesquisador. 2017.

**ANEXO E – LISTA DE PASSAGEIROS DO NAVIO A VAPOR – LEIPZIG, 1884.
BREMEN/ANTUÉRPIA/LISBOA/RIO DE JANEIRO.**

No	NAMES	AGE		SEX	CALLING	The country of which they are citizens	
		Years	Months			Where from	Where to
62	Margaritka Gauscher			F		Antwerpen	Rio de Janeiro
63	Joh. Wihl. Barthel	27		M	Passant	"	"
64	Joh. Eber. Caspari	27		"	"	"	"
65	Georg. Frl. Wölp	27		"	"	"	"
66	Georg. Nagel	27		"	"	"	"
67	Georg. Kasner	45		PA	"	"	"
68	Eliseta	40		F	"	"	"
69	Franziska	17		"	"	"	"
70	Johann	14		M	"	"	"
71	Vincent	11		"	"	"	"
72	Veronika	7		F	"	"	"
73	Mariana	4		"	"	"	"
74	Johann Hilka	29		M	Passant	"	"
75	Anna	25		F	"	"	"
76	Johann	9		M	"	"	"
77	Franz. Stormoriti	22		PA	Passant	"	"
78	Provalie	21		F	"	"	"
79	Emilie	2		"	"	"	"
80	Joseph	29		M	Passant	"	"
81	Theodor Wapp	33		M	Passant	"	"
82	Oscar Wiehe	19		F	Gouverneur	"	"
83	Andreas Feil	28		PA	Passant	"	"
84	Josephine Wenz	19		F	Passant	"	"
85	Helene	24		"	"	"	"
86	Joaquim Silva	27		M	Monte Branco	Lisboa	"
87	Augusto Oliveira	24		"	"	"	"

Fonte: Arquivo Nacional - Divisão de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras (DPMF). (Detalhe p. 02).
Editado pelo pesquisador.

ANEXO F – AMOSTRAS DA COLEÇÃO – CARTÕES POSTAIS (1.5.1)



Fonte: BARĄCZ, F. *Żyjesz w XX wieku ucz się kultury technicznej*. 1985, POSTAL, 15cm X 10cm. (Vives no século XX, tem que aprender a cultura tecnológica).



Fonte: SALLUM, Eduardo. *Parque Polonês, Bosque João Paulo II, Conjunto folclórico 'União Juventus' no parque.* (Sem data), POSTAL, 10cm X 15cm.



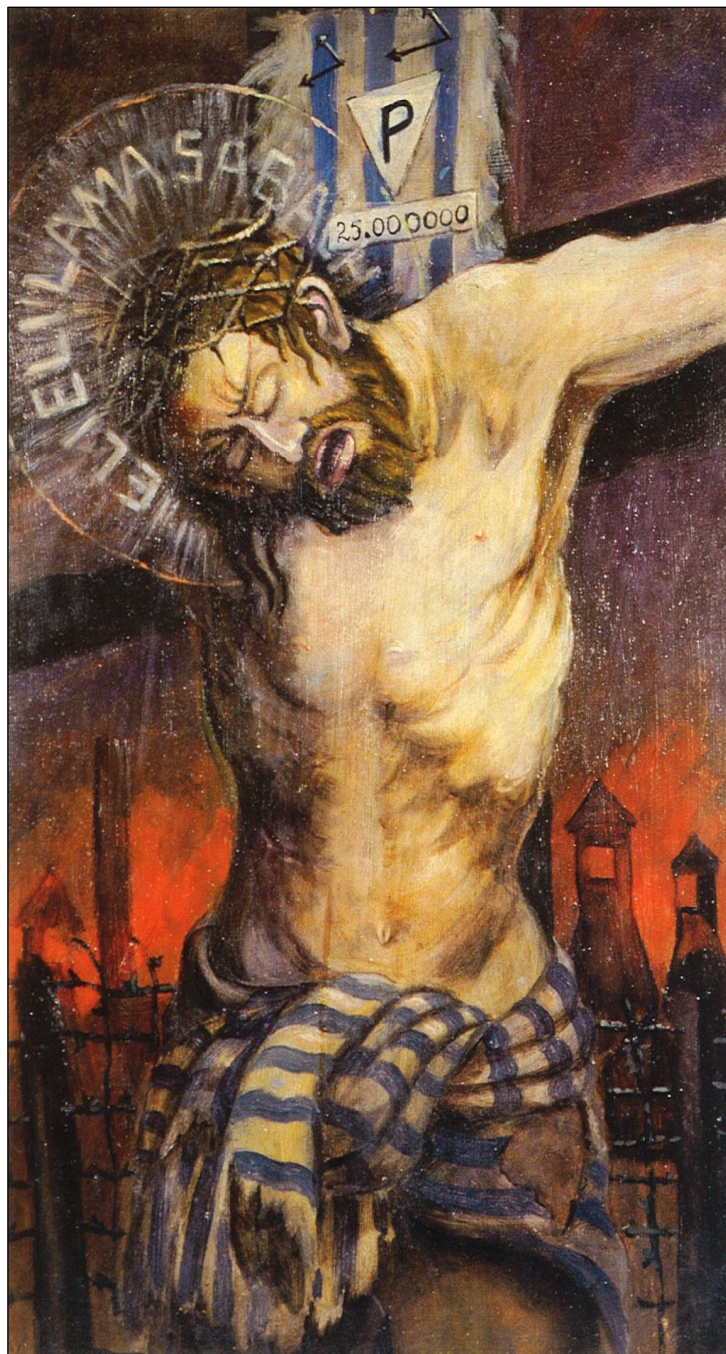
Fonte: GAŚIENICA, Maciej. *Polana Jaworzynka w głębi Kopa Magury 1704m.* (Sem data), POSTAL, 10cm X 15cm. (Vila polonesa com o pico Magury ao fundo).



Fonte: MOMOT, Stanislaw. *Tatry – Giewont 1909m.* (Sem data), POSTAL, 10cm X 15cm.

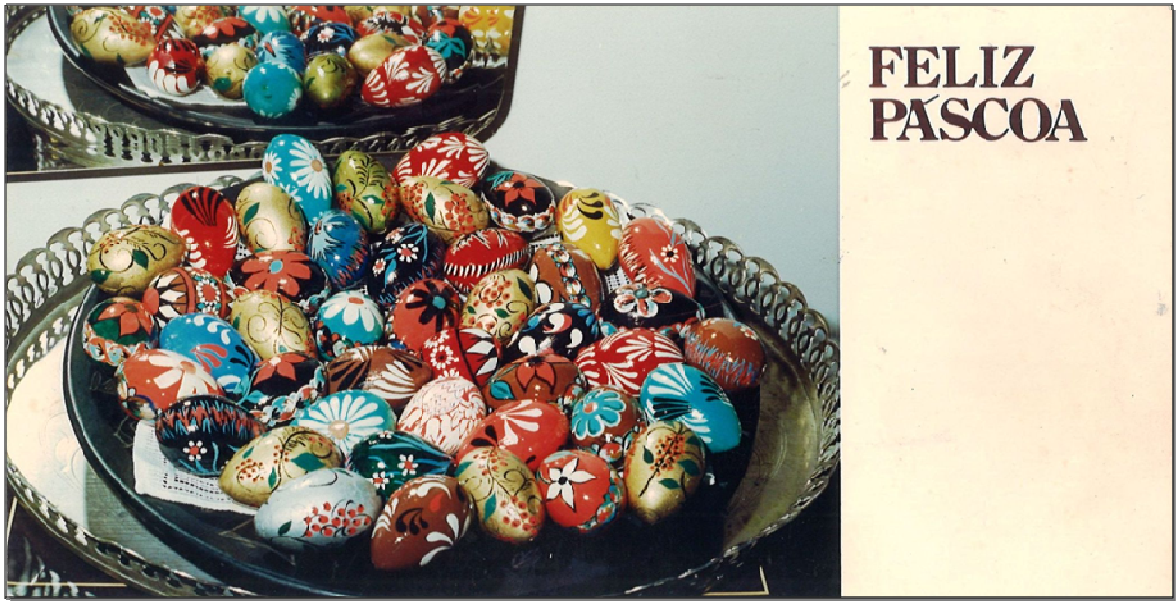


Fonte: PLURIGRAF. *João Paulo II.* 1980, POSTAL, 10cm X 15cm.



Fonte: GAŚIENICA, Maciej. *Kościelisko – Kościół parafialny p.w. Św. Kazimierza*. (Sem data), POSTAL, 18cm X 10cm. (Kościelisko – Igreja da paróquia de São Casemiro).

Obraz nieznanego malarza włoskiego, namalowany w obozie koncentracyjnym w Oświęcimiu. Artysta nie dożył chwili oswobodzenia, ale dzieło ukrywane starannie dotrwało do dziś. Obraz przyniósł do kościoła współwięzień obozu ks. Adam Zięba, proboszcz kóscieliskiej parafii. (Obra de um artista italiano desconhecido, pintado no campo de concentração de Aushwitz. O artista não chegou a provar a liberdade, mas o trabalho foi cuidadosamente escondido e dura até hoje. A obra foi trazida à igreja pelo padre Adam Zięba, pároco da paróquia de Kóscielisko).

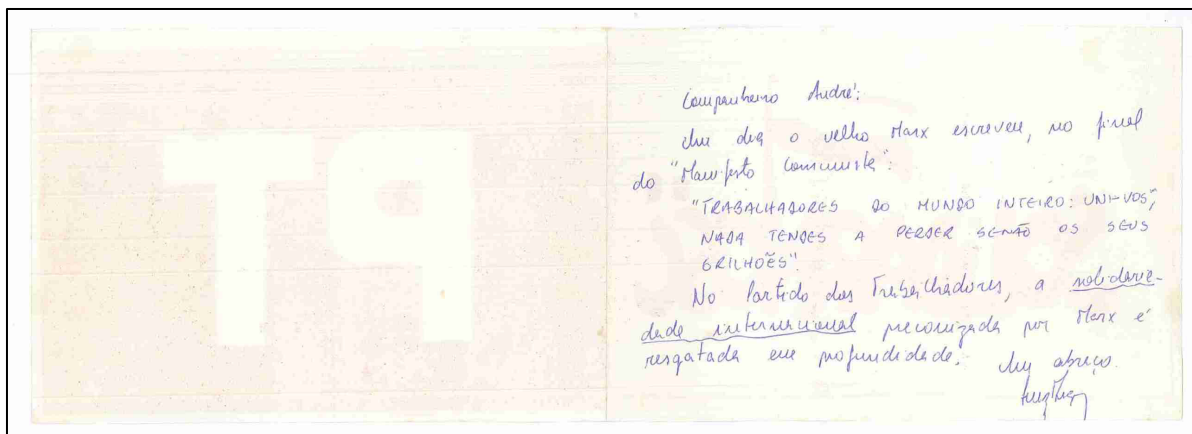
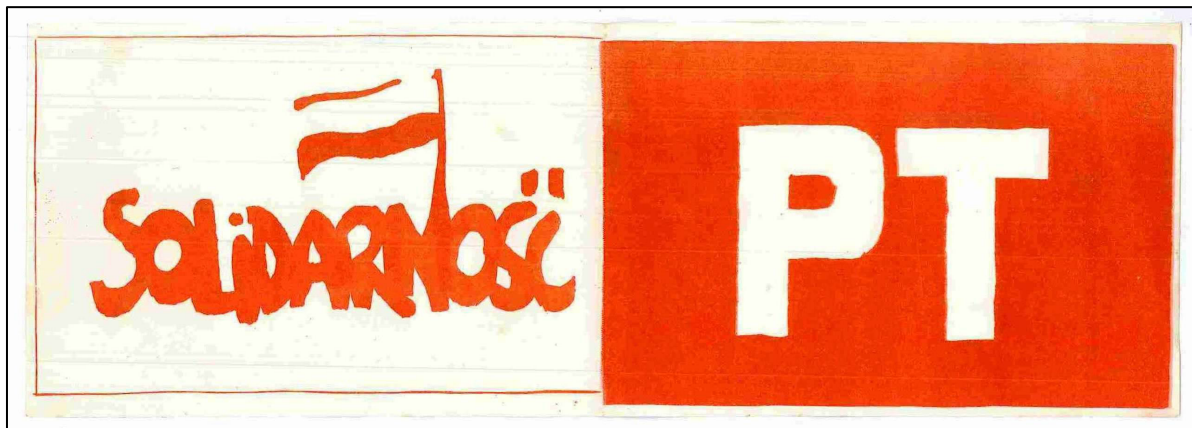


Fonte: GARDOLIŃSKI, Edmundo. *Pisanki*. (Sem data), POSTAL, 09cm X 18cm.



Fonte: NEDEFF, Marco A. *Praça da Bandeira em Nova Prata - RS, ipê amarelo, árvore símbolo*. Kaiser: Caxias do Sul, (Sem data), POSTAL, 10cm X 15cm.

ANEXO G – AMOSTRA DA COLEÇÃO – VIDA POLÍTICA E PARTIDÁRIA (1.4.2.1)



Fonte: (?), Luiz. *Solidarność e PT*. (Sem data), CARTÃO, 10,5cm X 16cm. 01 Fl.

Transcrição:

Companheiro André:

Um dia o velho Marx escreveu, no final do “Manifesto Comunista”:

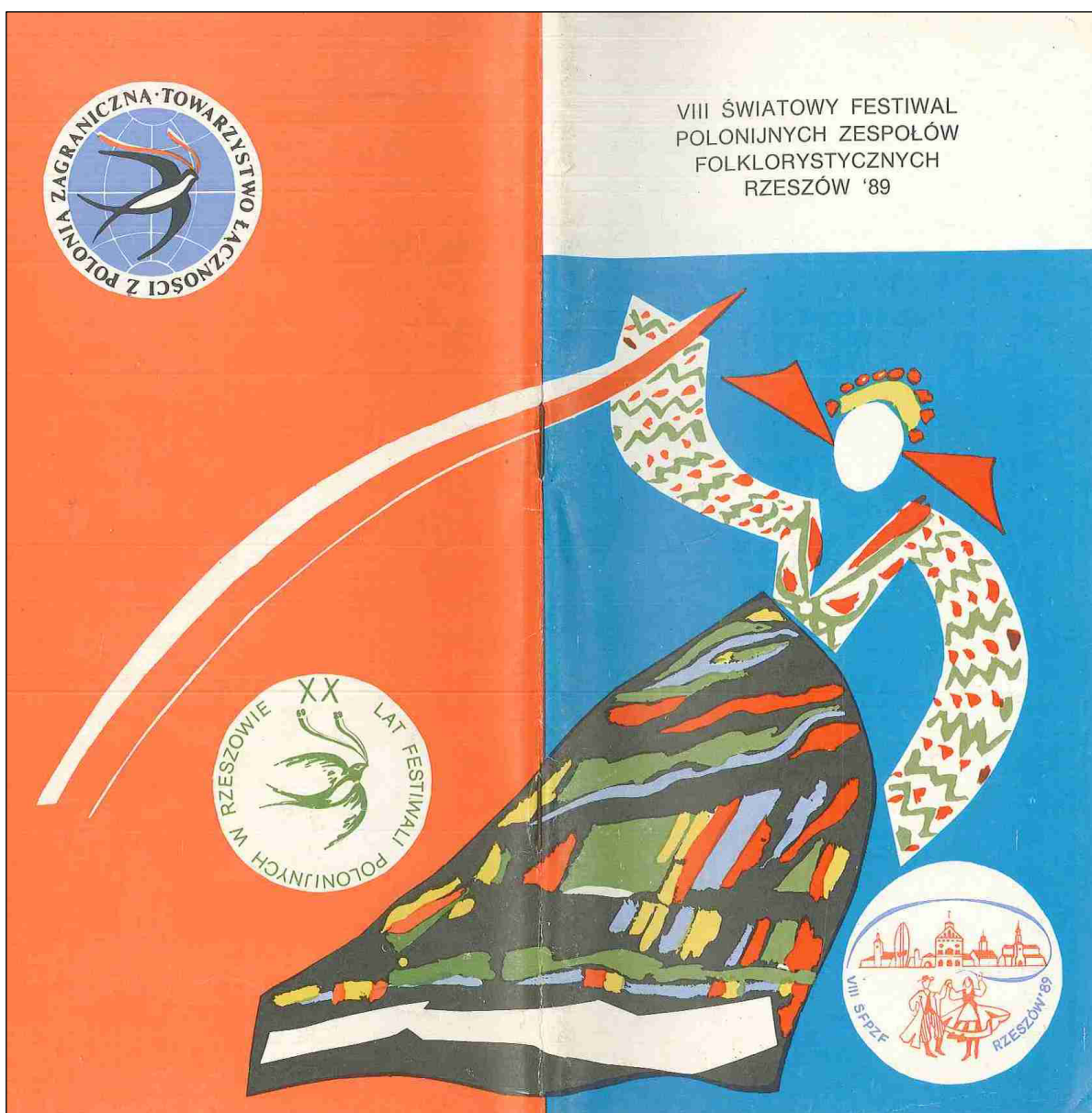
“TRABALHADORES DO MUNDO INTEIRO: UNI-VOS, NADA TENDES A PERDER SENÃO OS SEUS GRILHÕES”.

No Partido dos Trabalhadores, a solidariedade internacional preconizada por Marx é resgatada em profundidade.

Um abraço.

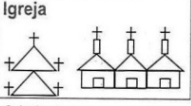
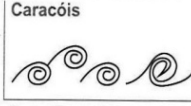
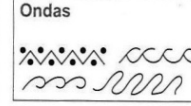
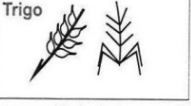
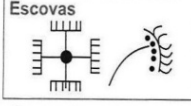
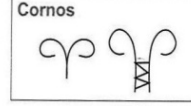
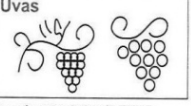
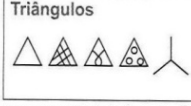
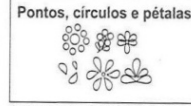

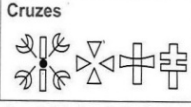
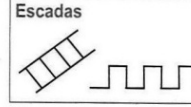

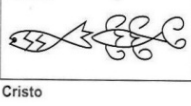
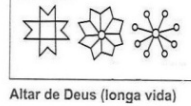
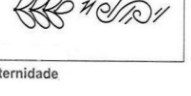
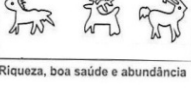
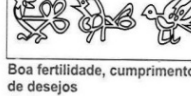
Luiz (?)

ANEXO H – AMOSTRAS DA COLEÇÃO – ARTE POPULAR POLONESA (1.7)



Fonte: MINISTERSTWA KULTURY I SZTUKI. VIII ŚFPZF. 1989, INFORMATIVO, 22cm X 11cm. 72 Pgs. (Capas).

Algumas simbologias utilizadas no "Pisanki"

<p>Igreja</p>  <p>Cristianismo</p>	<p>Caracóis</p>  <p>Proteção contra o mal</p>	<p>Ondas</p>  <p>Eternidade, proteção e saúde</p>
<p>Trigo</p>  <p>Prosperidade, fartura e saúde</p>	<p>Escovas</p>  <p>Casamento</p>	<p>Cornos</p>  <p>Abundância, prosperidade, proteção</p>
<p>Uvas</p>  <p>Crescimento da Igreja Cristã</p>	<p>Triângulos</p>  <p>Santíssima Trindade, fogo, ar e água</p>	<p>Pontos, círculos e pétalas</p>  <p>Amor, caridade, humildade, beleza</p>
<p>Folhas</p>  <p>Vida e Crescimento</p>	<p>Cruzes</p>  <p>Imortalidade, cristianismo</p>	<p>Escadas</p>  <p>Passos de progressão ao céu</p>
<p>Folhas de pino</p>  <p>Juventude eterna, força e saúde</p>	<p>Peixes</p>  <p>Cristo</p>	<p>Estrelas</p>  <p>Altar de Deus (longa vida)</p>
<p>Cintas que cercam o ovo</p>  <p>Eternidade</p>	<p>Cavalo e Cervos</p>  <p>Riqueza, boa saúde e abundância</p>	<p>Pássaros</p>  <p>Boa fertilidade, cumprimento de desejos</p>

Significado das cores utilizadas no "Pisanki"

ROSA - Exito

LARANJA - Energia, resistência

VERMELHO - Vitalidade

AMARELO - Sabedoria, abundância, prosperidade

VERDE - Cura, crescimento

AZUL - Paz, harmonia

VIOLETA - Amor, vida e felicidade

MARROM - A mãe terra

PRETO - Reverência à noite

BRANCO - Pureza

Fonte: MODELSKI, Kariane. *Pisanki*. BRASPOL: Nova Prata - RS, (Sem data), INFORMATIVO, 10cm X 11cm, 01 Fl. Editado pelo pesquisador.

ANEXO I – AMOSTRA DA COLEÇÃO – INFORMATIVOS DIVERSOS (1.10)



Fonte: SOCIEDADE POLÔNIA (Varsóvia - Polônia). *Programa cultural*. 1985, INFORMATIVO. 23cm X 11 cm. 48 Pgs. (Frontispício).

ANEXO J – AMOSTRA DA COLEÇÃO – PERIÓDICOS POLÔNICOS (1.13.1)

Pizzaria **VERONA**

FORNO A LENHA

O nome é VERONA,
o cardápio é italiano,
mas a casa tem
coração polonês.

AO MEIO DIA GALETO AO PRIMO CANTO	ENTREGA DOMICILIAR TELEPIZZA/33-5409
--------------------------------------	---

Av. José de Alencar, 337
MENINO DEUS - FONE: 33-5409



POLONUS

R0K - 2 Nr 10 LIPIEC



Hamerski exultante com o apoio



Zurawski no comando
Quem ganhou as eleições?



**CONJUNTO FOLCLÓRICO
DA SOCIEDADE POLONIA**
— PORTO ALEGRE —

11/08/89- "Uma noite em grande estilo"
Jantar tradicional dos pais

Diretoria de Idiomas (Wanda Hamerski)

*A necessidade da manutenção da língua polonesa viva entre os descendentes de poloneses das próximas gerações é constantemente debatida no nosso meio social. No entanto, na prática poucas famílias investem na transmissão do idioma às crianças e aos jovens. Fato a considerar é a relevância do inglês que conquistou a supremacia universal; porém a conotação que se dá ao ensino do idioma polonês agregado ao conhecimento da tradição, cultura e folclore é totalmente outra: **aprender para se conhecer, buscar o conhecimento para se perpetuar.** É a dimensão histórica e social do indivíduo como ser e como grupo. Destaca-se nesse sentido o trabalho desenvolvido por Wanda Hamerski, que timidamente iniciou no próprio grupo folclórico e que aos poucos conquista a geração dos 40 anos que conhece mas não domina o idioma polonês, com participação também de estudantes interessados em bolsas de estudo na Polônia. Já é um passo concreto.*

foto

No entanto, para o futuro próximo buscamos o potencial jovem e a criança, que tanto carece de passado imersa nos super-heróis do futuro e nas anti-pedagógicas apresentadoras de televisão. E, para que nossa proposta alcance um patamar mais sólido hoje buscamos você; descendente de poloneses conhecedor do idioma polonês comprometido com o futuro da nossa polonidade.



ANEXO K – AMOSTRA DA COLEÇÃO – PERIÓDICOS POLÔNICOS (1.13.1)



Fonte: Imprensa Polonesa: Porto Alegre - RS. *Odrodzenie (Renascimento)*. 1930, PERIÓDICO. 31cm X 22,5cm. 24 Pgs. (Frontispício).

ANEXO L – AMOSTRA DA COLEÇÃO – CALENDÁRIOS (1.9)



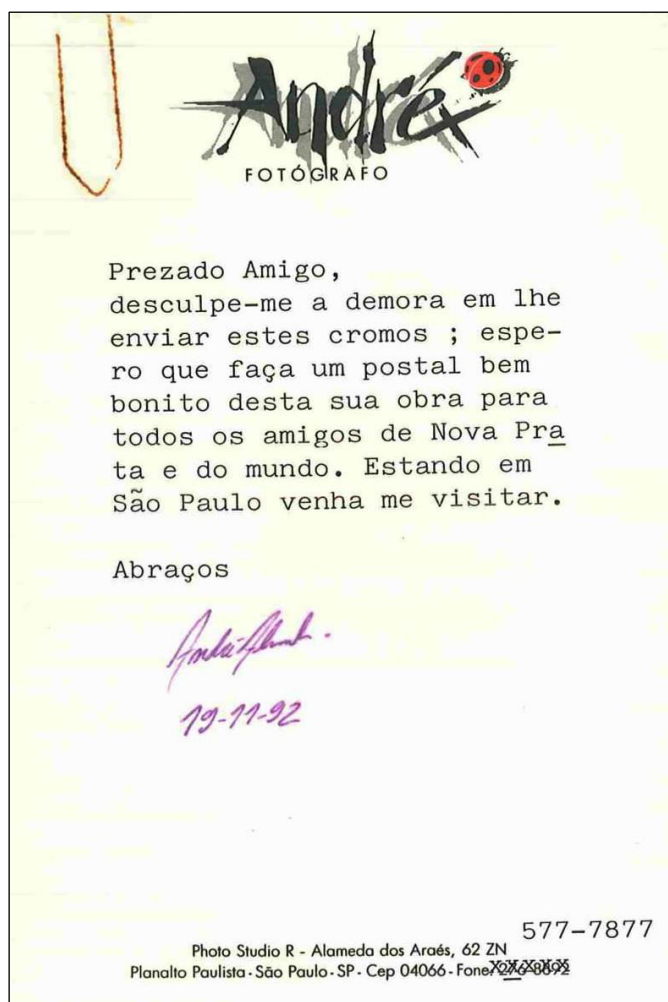
Fonte: Zowag:Warszawa. *Calendarz Tatry – Dom Książki*. 1981. CALENDÁRIO. 48cm X 31cm. 13 Pgs. (P.11).

ANEXO M – AMOSTRA DA COLEÇÃO – CARTAZES (1.12)



Fonte: (M.F. ?) Livraria do Globo. *Cartaz dos cem anos da imigração polonesa (1875 - 1975)*. 1975. CARTAZ. 60cm X 43cm.

ANEXO N – AMOSTRAS DA COLEÇÃO – CASA (2.3)



Fonte: AHMEL, André. *Para um futuro postal*. São Paulo - SP, 1992, BILHETE. 09cm X 16cm.



Fonte: AHMEL, André. *Sequência de cromos*, Nova Prata - RS, 1992?, 05 negativos, CROMOS. 4.5cm X 06cm (encarte - 12cm X 16cm).





ANEXO O – AMOSTRA DA COLEÇÃO – ARTE POPULAR POLONESA (1.7)



Fonte: (Desconhecido). *Wycinanki*¹¹⁶. (Sem data). PORTFÓLIO. 16cm X 100cm.

¹¹⁶ *Wycinanki* é uma arte composta por recortes e colagens que tem por característica a simetria, por meio de dobraduras e cortes são formados os trabalhos, que posteriormente podem ser aplicados a diversas superfícies.

